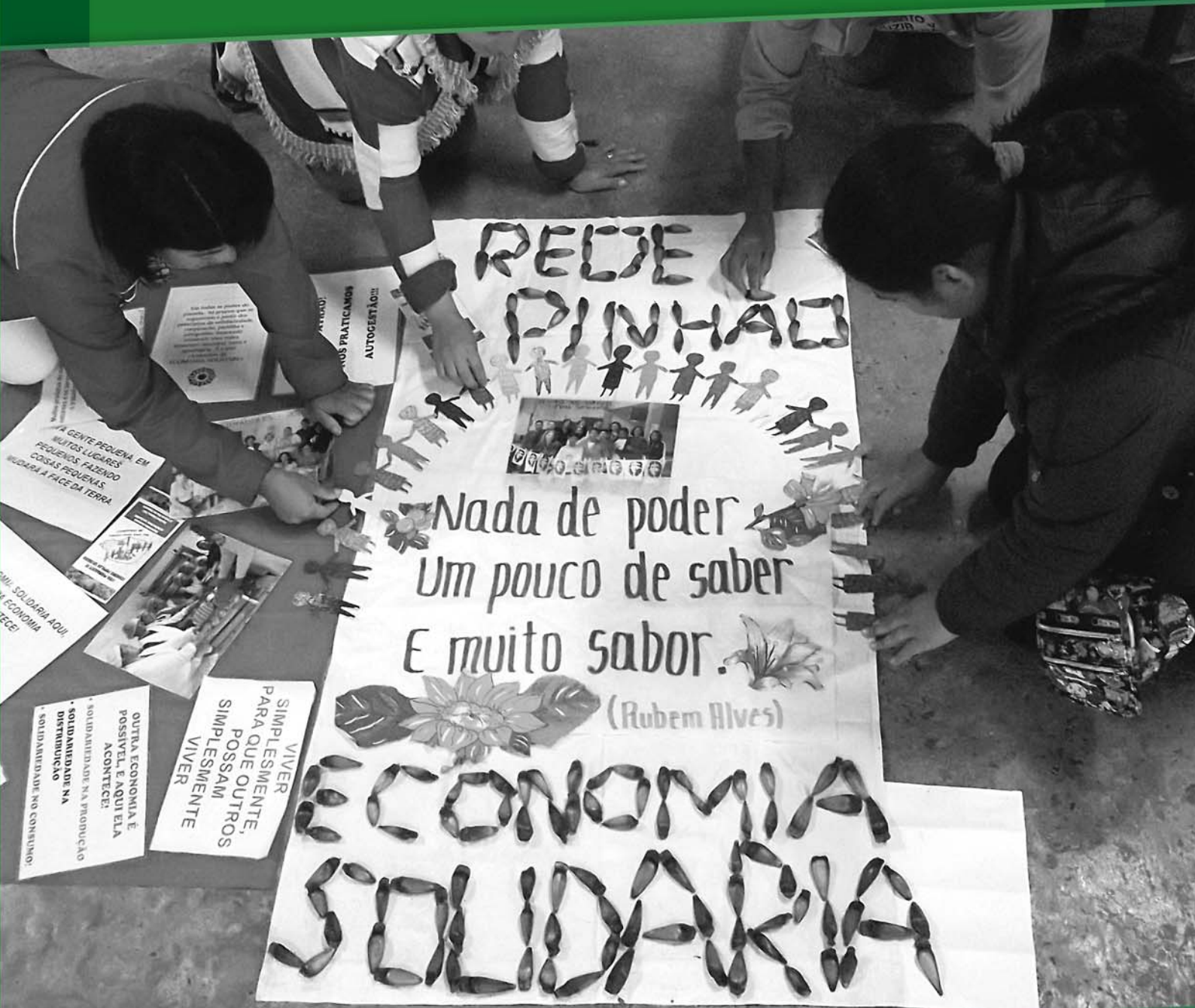


CLUBES DE TROCA

Rompendo o silêncio, construindo outra história



Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares

2

2ª Edição Revisada

Gisele Carneiro
Antonio Carlos Bez

Clubes de Troca

Rompendo o silêncio, construindo outra história

Metodologia e Sistematização de Experiências
Coletivas Populares

2

2ª Edição Revisada

Editora Gráfica Popular - CEFURIA

Título:

Clubes de Troca: Rompendo o silêncio, construindo outra história

Série:

Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares

Autores:

Gisele Carneiro e Antonio Carlos Bez

Publicação:

Editora Gráfica Popular - CEFURIA

Fone: 41 3346-0034

e-mail: egpopular@yahoo.com.br;

CEFURIA

Praça Generoso Marques, Galeria Andrade, Edifício Cláudia, sala 202 -

CEP 80.020-230 - Curitiba - PR

Telefones: (41) 3322-8487 (fax) / 3016-1475 / 3013-1475

E-mail: cefuria@cefuria.org.br

www.cefuria.org.br

Projeto Gráfico/Diagramação:

Carlos Deitos | Artes Gráficas

www.cdag.com.br

1ª edição: Abril de 2005.

2ª edição revisada e complementada: Agosto de 2011.

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Carneiro, Gisele.

Clubes de troca : rompendo o silêncio, construindo
outra história / Gisele Carneiro, Antônio Bez. -

2. ed. rev. - Curitiba, PR : Editora Popular :
CEFURIA, 2011.

160 p. : il. ; 21 cm. - (Metodologia e
sistematização de experiências coletivas populares ;
v. 2.)

1. Economia solidária. 2. Setor informal
(Economia). I. Bez, Antonio Carlos. II. Título.
III. Série.

CDD (22ª ed.)
334

Sumário

1 - APRESENTAÇÃO	9
2 - CLUBES DE TROCA: ESPAÇOS DE SOLIDARIEDADE	13
2.1 - O que são e como surgiram os clubes de troca	13
2.2 - A experiência do Paraná	15
2.3 - Rede Pinhão de Clubes de Troca	24
2.4 - Dez anos de clubes de Troca: aprendizado	28
3 - CONSTRUINDO AUTOGESTÃO	33
3.1 - Sugestões para organizar um clube de troca	34
3.2 - Dinâmica dos clubes de troca da Rede Pinhão	34
3.2.1 - Primeiro passo: acolhida	36
3.2.2 - Segundo passo: mística, dinâmica ou reflexão	37
3.2.3 - Terceiro passo: assuntos a serem tratados – pauta	41
3.2.4 - Quarto passo: apresentação de participantes e de produtos	42
3.2.5 - Quinto passo: trocas solidárias	43
3.2.6 - Sexto passo: avaliação e compromissos	48
3.2.7 - Sétimo passo: encerramento	49
3.3 - Dicas para animar encontros	49
3.4 - O papel das lideranças	53
3.5 - Educação popular e economia solidária	55
4 - ECONOMIA E SOLIDARIEDADE	61
4.1- Economia Solidária	63
4.2 - Economia solidária a partir dos sujeitos que a constroem	69
4.3 - Uma nova subjetividade	75
4.4 - Poder popular	78
5 - ATUAÇÃO SERVIÇO SOCIAL JUNTO A ECONOMIA SOLIDARIA	81
5.1 - Novos movimentos sociais	81
5.2 - Serviço social no cefuria	82
5.3 - Diálogo entre assistentes sociais	86
5.4 - Clubes de troca como espaços de fortalecimento dos sujeitos	90
5.5 - Trabalho, assistencialismo e poder popular	93
5.6 - O que é assistencialismo?	94
6 - CONCLUSÃO	99
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
8 - ANEXOS	103



Agradecimentos

Este livro foi construído coletivamente. Nos encontros mensais de animadoras e animadores da Rede Pinhão, destinávamos a parte da manhã para conversar sobre o livro. Destes encontros, por meio do diálogo, com auxílio dos símbolos, brotavam memórias, reflexões, troca de saberes, de sonhos, construção coletiva do conhecimento.

Houve outros momentos, em encontros de trocas, nos quais conversamos sobre o livro e também dali surgiram preciosas contribuições.

O movimento de economia solidária agradece a todas as pessoas que participam dos clubes de troca da Rede Pinhão; agradece às educadoras e aos educadores que têm colaborado nesta construção. Agradece ao Serviço Social que desde o início da trajetória dos clubes de troca acompanha e produz conhecimento sobre economia solidária; agradece todas as pessoas, comunidades, grupos, projetos que investem na proposta, Paróquias, enfim: parcerias que apóiam e têm contribuído na construção desta história, seja disponibilizando espaço para os encontros e feiras, seja com a destinação de alimentos e roupas, seja por contribuir com o próprio trabalho, ou por assessoria prestada.

Compartilhamos do mesmo projeto político, acreditamos ser possível uma outra economia, acreditamos numa nova cultura do trabalho. Esta esperança e este compromisso nos une.





1 Apresentação

Este livro apresenta a sistematização de uma prática de educação popular que vem sendo desenvolvida desde 2001 pelo Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA e Rede de Educação Cidadã - RECID: o acompanhamento a clubes de troca da economia solidária.

Trata-se da segunda edição do segundo livro da série Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares¹. A primeira edição acompanha uma fita de vídeo com o mesmo título do livro: "Clubes de Troca: rompendo o silêncio, construindo outra história".

O CEFURIA é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem como finalidade apoiar as organizações populares que buscam justiça social. Para tanto, atua desde 1981 com formação, comunicação e articulação com movimentos sociais. O nome é uma homenagem à Irmã Araújo, enfermeira, que dedicou sua vida a ajudar a população empobrecida na busca por melhores condições de vida e pela efetivação dos direitos sociais, em especial aqueles relacionados à saúde.²

Desde 1998, o CEFURIA acompanha coletivos de economia solidária, desenvolve cursos, seminários e oficinas, assessora entidades e movimentos sociais, promove feiras solidárias, contribui na formação e organização de grupos.

São objetivos destas práticas: a) contribuir na organização popular para conquista de novos direitos e efetivação daqueles já garantidos legalmente; b) elevar a auto-estima, autonomia e ampliar o protagonismo dos sujeitos envolvidos; c) contribuir na criação de novas formas de sociabilidade, fundadas no afeto, na democracia participativa, solidariedade, autogestão; d) melhorar as condições materiais de vida das pessoas envolvidas; e) investir na formação, para melhor compreensão do funcionamento da sociedade, e assim poder transformá-la.³

A Rede Pinhão também pôde contar com o acompanhamento sistemático de educadoras e educadores da Rede de Educação Cidadã – RECID: uma articulação de diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do Brasil, que assumem solidariamente a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e educação popular da população brasileira e, principalmente, de grupos vulneráveis econômica e socialmente (indígenas, negros, jovens, LGBT, mulheres, etc), promovendo o diálogo e a participação ativa na superação da miséria, afirmando um Projeto Popular democrático e soberano de Nação.⁴

Este livro tem o objetivo de apresentar uma prática de economia solidária que acontece há dez anos em Curitiba e Região Metropolitana: A experiência dos clubes de Troca da Rede Pinhão.

¹ O primeiro livro da série trata da metodologia de Paulo Freire: SILVA, Antonio Fernando Gouvea. A busca do tema gerador na práxis da Educação Popular. Curitiba : Editora Gráfica Popular – CEFURIA,

² Ver o livro Irmã Araújo, Vida e Obra. Organização: Ana Inês Souza. Curitiba : Editora Gráfica Popular – CEFURIA, 2004.

³ Ver site do CEFURIA: www.cefuria.org.br

⁴ Extraído do site da RECID: www.recid.org.br

A primeira edição do livro foi construída no ano de 2005, quando havia na região cerca de 22 clubes de troca com cerca de 40 a 50 pessoas cada um. Neste ano de 2011, conta-se 11 grupos e a média de participantes geralmente é de 15 a 20 pessoas.

Antes havia a motivação inicial, relacionada à sobrevivência, que fazia com que as pessoas se reunissem nos clubes de troca: as cestas básicas, providas de doações, que eram partilhadas nos momentos de trocas junto com a produção própria de cada participante.

Depois de alguns anos, diminuiu a quantidade de doações destinadas aos clubes de troca. Da mesma forma, se reduziu a acolhida a alguns grupos por algumas lideranças locais. Houve grupos que ficaram, inclusive, sem local para as reuniões. Os que sobreviveram buscaram estratégias para não se dissolverem, como a realização dos encontros nas casas de participantes.

As adversidades fortaleceram os clubes de troca. Ao mesmo tempo em que diminuiu o número de grupos e de pessoas, no ano de 2008, percebeu-se que os clubes formavam uma rede, que foi chamada Rede Pinhão de Clubes de Troca – composta pelos que restaram. E teve início o tradicional “Clubão”, evento anual que tem aglutinado os grupos.

Por que diminuiu tanto o número de grupos e de participantes? Por que, ao mesmo tempo, surge uma rede que torna mais consistente esta experiência de economia solidária? E por que alguns grupos resistem? Como se situam os clubes de troca no movimento de economia solidária? Qual é o aprendizado? Erros? Limites?

É preciso visitar a história para que possamos compreender o presente e planejar o futuro. No segundo capítulo, busca-se recuperar a história dos clubes de troca.

No terceiro capítulo – Construindo autogestão – há um conjunto de “dicas” que têm como objetivo claro contribuir com o fortalecimento da autonomia dos grupos. Como é a metodologia dos clubes de troca da Rede Pinhão? Qual é o papel das lideranças no avanço da economia solidária? Como se dá o diálogo com a educação popular?

No quarto capítulo, procura-se refletir sobre economia solidária. O que significa? O que os sujeitos envolvidos na Rede Pinhão têm a nos dizer? Qual é o debate que se estabelece atualmente? Há relação entre economia solidária e poder popular?

Desde 2001, quando foi inaugurado o primeiro clube de troca da Rede Pinhão, estagiárias e estagiários do Serviço Social têm atuado junto aos grupos, contribuindo para o seu fortalecimento e produzindo conhecimento sobre economia solidária. Algumas destas ex-estagiárias estão formadas e atuando junto aos movimentos sociais. O quinto capítulo trata da atuação do serviço social junto à economia solidária.

Esta segunda edição do livro pretende dar um passo adiante na sistematização desta experiência de economia solidária. O amadurecimento dos grupos, dos sujeitos envolvidos, das(os) educadoras(es) do CEFURIA enquanto entidade de apoio, o papel do serviço social, a atuação da Rede de Educação Cidadã – RECID, que foi decisiva nos momentos de crise...

Os sujeitos principais desta história, integrantes da Rede Pinhão – seja participantes, parceiras e parceiros, assistentes sociais e estudantes que acompanham os processos – buscam, com suas próprias palavras, refletir sobre as questões lançadas e contribuir para o fortalecimento do movimento de economia solidária.

Que seja possível lançar mais um tijolo na construção de um novo mundo possível, de uma economia a serviço da vida.



*Nas cirandas do povo
está nascendo um mundo novo*

PINHÃO

Em Curitiba, agora tem Pinhão!
com ele eu compro arroz e feijão,
açúcar e óleo, café e macarrão,
e ainda vendo a minha produção.

Pinhão não é moeda secundária,
mas não se encontra na rede bancária.
Cada um tem a parte necessária,
a nossa economia é solidária.

Clube de Troca é uma magia!
a gente troca a mercadoria,
também afeto, amor e alegria...
e a experiência do dia a dia.

Cada um faz o que sabe fazer,
e tem muito mais prá gente aprender.
Cada um diz o que quer dizer,
e todos têm o direito a viver.

A vida é fonte de felicidade,
porque é fruto de fraternidade.
A gente muda a realidade,
com espiritualidade.

Pinhão, agora, é nossa moeda.
Adoça a vida que o Real azeda.
Levanta quem na vida sofreu queda,
na nossa vida, resgata e enreda.

João Santiago⁵

⁵ João Santiago é poeta e militante.



2 Clubes de Troca: Espaços de Solidariedade

2.1 - O QUE SÃO E COMO SURTIRAM OS CLUBES DE TROCA

As trocas sempre existiram, desde o início da história do ser humano. Antigamente, não havia dinheiro e as pessoas precisavam trocar o que produziam para a sobrevivência.

O chamado *escambo* é a troca realizada sem a utilização do dinheiro ou moeda, e é praticado até hoje. Quem vive ou já viveu em área rural certamente experimentou esta forma de economia: quem produz feijão, troca com quem produz milho; quem abate um boi ou um porco, divide a carne com a vizinhança. No outro mês, quando outra família abate um boi, também faz a partilha. Desta forma, nunca falta para ninguém. Você, leitora ou leitor: se não viveu isso, já deve ter ouvido esta história de seus pais, avós.... acertamos?

O freezer possibilita guardar um boi inteiro. É uma invenção que serve à lógica capitalista do acúmulo, do egoísmo e do medo. Acumulação está ligada ao individualismo: quando acumulamos estamos pensando somente nas nossas necessidades próprias e de nossa família, e não nas necessidades do próximo e de seus familiares.

O medo é uma das raízes da acumulação. Quais são os medos que o sistema capitalista nos impõe para nos imobilizar, para fazer crescer a necessidade de acumular e para consumirmos mais do que o necessário?

- medo da morte;
- medo de ficar pobre;
- se já é pobre, medo de ficar ainda mais pobre do que é;
- medo de ficar doente;
- medo de ladrão;
- medo de violência;
- medo de ser enganado (a);
- medo de envelhecer;
- medo de perder o que tem;
- medo de acidente, de desastres naturais;
- medo de ser abandonado(a);
- medo de ser traído(a);
- medo de.....??????

Qual o outro medo que você acrescentaria na lista acima?

A lógica da acumulação precisa do medo para se manter. Quem tem muito dinheiro gasta em segurança privada, em seguro de vida, em planos de saúde, em cercas e muros altos, em compra de terras, em cirurgia plástica, em roupas da moda, em compras e mais compras ...

Quem tem pouco dinheiro, às vezes guarda o que tem debaixo do colchão. Pode também acumular na sua casa alimentos de cesta básica que pede nas igrejas, às vezes sem necessitar. Há quem acumule objetos que nunca utiliza, mas um dia “pode precisar”. Existem residências que são verdadeiros depósitos de objetos guardados, por medo de um dia faltar. E as pessoas continuam pedindo ou comprando, comprando, pedindo... coisas que não necessitam. Coisas que poderiam estar sendo úteis para alguém.

Os clubes de troca permitem que bens materiais e imateriais circulem, não fiquem guardados, “juntando poeira”. A troca possibilita a PARTILHA, que é o enfrentamento ao egoísmo, ao individualismo, ao medo.

Os bens materiais que são partilhados nos clubes de troca são aqueles os quais podemos pegar, como alimentos, roupas, artesanato... os bens imateriais são aqueles os quais não podemos pegar: a amizade, a sabedoria, o abraço, o olhar, a experiência... Se não disponibilizamos bens materiais e imateriais, eles ficam retidos, escondidos e nos tornamos pessoas amargas, tristes, pessimistas, doentes... isso porque o **medo** age como freio ao amor.

Marcos Arruda⁶ diz que economia solidária é a economia do necessário. Se acesarmos somente o que é suficiente para uma vida digna, não faltará para ninguém. Para este autor, economia solidária também é economia do amor. Para ele, amar é aceitar o outro como ele é. Exige esquecer um pouco de si para pensar no outro, no outro, na natureza, no cosmo...

Os clubes de troca ajudam as pessoas a enfrentar o medo de trocar, o medo de abrir mão do que têm. Seja objetos, seja sentimentos, seja saberes. Aprende-se que, quanto mais a gente reparte, mais a gente recebe. É preciso que a janela se abra para que a claridade possa entrar.

Clubes de troca parecidos com o que temos hoje surgiram simultaneamente na Argentina e Canadá. Eles representam, para Paul Singer, uma inovação na economia solidária: alternativas criadas pela população para resistir à recessão econômica, já que possibilitam adquirir e fornecer bens e serviços entre os membros do próprio grupo.

Em meados do ano de 1995, um grupo de 23 pessoas, algumas delas envolvidas com questões ecológicas e praticamente todas desempregadas, se reuniram numa garagem na Província de Bernal (Argentina) para trocar entre si objetos diversos. No início, as trocas eram controladas por meio de um caderno. Rapidamente aumentou o número de sócios e foram criados outros clubes.

Com o aumento de participantes e de grupos, surgiram os “créditos”, “vales” ou “bônus” e, mais tarde, a denominada *moeda social* – moeda que serve para facilitar as trocas.

Como as(os) participantes do primeiro clube de trocas passaram a assessorar os demais grupos que foram se formando, a maioria deles atuava de maneira semelhante. A denominação “Rede de Trocas Solidárias” surgiu quando os grupos passaram a interagir entre si, conectando-se sob a forma de redes.

Segundo Heloisa Primavera⁷, no ano de 2000 se iniciou um processo de “degeneração” dos clubes de troca argentinos, com a falsificação de moedas sociais por grupos

⁶ Fala de Marcos Arruda em curso do Centro de Formação em Economia Solidária – CFES, no Paraná, em 2011.

⁷ PRIMAVERA, Heloisa. Rede de Troca, moeda social e economia solidária na Argentina: o novo e o velho. *O Girasol* – Jornal da Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária. Rio de Janeiro, PACS, outubro, 2003.

oportunistas, e a consequente “hiperinflação” que acabou por prejudicar a credibilidade das organizações e instrumentos de troca.

Em 2002, período de grandes tensões sociais na Argentina, houve a criação de organizações populares de resistência, tais como o movimento dos piqueteiros, as assembléias populares de bairros e a ocupação de fábricas falidas. O ressurgimento de clubes de troca mais coerentes com os princípios da economia solidária ocorreu no ano de 2003, com a criação de um sistema que impedia a falsificação das moedas sociais.

Clubes de troca no Brasil

O primeiro clube de troca no Brasil foi inaugurado em 1998, em São Paulo, bairro de Santa Terezinha, Santo Amaro. No começo, inspirou-se na iniciativa francesa denominada “trocas de saber” e depois, passou a incorporar bens e serviços, atuando de forma parecida com o modelo argentino.⁸

Em 1999, teve início a experiência no Rio de Janeiro, seguida de Porto Alegre e várias outras cidades brasileiras.⁹

2.2 - A EXPERIÊNCIA DO PARANÁ

*Ninguém pode prender um sonho, impedir alguém de sonhar
ninguém pode prender a esperança de um povo sofrido, a lutar...*

(Canção das comunidades)

No dia 10 de novembro de 2001, no bairro do Sítio Cercado em Curitiba, surgiu o primeiro clube de troca da Rede Pinhão¹⁰. Participaram doze pessoas, sendo dez mulheres e dois homens. Havia artesãos, costureiras, integrantes de padarias comunitárias, estagiária do Serviço Social, três educadores do CEFURIA e uma criança.¹¹

As providências para o primeiro encontro, bem como a denominação “Pinhão” para a moeda social e para o clube de troca, resultaram de um debate prévio, democrático, ocasião em que houve várias sugestões. Pinhão é fruto da Araucária, árvore símbolo do Paraná. No dia da inauguração, na Igreja N. Sra. Auxiliadora no Sítio Cercado, cada participante plantou, simbolicamente com pinhões, um sonho relacionado à experiência que se iniciava.

O nascimento deste projeto só foi possível porque houve uma série de passos anteriores: momentos intensos de estudo sobre economia solidária, viagens a Argentina e São Paulo para conhecer as experiências dali, oficinas de moeda social, cursos, semi-

⁸ Os clubes de troca de São Paulo têm sido parceiros da Rede Pinhão e muito têm contribuído com os seus saberes e sua experiência. Em anexo, há duas cartilhas produzidas em São Paulo, que tratam das trocas solidárias.

⁹ CASTRO, in Singer. 2000, p. 290.

¹⁰ Rede Pinhão é uma denominação utilizada desde 2008.

¹¹ Ver o vídeo “Clubes de Troca: rompendo o silêncio, construindo outra história” - Quem TV - que mostra este momento de inauguração do primeiro clube de troca da Rede Pinhão.

nário de cooperativismo, feiras de economia solidária, dentre outros acontecimentos.

A educadora Lourdes Marchi, do CEFURIA, foi a precursora dos clubes de troca da Rede Pinhão. Ela esteve na Argentina no ano de 1999 e conheceu a experiência das trocas em Buenos Aires. Na volta, seu entusiasmo foi contagiante e alguns anos depois, por meio de várias articulações e o empenho dos grupos, foi possível tornar concreto o sonho de dar mais um passo na construção da economia solidária no Paraná. Nascia o primeiro clube de troca da Rede Pinhão.

O clube de troca foi se expandido lentamente no primeiro ano. No final de 2002, havia 72 participantes e a criação de mais dois grupos: um grupo na região de Santa Felicidade (Curitiba) e outro na Vila São Pedro.

Substituindo doações pelas trocas: uma inovação paranaense

Em setembro de 2002, foi criada uma experiência até então inédita: o clube de troca com beneficiárias e beneficiários de cestas básicas providas de doações nas Paróquias.

A equipe de assistentes sociais do Centro Comunitário Santo Afonso, em Curitiba, da Paróquia N. Sra. Do Perpétuo Socorro atuava, na época, com a população que recorria à entidade em busca de auxílio. O trabalho do Serviço Social junto a estas pessoas não se limitava ao fornecimento de gêneros alimentícios: aconteciam reuniões nas quais se tratava de diversos assuntos, como direitos sociais. Havia também atendimentos individuais para casos relacionados à saúde, violência, além de cursos de capacitação profissional.

O Serviço Social buscou avançar mais, e iniciar uma experiência de economia solidária. Logo passou a circular a moeda social Pinhão, que era utilizada para a troca de produtos entre participantes; a moeda também era utilizada para adquirir alimentos de cesta básica. Ou seja: o alimento não era mais doado, e sim obtido através de troca, dentro dos princípios da economia solidária.

Foram constituídos quatro clubes de troca naquele local: Clube de Troca Amigos, Unidos Venceremos, Esperança e Amizade.

A partir da experiência bem desenvolvida, a notícia se irradiou para outras paróquias que, na ânsia de superar as práticas assistencialistas, também construíram espaços de economia solidária com a partilha dos alimentos. Assim, germinaram novos grupos.

A partir do Centro Comunitário Santo Afonso, foram gerados outros três grupos: dois no município de Colombo e um em Almirante Tamandaré.

No ano de 2005, havia cerca de 22 grupos em Curitiba e região metropolitana, envolvendo aproximadamente 1.000 pessoas.

Momentos de crise

*Animadas pela fé, e bem certas da vitória,
vamos bater o nosso pé, e fazer a nossa história, animadas pela fé!*
(Canção das comunidades)

A partir de 2006 alguns espaços já não disponibilizavam mais alimentos obtidos a partir de doação, para a partilha. Outros até mesmo dificultavam ou impediam a realização dos encontros nos locais onde até então aconteciam. Houve demissão da assistente social que atuava no Centro Comunitário Santo Afonso, da Paróquia N. Sra. Do Perpétuo Socorro. Algum tempo depois, as portas foram definitivamente fechadas para a economia solidária naquele local.

Outras Igrejas também deixaram de apoiar os clubes de troca e foram aos poucos retirando os alimentos. Eventualmente acontecia, também, a exigência de contrapartida em troca da utilização do espaço destinado aos encontros, como o envolvimento nas atividades e eventos da Igreja. Nos grupos, participam pessoas de todas as religiões e por isso, esta exigência encontrou muita resistência.

A falta de apoio levou à dissolução de diversos grupos. Outros poucos tiveram redução no número de participantes, mas resistiram, mesmo sem local para as reuniões e sem o alimento para a partilha. É o caso do Clube de Troca Estrela da Manhã e Novo Amanhecer, de Colombo. São grupos compostos por mulheres que não deixaram de se encontrar.

A semente gera novos frutos

Abaixo, está o relato do diálogo estabelecido no Clube de Troca Estrela da Manhã – Colombo, ocasião em que as mulheres lembram os momentos difíceis e o aprendizado que acumularam nos 10 anos de clubes de troca.

CLUBE DE TROCA ESTRELA DA MANHÃ

O Clube de Troca Estrela da Manhã surgiu no ano de 2003, a partir dos 04 grupos que se reuniam no Centro Comunitário Santo Afonso. Como havia muitos par-



Clube de Troca Estrela da Manhã.

*Clube de Troca Estrela da Manhã.*

ticipantes de Colombo, foram criados dois grupos naquele município. No início, com apoio da assistente social e de estagiárias do Serviço Social.

As mulheres atravessaram momentos difíceis na sua trajetória coletiva: foram expulsas do local onde se reuniam, passaram a fazer suas reuniões na casa de uma participante, depois conseguiram um espaço público (CAIC), foram novamente convidadas a se retirar. Foram acolhidas numa creche e depois em um centro de convivência.

Durante todo o período, se mantiveram persistentes, unidas, perseverantes. Enfrentaram muitos desafios, perseguições e sobreviveram mesmo em condições difíceis, como reuniões debaixo de chuva, por falta de telhas no pátio que fica nos fundos da igreja; também estiveram em espaços insalubres ou pequenos demais para elas.

A experiência que o grupo acumulou é significativa. As mulheres se reúnem há 08 anos, quinzenalmente, faça chuva ou faça sol. Mesmo que tenham que caminhar por longa distância.

Durante um encontro no dia 04 de julho de 2011, em momento de reflexão antes

*Clube de Troca Estrela da Manhã.*

das trocas, as mulheres disseram ser muito importante a construção deste livro, por conter informações, a memória dos grupos, dicas, aprendizagem. Elas asseguraram que participar do clube de troca é importante porque aprendem umas com as outras, desenvolvem o respeito, a responsabilidade, a participação, a ajuda mútua. Clube de troca é importante pelas companhias, pelo trabalho coletivo. Dizem que um grupo, para ser forte, precisa de união e precisa também participar de outros grupos – compartilhando, trazendo e buscando informações. É este o significado de Rede.

Como o livro é para ser utilizado como fonte de informações, que seja útil para outras pessoas, para outros grupos. Assim, as mulheres partilham suas experiências a partir do que aprenderam durante todos os anos:

- “Quando uma porta se fecha, outras se abrem. Não podemos desistir, precisamos nos unir.”
- “Confiamos muito no espaço em que estávamos reunidas e nos expulsaram. Tentaram nos derrubar mas não conseguiram.”
- “Algumas mulheres desistiram, o grupo era grande, havia umas 40 pessoas. Hoje, somente 17. As que ficaram são guerreiras. A união faz a força.”
- “Num determinado momento, pessoas vindas de fora quiseram assumir a coordenação, dominar o grupo. Mas nós não deixamos. Somos fortes.”

CLUBE DE TROCA NOVO AMANHECER

Assim como o Clube de Troca Estrela da Manhã, o Novo Amanhecer, também de Colombo, é composto por mulheres que jamais desistiram de lutar.

Em encontro de formação, bem como em grupo focal orientado pela estagiária do



Clube de Troca Novo Amanhecer em seus momentos marcantes.

Serviço Social Evelyn Raquel Carvalho, foram registradas reflexões das mulheres acerca da economia solidária.



Clube de Troca Novo Amanhecer durante encontro de formação na Casa de Encontros Paz e Bem.

- “O objetivo da economia solidária não é o lucro, ela valoriza outras coisas: protege a vida, o trabalhador... e não o lucro!”
- “Nós somos a rede!”
- “Os clubes são a semente que germina a cada novidade, como se fosse água.”
- “Devemos evitar o acúmulo, não fazer as trocas antes da hora, praticar o consumo consciente.”
- “Eu me sinto pertencendo a este grupo, está registrado, tem fotos, vídeos...”
- “Clube de Troca fez diferença na minha vida. Aprendi a ter mais autoconfiança. Quando aprendemos a lei da mulher, a Lei Maria da Penha, acordei mais para a vida.”
- “Agora me sinto compreendida, vivo melhor. Compreender o outro é compreender a si mesma.”
- “As oficinas de produção são momentos onde aprendemos juntas, descobrimos que podemos criar algo.”

CLUBE DE TROCA NOVA SEMENTE

*Põe a semente na terra, não será em vão.
Não te preocupes a colheita, planta para o irmão.
(Canção das comunidades)*

Outro desdobramento dos clubes de troca do Centro Comunitário Santo Afonso, foi o Clube de Troca Anjo da Guarda, de Almirante Tamandaré. Este grupo foi dissolvido e depois de alguns anos renasceu, desta vez realizando os encontros numa associação de moradores, e com um novo nome: “Nova Semente”.

O nome “Nova Semente surgiu sob inspiração da participação de algumas ex-integrantes do Clube de Troca Anjo da Guarda na Jornada de Agroecologia, que aconteceu em Cascavel no ano de 2007. Foi realizada uma oficina de economia solidária e a simbologia era a semente.



Clube de Troca Nova Semente



Inauguração da Padaria Comunitária.

Alguns anos depois, o grupo constituiu uma padaria comunitária com o mesmo nome “Nova Semente”



Padaria Comunitária Nova Semente, em curso técnico com companheiras de Rebouças

CLUBES DE TROCA DA REDE PINHÃO

Estrela da Manhã, Novo Amanhecer e Nova Semente foram uma espécie de “desdobramento” dos clubes de troca do Centro Comunitário Santo Afonso, em 2003. Na mesma época outros grupos se iniciaram sob a mesma inspiração. Alguns se dissolveram e outros, graças à sua determinação e apoio de lideranças locais, fortalecem-se a cada dia. São eles: (a) Clube de Troca São Tiago, (b) Clube de Troca da Amizade; (c) Clube de Troca Mãos Unidas; (d) Clube de Troca Fonte de Água Viva; (e) Clube de Troca do Jurema.

O Clube de Troca N. Sra. do Perpétuo Socorro do Rio Bonito foi constituído em 2010, tendo como assessoria integrantes do Clube de Troca São Tiago.

Vários grupos já estão se organizando para iniciar ou reiniciar as atividades, como o “Novo Amanhã”, em Mandirituba.

Por que algumas portas se fecharam para os clubes de troca?

Para Marise de Jesus de Souza, do Clube de Troca Novo Amanhecer, *“a autonomia dos grupos assusta porque se tem a expectativa de uma população submissa, dependente. Quando o grupo exerce poder, isso gera medo. Marise aprendeu que a luta com garra e coragem, ajuda a avançar. Nunca desistir!”*

As participantes mais antigas afirmam que é comum as pessoas se submeterem a humilhações para acessarem recursos materiais. Relatam que antes de participarem dos clubes de troca, era exigido que contassem toda a sua vida para convencer os “doadores” sobre seu estado de carência; era preciso que sofressem humilhações para terem direito a acessar alimentos. Com a economia solidária, isso se modifica. O alimento vem como direito e não como favor.



Edi, Idair, Maria José, Marise, Nair e Lourdes (da esquerda p. direita).

Idair Pereira da Silva, do Clube de Troca Nova Semente, por meio de um depoimento, exemplifica a diferença entre a economia solidária e o capitalismo: *“quando se é colocado no meio dos poderosos, se é massacrado. Na economia solidária, não! Quando fui pela primeira vez ao Centro Comunitário Santo Afonso, coloquei minha situação para que o grupo decidisse se eu poderia entrar ou não, porque não tinha mais vaga.”*¹² *Eu estava muito ansiosa, esperando ser massacrada. O grupo resolveu que eu poderia ficar porque alguns integrantes haviam faltado. Como eu não teria direito ao alimento porque entrara naquele dia*¹³, *cada participante me deu um produto da sua própria cesta básica, e pude ir para casa com a sacola cheia! Passei a freqüentar o clube de troca e sempre acessava alimentos. Eu sentia que aquela “doação” não era, na verdade, uma doação. Me sentia útil, valorizada! Ninguém me cobrava explicações – se estava trabalhando ou não... clube de troca é um novo modo de viver.”*

Maria José da Silva e Edi Fernandes concordam com Idair e Marise: *“nos locais onde há doação da cesta básica, sempre perguntam: “você está trabalhando?” ou: “você é nova, vá trabalhar!” Isso é humilhação.”*

Para Idair, *“quando se tem o poder de decisão, ninguém fica mais na dependência, à espera de que algum “grandão” dê cesta básica. A autonomia e a autogestão fazem isso. “Somos pobres de dinheiro, mas temos coragem. Somos lutadoras e vencedoras.”*

Maria José diz que hoje, raramente há alimentos no Clube de Troca Novo Amanhecer. Mas ela continua a participar pela amizade, pelo amor ao artesanato.

A “religião do trabalho”

O capitalismo vive da exploração do trabalho. A palavra “lucro” vem desta exploração. Por isso é que na economia solidária não utilizamos esta palavra, mas sim partilha solidária, ou resultado, ou sobras... Lucro lembra mais valia, ou seja: se apropriar do trabalho de alguém.

Há alguns séculos atrás, para convencer pessoas a trabalharem não para si mas para outros e assim gerar o lucro de poucos, foi criado o que alguns pensadores denominaram “dogma do trabalho”, ou “religião do trabalho”¹⁴: O sistema capitalista diz que é preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar... caso contrário se é pecador. Será??

Por que não é valorizado o trabalho doméstico, o trabalho de cuidar de pessoas, de educar os filhos, de cuidar do bem estar da família, das crianças, dos idosos, dos animais? Quando Maria José, Edi e Idair procuravam acessar alimentos, alguém as

¹² Na economia solidária, um princípio central é o da autogestão, ou seja: decisões coletivas. Toda questão que aparecesse no grupo, para cada caso que exigisse encaminhamento, cabia ao próprio grupo tomar decisões. Neste caso específico da Idair, o contexto era o seguinte: cada grupo dispunha de 50 vagas, e as vagas estavam preenchidas. Por que esta limitação de vagas? Devido ao espaço físico, que dificilmente poderia comportar mais do que 50 pessoas, bem como a quantidade de alimentos, que poderia ser insuficiente.

¹³ Naquela época, quando havia grande quantidade de alimentos, o grupo criou uma regra: as pessoas que entrassem no clube de troca, teriam direito a levar o alimento a partir do segundo ou terceiro encontro. Isso, para evitar que comparecessem ali pessoas somente interessadas no alimento e não em construir economia solidária.

¹⁴ Veja as obras: LAFARGUE, Paul. Direito à Preguiça; Grupo Krisis. Manifesto contra o trabalho, site <http://www.consciencia.org/krisis.shtml> – acessado em 21.07.2011. Veja também ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. São Paulo, Boitempo, 1999 e LANGER, André. Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz. Cadernos IHU, São Leopoldo, ed.5. Ano 2 2004.

perguntou se elas cuidavam de sua casa, dos filhos, dos seus pais idosos? Alguém se interessou por este trabalho necessário e não remunerado que está relacionado à vida, ao bem estar, ao afeto e ao cuidado?



Para alguém ter direito a alimentação, que é direito previsto na Constituição Federal, no Artigo Sexto¹⁵ é preciso comprovar que se está realizando o tipo de trabalho que a sociedade capitalista impõe?

2.3 - REDE PINHÃO DE CLUBES DE TROCA

Redes que tecem democracia e liberdade – Marcos Arruda¹⁶

“Quando o pescador estende sua rede no chão ou na água, ela se deita horizontalmente espalhada para alcançar o espaço mais amplo que puder. Nenhum nó está acima dos outros, nem é mais importante do que os outros. Nenhum nó pode pensar os outros nós como competidores, adversários ou inimigos. Cada nó sabe que, fazendo parte da rede, está indissolivelmente ligado a quatro nós ao seu redor, que por sua vez estão ligados cada um a cada outros quatro nós ao seu redor, numa progressão exponencial para formar a rede. Portanto, cada nó tem consciência de sua responsabilidade por si próprio, pela sua ligação com os quatro nós seus vizinhos e pela integridade da rede inteira. Cada nó sabe que é único e que os outros nós também são únicos. É esta diversidade de nós que forma a unidade da rede. (...)”

¹⁵ Segundo o Artigo Sexto da Constituição federal, “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

¹⁶ Extraído do site www.fbes.org.br – data: 01.08.2011

Desde o ano de 2002, os grupos se encontram uma vez por mês no tradicional “encontro de animadoras e animadores de clubes de troca”, reuniões que se realizam nas segundas quintas-feiras do mês. Nestes encontros, participam representantes de todos os clubes de troca. Foi neste espaço que se discutiu estratégias para superar as dificuldades e avançar.

Dentre estas estratégias e conquistas, podemos citar os diversos momentos de intercâmbio entre grupos, os espaços comuns de estudo, a participação nas feiras de economia solidária em outros municípios e estados, a promoção de feiras com sistema *ecobanco*¹⁷, o “dia do não dinheiro”, as oficinas de artesanato, os “Clubões” de troca – evento anual que reúne participantes de vários grupos. A Feira Permanente de Economia Solidária é a mais recente conquista: espaço no qual os grupos se reúnem para trocar e comercializar seus produtos.



Idair e “Tio Chico” na Feira Permanente de Economia Solidária.



Marise, do Clube de Troca Novo Amanhecer, na Feira Permanente de Economia Solidária.



No “Clubão” de 2010 houve trocas, oficinas de artesanato e ciranda.

¹⁷ Ecobanco é o mecanismo reponsável pela emissão, distribuição, controle e retirada de moeda social num espaço de economia solidária. Neste caso, houve feiras específicas de trocas, a partir do sistema ecobanco. Para tanto, contamos com assessoria de Carlos Henrique Castro dos clubes de troca de São Paulo.



Intercâmbio campo x cidade: visita ao acampamento do MST em Antonina.



Clube de Troca Fonte de Água Viva recebe Novo Amanhecer e Estrela da Manhã.



Clube de Troca São Tiago recebe Clube de Troca da Amizade.



Clube de Troca São Tiago recebe Clube de Troca Mãos Unidas.



Animadoras e animadores da Rede Pinhão visitam Cooperafloresta, em Barra do Turvo – SP.



Rede Pinhão participa do curso de Bioenergia no Assentamento Contestado, na Lapa.



Nova Semente recebe visita da RECID nacional e regional.



Uma rede, que até então já existia mas sem ser denominada e vivenciada como tal, estava sendo constituída e fortalecida. Alguns grupos puderam sair do isolamento. Puderam unir forças com outros clubes e outros espaços de economia solidária, e sentir que a luta é comum.

Nascia a “Rede Pinhão de Clubes de Troca”. Foi criado o símbolo da Rede, com auxílio da Irmã Magda Luiza Mascarello e adotadas as palavras de ordem, de autoria de Lenita Grippa: *“Nas cirandas do povo, está nascendo um mundo novo!”*

A Rede Pinhão de clubes de troca (ano de 2011) é formada pelos seguintes grupos:

São Tiago – Curitiba – Bairro Novo

N. Sra. Do Perpétuo Socorro do Rio Bonito – Curitiba – Rio Bonito

Fonte de Água Viva – Colombo – Campo Alto

Novo Amanhecer – Colombo – Guaraituba

Estrela da Manhã – Colombo – Guarujá

Nova Semente – Almirante Tamandaré – Jardim Roma

Jurema – São José dos Pinhais

Amizade – Curitiba – Caiuá

Mãos Unidas – Curitiba – Uberaba

Campina Grande do Sul (sendo construído)

Novo Amanhã – Mandirituba (sendo reconstruído)

Estão sendo articulados, ainda, outros clubes de troca que estão na fase de organização.

A assistente social Neiva Silvana Hack atuou como estagiária no Centro Comunitário Santo Afonso da Paróquia N. Sra. do Perpétuo Socorro, junto aos clubes de troca que deram origem aos demais. Segundo Neiva,

“O trabalho realizado naquele local foi como uma semente que gerou vários outros grupos. Lembro-me de uma passagem bíblica que diz: se a semente não morrer, ela não dá frutos. Lamento que o trabalho do Centro Comunitário Santo Afonso tenha morrido. Mas, diante do fato, vejo que era uma boa semente que morreu e gerou outros frutos. O Pinhão é uma semente, não é? Fico feliz, acho que atingimos nossos objetivos!”

2.4 - DEZ ANOS DE CLUBES DE TROCA: APRENDIZADO

Posso não ver a colheita, mas não abro mão de ser semente.
(Frei Betto)

No encontro de animadoras e animadores da Rede Pinhão, do dia 10.03.2011, passamos toda a manhã conversando sobre o que aprendemos nos 10 anos de economia solidária. Neste dia, a mística teve como simbologia a frase de Rubem alves: “Nada de poder, um pouco de saber e muito sabor”.



Coletivo de animadoras e animadores da Rede Pinhão.

Nem todas e todos estão há 10 anos. Há clubes de trocas que se iniciaram em 2007, como o Nova Semente; Há o Clube de Troca Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Rio Bonito, que iniciou em 2010 e diversos outros em processo de construção. Mesmo assim, quem começa a participar tem contato com um saber acumulado por meio de erros, acertos, superação de limites, de barreiras.

Segue, abaixo, o que os grupos escreveram após diálogo, sobre a avaliação dos 10 anos.

“Gostamos muito de estar na economia solidária, aprendemos que somos um só; aprendemos a partilhar a união, o respeito, a estar sempre presentes. Antes, as pessoas não nos respeitavam mas hoje temos vez e voz, temos autonomia. Falamos a mesma língua popular, que é a economia solidária!”

“A troca não é somente de bens materiais, mas sim, a troca de saberes.”

“Não há desigualdade em um grupo de trocas, a amizade e a semente do amor e da fraternidade são semeadas a cada encontro.”

“Nos encontros, a auto-estima de cada um é elevada a um nível espetacular, cada um tem dentro do grupo, forças para realizar seus sonhos”

“Juntas e juntos, somos capazes: Nas cirandas do povo, está nascendo um mundo novo!”

“No Clube de Troca, aprendemos a união – onde não há competição e sim soma. Há o reconhecimento do que produzimos. É compartilhar aquilo que você não vai utilizar no momento, com o outro. Passar o que sabemos para outro aprender. Se o mundo fosse todo de troca com o próximo, não haveria tanta violência e tanto desperdício: tantos com fome e miséria, pois a semente da solidariedade tem que se espalhar pelo mundo afora”

“Aprendemos a sonhar. Alguns dizem que sonhar é perda de tempo. Mas depois, entendem! O ser humano nunca pode parar de sonhar, o sonho fortalecido na esperança, se realiza!”

“Conseguimos, nestes anos, a capacidade de comunicação. Juntas e juntos, temos o poder, mas é um poder diferente, é o PODER POPULAR!”

“O poder, na economia solidária, é um poder bom...”¹⁸

¹⁸ No encontro de formação da Rede de Educação Cidadã – RECID – realizado em 2010 – a Segunda Ciranda – Cláudio Nascimento refletia sobre poder popular. No capítulo que trata de economia solidária, encontraremos alguns pontos de sua fala.

Depoimentos pessoais

"Aprendi a fazer mais amizade, a conviver mais com as pessoas: antes, ficava em casa, agora saio"

(Inair Maciel Koloski – Clube de Troca da Amizade)

"Aprendi como lidar melhor com os filhos, aprendi a falar, a comunicar. Deixei de lado a timidez, fui estudar. Estudar é muito importante! Se não fosse através do grupo, jamais iria encarar a escola!"

(Marise de Jesus de Souza - Clube de Troca Novo Amanhecer)

"Não podemos deixar de sonhar, quando paramos é porque a esperança morreu. A gente perde esse negócio de se sentir pequeno. Eu faço fermento caseiro. Quanto mais reforma o fermento, melhor ele fica."

(Terezinha de Jesus Souza –
Clube de Troca N. Sra. do Perpétuo Socorro do Rio Bonito).

"Pela união, tivemos direito à Feira Permanente de Economia Solidária. Será que nossos, filhos, nossos netos, vão continuar?"

(Madalena Santos Silva – Clube de Troca Novo Amanhã)

"Na economia Solidária, não tem lucro, tem partilha. Lucro??? É palavra que está proibida na economia solidária!! A ganância vai crescendo quando queremos lucro. Onde vai ficar a partilha? No dia que colocarmos lucro na economia solidária, acaba tudo.

(Idair Pereira da Silva – Clube de Troca Nova Semente)

"Estou no Clube de Troca desde o início, no Perpétuo Socorro. Naquela época, não tinha nada em casa, nem dinheiro para pagar passagem de ônibus. Comecei a fazer os tapetinhos e vender. Sempre com problemas de saúde. Mas vou sempre ao clube de troca, quando não posso ir fico desesperada..."

(Edi Fernandes – Clube de Troca Novo Amanhecer)

"No Clube de Troca, consegui a capacidade da comunicação. Pessoas chegam, têm medo de rejeição. Mas logo perdem o medo, começam a se comunicar. Em grupo se perde o medo de ser rejeitado. Poder? Poder é poder popular. Todos têm poder, pessoas trocam saberes, conhecimentos..."

(Lucas de Souza – Clube de Troca Novo Amanhecer)

"Aprendi a valorização do trabalho..."

(Floriipe Miguel – Clube de Troca Estrela da Manhã)

Lourdes Marchi, a pioneira dos clubes de troca da Rede Pinhão, também faz uma avaliação destes 10 anos:

“Não sei se é gratidão, emoção ou explosão de grande felicidade, mas é o que sinto ao comemorar estes 10 anos dos Clubes de Troca em Curitiba e Região Metropolitana. Ao lembrar daquele momento místico em que plantávamos a semente da araucária plantando nossos sonhos ao começar o primeiro clube de troca (10/11/2001), muitos sonhos germinados, floridos, frutificados... Em minhas andanças pelos clubes de troca procurei sempre fortalecer esta semente para que não morresse! E foram muitos os obstáculos. Hoje, estando um tanto afastada, quando vou às reuniões dos animadores e animadoras dos clubes de troca fico muito feliz ao ver a alegria, a garra, o espírito de luta, o protagonismo e a fé na vida que essas pessoas têm. Acreditam e praticam a economia solidária, não apenas como meio de vida, mas como caminho de transformação social, preservação ambiental, libertação das garras do capitalismo e sementeira de PAZ, PARTILHA, SOLIDARIEDADE, AMOR.”

Os Clubes de troca resistiram e conquistaram espaço. Ainda é preciso avançar. O capítulo seguinte tem como objetivo contribuir com a autonomia dos grupos. São passos metodológicos construídos junto às animadoras e animadores, visando dar subsídios a novas lideranças da economia solidária.



3 Construindo Autogestão

Autogestão é um dos princípios centrais da economia solidária. Este conceito está relacionado a participação, responsabilidade, igualdade, decisões coletivas, ausência de hierarquia, ausência de patrões.

A autogestão é um grande desafio, porque exige comunicação, empoderamento, fraternidade, humildade, poder de decisão e liberdade responsável. Na autogestão, cada pessoa busca “acender o brilho” da outra, não faz sentido mais brilhar sozinha. Significa equilibrar, compartilhar o poder.

Não aprendemos a ser assim. Nos ensinaram que na sociedade, é necessário que haja pessoas mandando e outras obedecendo. Algumas pensando e outras fazendo o que outras pensaram. Algumas falando e outras escutando. Por isso é que a economia solidária é como se fosse uma “escola para a liberdade”.

Concordamos com Paul SINGER quando diz que a autogestão é a “redenção do trabalhador”; no entanto, esta libertação não acontece facilmente. Constituir espaços livres e democráticos não significa que automaticamente as pessoas vão exercitar a democracia e a liberdade responsável. Por isso é que, em vários grupos de economia solidária, ainda acontece autoritarismo, ciúmes, a busca pelo poder individual. O processo é lento, mas vale a pena trilhar o caminho, sem desistir.



Mística na reunião de avaliação da Feira Permanente de Economia Solidária.

3.1 - SUGESTÕES PARA ORGANIZAR UM CLUBE DE TROCA

A providência inicial para constituir um clube de troca é reunir as pessoas para que elas possam realizar as trocas solidárias e também dialogar sobre suas vidas, as dificuldades que vivenciam no trabalho, em casa, nas instituições, na sociedade de modo geral.

Em seguida, pode-se propor e ajudar a organizar a troca de tudo o que descobrimos que temos e sabemos entre nós. Este primeiro encontro pode ser um bate-papo entre pessoas diferentes e muitas vezes desconhecidas, mas que têm muitos pontos em comum. Nesta conversa, explica-se o que é clube de troca e o que significa economia solidária. A partir do que é colocado pelo grupo, pergunta-se às pessoas se querem experimentar. Quando a resposta da maioria é positiva, marca-se o próximo encontro, mas já assumindo alguns compromissos, como por exemplo:

1. Que cada participante leve produtos – nos clubes da Rede Pinhão, sugere-se que se dê preferência a produção própria;
2. Decidir como serão realizadas as trocas. Troca direta? Com moeda social? Sorteio?
3. Caso o grupo escolha a troca com moeda social, será preciso providenciar estas moedas.
4. Marcar data, horário, local, periodicidade.

Inicialmente, a animadora ou o animador que está acompanhando precisará coordenar todos os momentos porque as pessoas podem demonstrar dificuldades. No entanto, é necessário que se comece a motivar as lideranças a assumirem papéis. Importante, também, que pelo menos duas pessoas participem do coletivo de animadoras e animadores para que o novo grupo possa, desde sua formação, se sentir parte da rede e articular-se com os demais.

Cada grupo se organiza da forma como prefere. Não há normas rígidas de funcionamento de um clube de troca. O que não se pode abrir mão é dos princípios da economia solidária, como a autogestão, partilha, igualdade, solidariedade, cooperação...

No anexo deste livro, na página 120 há um mini-guia e uma cartilha produzida em São Paulo, a partir da realidade dos grupos daquele Estado. São materiais valiosos, detalhados, que muito têm contribuído para a formação e fortalecimento dos clubes de troca em todo o Brasil.

3.2 - DINÂMICA DOS CLUBES DE TROCA DA REDE PINHÃO

A metodologia dos clubes de troca é resultado do acúmulo da experiência desenvolvida pelos grupos no decorrer dos 10 anos de sua existência. Há também a influência dos movimentos sociais e das Comunidades Eclesiais de Base, bem como dos princípios, valores e metodologia da educação popular. Busca-se incentivar o diálogo e a ampliação da democracia.

Os clubes de troca da Rede Pinhão seguem sete passos:

1. Acolhida
2. Mística
3. Pauta
4. Apresentação dos produtos
5. Trocas
6. Avaliação
7. Encerramento



Novo Amanhecer constrói mística com a simbologia da metodologia dos clubes de troca (passos).

Coordenação dos encontros

Coordenar não é ter mais poder. É ter maior responsabilidade, e algumas vezes, trabalhar mais do que as outras pessoas. Também significa crescer, aprender mais. É ser educadora e educador com o objetivo de contribuir para que surjam mais coordenadoras e coordenadores. Quanto mais lideranças libertadoras a economia solidária tiver, mais forte ela ficará.

Este capítulo tem como objetivo colaborar na promoção da autonomia dos grupos. Que todas e todos participantes possam passar pela coordenação, contribuir na acolhida, na mística, na discussão da pauta, na organização das trocas solidárias, no momento de avaliação e encerramento.

No entanto, vamos ter cuidado. Animadoras da Rede Pinhão dizem que NEM TODAS PESSOAS QUEREM COORDENAR! Não vamos forçar uma pessoa a assumir tarefas de coordenação se ela ainda não quer. Podemos estimular, motivar, mas não pressionar. Fazer pressão pode significar “ir com o machado cortando a raiz das pessoas”,

segundo Maria Cristina de Oliveira, do Clube de Troca São Tiago.

Animadoras advertem que cada pessoa tem seu momento, tem seu tempo certo para avançar, contribuir, caminhar. O valor da liberdade que rege a economia solidária deve ser respeitado. E também, deve ser respeitado o ser humano com todos os seus limites. Pessoas aparentemente “acomodadas” podem ter perdido os sonhos, a esperança e precisam de ajuda para recuperá-la. Vamos estar ao lado delas, sem cobranças.

Coragem para assumir tarefas

Muitas vezes, recusamos o papel de coordenadora ou coordenador porque temos medo de falar errado, este medo deve ser superado, O importante é falar!

“Timidez se enfrenta uma vez, outra vez... depois vence. Às vezes, também é preciso ajudar, incentivar a assumir tarefas. Dar um empurrãozinho.”

(Margarete, Clube de Troca Estrela da Manhã)

Seguem, abaixo, os sete passos dos encontros e dicas para as lideranças que irão conduzir cada etapa.

3.2.1 - PRIMEIRO PASSO: ACOLHIDA

Acolher é cumprimentar, desejar um bom encontro, motivar um canto de boas vindas, solicitar que as pessoas se apresentem... lembrar que seres humanos gostam de carinho, de palavras simpáticas, de sorrisos. Quem acolhe é como quem recebe visitas queridas.

Importante um caderno para anotar os nomes, assinaturas, data de nascimento. A criatividade, o sorriso, o abraço de boas-vindas...

Faz parte da acolhida:

a) Oração ou minuto de silêncio

É o momento da espiritualidade. Precisa haver respeito a todas as religiões. Pode-se rezar a oração do “Pai Nosso Ecumênico”, um minuto de silêncio, onde cada pessoa faz sua própria oração; pode ser uma oração coletiva, onde cada uma(um) faz um pedido ou um agradecimento...

b) Apresentações

Quando há pessoas novas ou visitantes, todas e todos podem se apresentar. A coordenação pode pedir ao grupo que explique à visita ou novos(as) participantes o que é economia solidária, como funciona o clube de troca, a Rede Pinhão...



Clube de Troca da Amizade inicia o encontro com oração.



Momento de apresentação no Clube de Troca da Amizade.

c) Aniversariantes

Aniversariantes são chamados ao centro da roda, ou à frente. Pode-se solicitar que contem algo sobre sua vida, sua história, a origem do seu nome. Canta-se “Parabéns” e troca-se abraços.



Aniversariantes são homenageadas.

d) Músicas

Músicas de acolhida ajudam a animar o grupo e a valorizar as pessoas. No anexo deste livro, há letras de músicas que podem ser cantadas para acolher visitantes e participantes.

3.2.2 - SEGUNDO PASSO: MÍSTICA, DINÂMICA OU REFLEXÃO

Este momento, que também faz parte da acolhida, vai ajudar as pessoas a perceberem como são importantes no processo. É o momento de participar, de se envolver, ganhar forças para a caminhada.

Mística não deve ser confundida com dinâmica de grupo.

A mística é para ser sentida, vivida, compartilhada. Ajuda a se sentir forte, a despertar a esperança. Resgata a memória de lutadoras e lutadores que vieram antes de nós. Ajuda a recuperar a história do grupo, a refletir sobre a realidade.

Já a dinâmica de grupo ajuda a integrar, a alegrar, a refletir. Estimula o diálogo. Pode acontecer sob a forma de brincadeira, de jogo cooperativo, de vivências.



"Na mística, os símbolos falam por si" (Cristina, Clube de Troca São Tiago).

Dinâmicas de grupo podem também ser utilizadas para favorecer a reflexão, a integração do grupo, o sentimento de pertença, a vontade e motivação para participar, a superação da timidez.

Para Idair, do Clube de Troca Nova Semente, "começar um encontro sem mística é como comer sem lavar as mãos". Na sua opinião, "a mística é um alicerce do encontro: se não acontecer a mística, fica muito sem graça".

Para Cristina, do Clube de Troca São Tiago, a mística precisa acontecer. Mesmo que seja curta, não pode faltar nunca. Para ela, os símbolos já falam por si. Ela ainda diz que não é preciso se preocupar porque as (os) participantes do grupo sempre descobrem como construir a mística: sempre têm um símbolo e muita sabedoria ao refletir sobre o sentido de cada símbolo.

Para Marise, do Clube de Troca Novo Amanhecer, a mística é o momento de sintonia entre as pessoas: se alguém chega triste ao encontro, ao entrar no ambiente acolhedor da mística, se alegra e se fortalece.

No dia 16 de julho de 2011, o Clube de Troca da Amizade lembrou momentos marcantes de mística. A simbologia do Girassol, nas areias da praia de Guaratuba – quando foi o encerramento do ano.

Nas pétalas do girassol, escrevíamos o que fora o ano de 2010 e nas folhas verdes, os sonhos para o futuro.

A palavra "mística" significa mistério.

A mística é uma prática coletiva que está enraizada nos movimentos sociais. É através dela que deixamos de ser "eu" para nos tornarmos "nós". Fazemos parte de



Clube de Troca vivencia a mística nas areias da praia de Guaratuba.

um coletivo. Vencemos a barreira do individualismo. Nos sentimos acolhidas(os). Nesse momento, nos sentimos parte do grupo. Nossos problemas já não são só nossos, bem como nossos sonhos são compartilhados.

A mística é muito importante para os movimentos sociais porque anima, fortalece, traz esperança. A esperança é um dos motores da história, junto com a luta de classes – já dizia Paulo Freire. Sem a esperança os seres humanos se tornam “mortos-vivos”.

Para Ademar Bogo¹⁹, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:

Assim como o corpo precisa de certa temperatura para permanecer vivo, os sentimentos precisam de vigor, energia, para continuarem quentes. A mística é o calor que o ânimo precisa para continuar quente. Olhar para alguém desanimado é o mesmo que querer jogar futebol e ver que a bola está vazia. O ar que está dentro da bola é quem a faz dar os saltos quando posta em movimento. A energia que está em cada militante é a razão de seu ânimo. Sem energia revolucionária, os poderosos triunfam sem esforço. Com energia na militância, os poderosos não triunfam nunca na totalidade, pois mesmo nas derrotas resta uma chama acesa para iluminar o caminho da grande luta que será um dia vitoriosa em todos os lugares.

Quem assume a mística num encontro, faz valer muita criatividade. É possível utilizar várias formas para que o grupo reflita, sinta, expresse seus sentimentos: símbolos, músicas, teatro, poesia, etc.

A mística nos traz energia de querer continuar: não deixa cansar, nos leva a superar os sofrimentos. É um refazer do fervor da lutadora e do lutador. É continuar com a chama do calor humano, do aconchego, das mãos dadas, do olhar para o horizonte. É ver e sentir que a mudança já está acontecendo.

¹⁹ BOGO, Ademar. A mística: parte da vida e da luta. Março de 2010. Extraído do site <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>



Reflexão sobre os símbolos: Terezinha, Essi, Madalena, Cristina e Inês (da esquerda para a direita)

Para Ranulfo PELOSO²⁰, a mística anima e motiva a reflexão diante das injustiças sociais. Combate o fatalismo, favorece a solidariedade e o cultivo da esperança.

“Esta força é uma realidade que mais se vive do que se fala dela. É uma experimentação que contempla a realização de um conteúdo invisível: o valor da vida, a dignidade das pessoas e a eterna rebeldia para continuar livre a função criadora do trabalho, a solidariedade universal. É uma sabedoria, um modo de saborear a vida que junta, sem contradição, o sentimento, a ação e o pensamento. (...) Esta energia é uma paixão que anima a militância daqueles que se entregam pela causa popular. Torna-se decisiva na hora do desânimo, da derrota, da decepção e da crise. É o alimento que revigora o povo nas ocasiões onde o poder da opressão leva a pensar que todos os esforços para transformar a situação são impotentes e inúteis.”

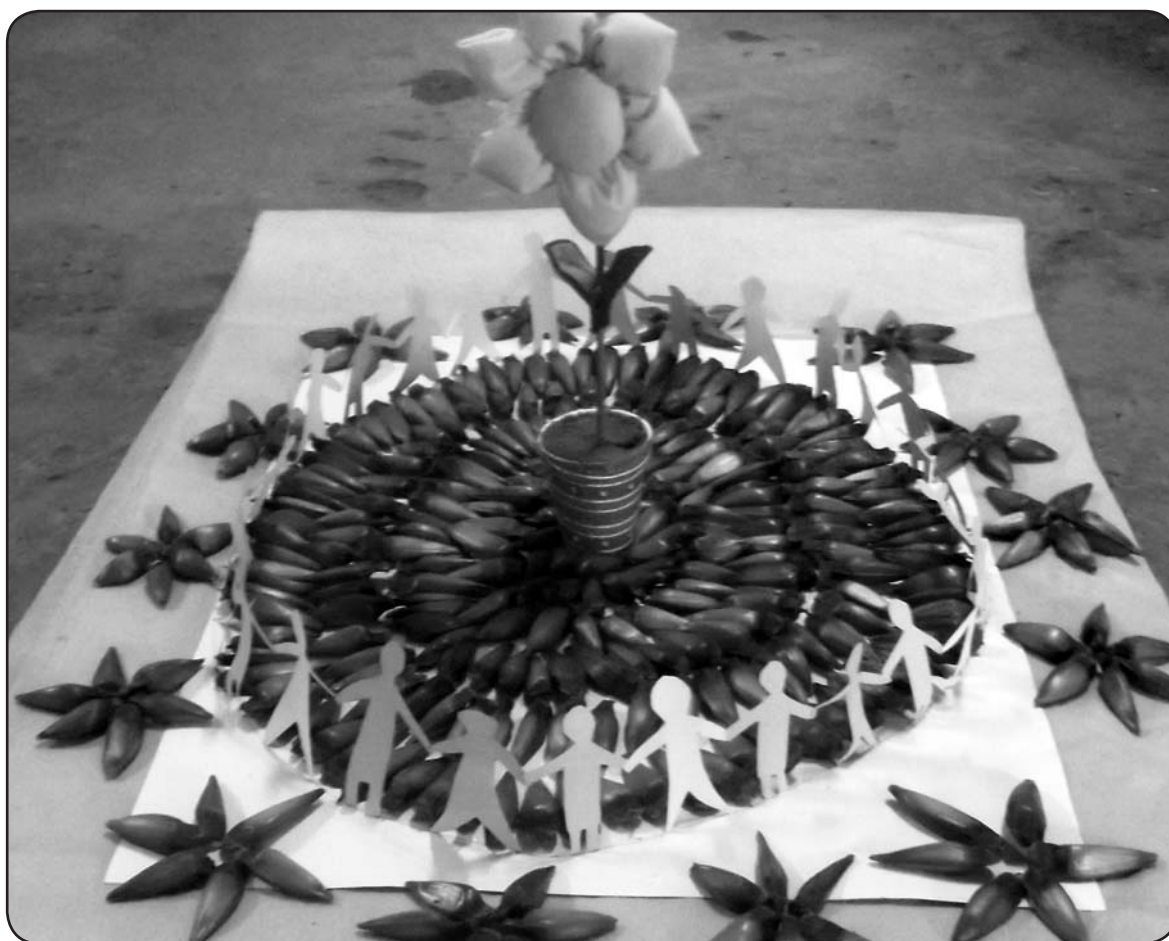
OUTRAS FORMAS DE INICIAR UM ENCONTRO

- Leitura de poesia, mensagem, música, ou história – As pessoas podem ser motivadas a dizer o que sentem a partir do conteúdo. Animadora e animador não dá respostas, mas acolhe as falas. Não há certo e nem errado na forma de sentir e de interpretar. Há várias formas de olhar e as diferenças são acolhidas porque ampliam a visão do todo.
- Dança circular, forró, ciranda...
- Símbolos, fotos ou figuras – podem ajudar a lembrar da história e levar a refletir sobre temas diversos;

²⁰ PELOSO, Ranulfo. *A força que anima os militantes*. São Paulo, Gráfica e Editora peres, 1998, p. 8 (Caderno de Formação n. 27, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST).

- Músicas da caminhada, músicas de esperança ou que fazem parte da história do grupo...
- Palavras de ordem: “Nas cirandas do povo, está nascendo um mundo novo...” - “não temos dono e nem patrão, nós praticamos a autogestão; o povo que ousa sonhar, constroi o poder popular...” etc.
- Teatro, pode ser improvisado para ajudar a refletir sobre algum tema, denunciar, anunciar.
- E várias outras formas, a partir da criatividade.

No anexo deste livro, há uma coletânea de textos, mensagem, cantos que podem ser utilizados no momento de abertura dos encontros.



Símbolo construído na tarde festiva da Rede Pinhão, em Almirante Tamandaré.

3.2.3 - TERCEIRO PASSO: ASSUNTOS A SEREM TRATADOS – PAUTA

Os clubes de troca da Rede Pinhão são espaços de trocas de informações, encaminhamentos, tomadas de decisões, planejamento, avaliação de atividades e eventos. Destacamos a sua possibilidade de fomentar estratégias de ação.

Toda reunião tem uma pauta, ou seja, assuntos a serem conversados e encaminhamentos a fazer.

Por exemplo, a partilha de responsabilidades: quem participa do encontro de animadores? Onde vão acontecer as oficinas de artesanato? Quem vai representar o grupo no encontro de economia solidária? Quem vai cuidar da barraca na feira? Quando há doação de alimentos, como vai ser feita a partilha destes alimentos? Se o grupo tem algum recurso financeiro, quem cuida? O que fazer com o dinheiro?

É neste ponto que podemos perceber a grande diferença entre economia solidária e economia capitalista. Na economia solidária, todos decidem de forma democrática. Na economia capitalista, há uma pessoa ou um grupo que decide por todos.

No entanto, mesmo sendo um grupo de economia solidária, com decisões coletivas, é preciso que alguém assuma papel de **mediar** a conversa, de **mediar** o diálogo e cuidar para que os encaminhamentos sejam tomados e as decisões sejam compartilhadas.



Coordenação exige cuidado, tranquilidade, delicadeza, amor... (Margarete, Clube de Troca Estrela da Manhã).

A pessoa responsável pela coordenação da reunião precisa ter bastante disciplina e seguir alguns cuidados, como levar sempre na bolsa uma agenda ou caderninho e caneta. Não podemos confiar na memória, precisamos marcar datas, assuntos que não podem ser esquecidos, encaminhamentos que foram tomados.

3.2.4 - QUARTO PASSO: APRESENTAÇÃO DE PARTICIPANTES E DE PRODUTOS

Este é o momento em que as pessoas vão apresentar ao grupo as produções que levaram para as trocas. Cada uma(um) mostra, fala e valoriza o que foi produzido pelas próprias mãos

Quem coordena este momento pode perguntar a cada pessoa o que trouxe para trocar e que mostre sua produção. É necessário ouvir todas(os), até a última pessoa apresentar, se for preciso, pedir silêncio ao grupo.



Apresentação dos produtos no Clube de Troca São Tiago.

Há grupos que preferem que uma só pessoa apresente os produtos das demais. Os grupos têm autonomia para decidir a forma como vão conduzir o encontro – desde que não fujam aos princípios fundamentais da economia solidária, como as decisões coletivas (autogestão), a partilha e a justiça.

Quem coordena deve evitar excluir as pessoas que não levaram produção. Ao contrário: procura ouvir o que cada uma e cada uma(um) tem a dizer.

Também é importante valorizar todo o esforço de quem tem dificuldades de produzir.

As pessoas, quando são bem acolhidas e se sentem valorizadas, geralmente têm motivação para produzir algo que seja útil às demais, bastando para isso que se sintam importantes para o grupo.

3.2.5 - QUINTO PASSO: TROCAS SOLIDÁRIAS



Clube de Troca São Tiago.



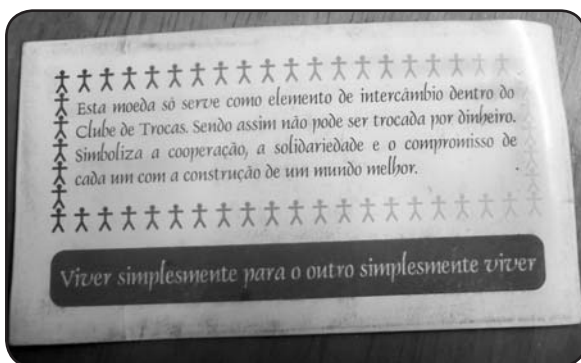
Trocas solidárias.

*Clube de Troca do Jurema.**Clube de Troca Nova Semente.*

Este é o momento de fazer as trocas solidárias. As pessoas podem trocar artesanato, confecções, salgados, doces, café, suco, hortaliças, frutas, bijuterias, serviços etc.

Nos clubes de troca não pode haver o acúmulo: não podemos querer adquirir tudo que está à nossa frente. Não pode faltar ética e o cuidado para que todos(as) se sintam bem.

Para a troca dos produtos e serviços, os grupos construíram a moeda social, que no Paraná tem o nome de “Pinhão”. Esta moeda tem a função de facilitar as trocas. É uma moeda que não deve ser acumulada e nem vendida.

*Moeda Social Pinhão.*

Há no Brasil, muitos clubes de troca e as moedas sociais utilizadas recebem nomes diferentes. Há os “Bônus”, em São Paulo, “Tupi” no Rio de Janeiro, “Pirê” em Dourados, dentre muitas outras.

A moeda social tem este nome porque está a serviço das pessoas, do desenvolvimento local e da solidariedade.

Os clubes de troca da Rede Pinhão adotam cinco formas de realizar as trocas: a) troca direta; b) troca por sorteio, sem moeda; c) troca por sorteio, utilizando a moeda; d) troca utilizando moeda, onde cada pessoa leva a moeda para casa e a guarda (forma original); e) troca utilizando moeda, sendo que a pessoa deixa a moeda guardada por um(a) responsável do grupo, num sistema de débito e crédito.

Todas as formas possuem os pontos positivos e também os seus limites. O importante é persistir, buscando melhorar a forma de fazer as trocas, onde todas e todos sejam beneficiadas(os).

Abaixo, apresentamos os cinco modos de trocar. O grupo pode também criar modos diferentes.

a) Troca direta

A troca direta é a maneira mais simples. Também chamada “escambo”. Os produtos são expostos numa mesa e as pessoas procuram realizar suas trocas de forma direta, conversando umas com as outras.



Clube de Troca N. Sra. Do Perpétuo Socorro do Rio Bonito.

b) Troca com utilização da moeda social

Quando se inicia um clube de troca, cada participante recebe uma quantidade de Pinhões e os mantém sob sua responsabilidade por todo o tempo que estiver no grupo. Se um dia precisar sair, tem o compromisso de devolver as moedas.

Esta forma, apesar de ser a mais simples, requer alguns cuidados, como: a) evitar que a moeda se desvalorize e seja gerada “inflação” no clube de troca, ou seja: muita moeda para poucos produtos; b) algumas pessoas insistem em “economizar”, “poupar” moeda social. Quando acontece isso, todo o grupo se prejudica porque as moedas ficam retidas, não circulam e o clube de troca perde em qualidade; c) quando todas e todos fazem suas trocas num mesmo momento, pode acontecer de pessoas mais rápidas acessarem com maior facilidade aquilo que desejam. Idosas e idosos, bem como quem apresenta limites de locomoção, tem mais dificuldade. Esta é uma observação de Maria Moraes, do Clube de Troca Estrela da Manhã.

Neste caso, é importante algumas regras baseadas na solidariedade. A primeira: a) que as pessoas possam adquirir só uma parte do que tiver, por exemplo: se há quatro vasos de flor, não deve ser permitido que uma(um) só participante leve os quatro vasos. Que quatro pessoas diferentes tenham acesso a este produto. b) pensar no próximo, não querer levar vantagem.

O sistema capitalista diz a todo momento que precisamos competir. Como se a competição fizesse parte da natureza humana. Como se a vida fosse uma pista de corrida e precisássemos sair na frente, quando mal se dá a largada.

É comum que nos clubes de troca, no início, as pessoas reproduzam esta lógica e empurrem as companheiras e os companheiros para chegarem primeiro à mesa e con-

seguir seu produto; no capitalismo há uma espécie de “lei do vale tudo” para conseguir a melhor posição. Não podemos seguir esta regra que gera exclusão e desigualdade.

Por acontecerem problemas como estes, é que os grupos pensaram em outros modos de realização das trocas. Uma saída encontrada é a proposta de ir uma a uma pessoa, na mesa, escolher o produto que precisa. Isso evita que prevaleça a “lei do mais forte”.

Você, leitora ou leitor, deve estar pensando: “mas não estamos na economia solidária? Como se admite que as pessoas possam ter atitudes assim?” Vamos nos lembrar que há muitos séculos, a competição e o individualismo têm sido vistos como algo desejável e natural. A economia solidária diz que não é. Mas os seres humanos não mudam da noite para o dia. A mudança acontece devagar, e muitas vezes há recaídas. Não vamos nos assustar quando presenciarmos atitudes não solidárias entre participantes da economia solidária. Vai acontecer isso muitas vezes ainda. Quantas vezes nós mesmas(os) escorregamos? Muitas! O importante é não julgar e nem se culpar, mas procurar melhorar a cada dia. Que possamos também refletir coletivamente sobre os acontecimentos, sobre o comportamento não solidário, quando ele se manifestar. O momento da avaliação é para isso também (veja adiante).

c) Troca por sorteio, sem utilização da moeda

As produções ficam expostas na mesa e as pessoas vão, uma de cada vez, por meio de sorteio do nome, escolher o que necessitam. Isso acontece em várias “rodadas”, até que se acabem os produtos. As pessoas vão à mesa na medida em que são chamadas.

d) Troca por sorteio utilizando moeda social

Esta forma de trocar foi uma idéia da Ivonete, do Clube de Troca Estrela da Manhã, durante um encontro de formação. Exige mais um pouco de trabalho, mas as participantes têm avaliado de forma positiva.

Algumas pessoas ficam na recepção recebendo as participantes e os participantes. Cada uma(um) que chega apresenta seus produtos na recepção, já com o preço em uma etiqueta. Recebe moeda social correspondente. Por exemplo: se D. Maria levar produtos no valor de 5,00 Pinhões, ela deixará os produtos e receberá os 5,00 Pinhões. Algumas pessoas ficam encarregadas de arrumar na mesa os produtos, que já pertencem ao coletivo.

No momento da troca, as pessoas vão à mesa, uma a uma (por meio de sorteio do nome). Escolhem o produto que necessitam e “pagam” o valor correspondente,



Clube de Troca Amizade



Clube de Troca Estrela da Manhã.

em moeda social, para uma pessoa encarregada de receber os Pinhões. Isso em várias rodadas, até terminarem os produtos e as moedas que cada uma(um) possui.

No final, as pessoas responsáveis anotam o que cada participante está levando em moeda social para a próxima feira.

e) Troca utilizando moeda, num sistema de débito e crédito.

Esta maneira de trocar é parecida com a anterior. As pessoas chegam ao local, são acolhidas por “receptionistas” que irão trocar seus produtos por moeda social. No entanto, a moeda social é apenas um empréstimo que precisa ser devolvido no final do encontro. Neste caso, a pessoa não deixa os produtos para o coletivo, como na forma anterior. Ela fica com os seus produtos e fica também com a moeda social.

Por que a moeda social é apenas um empréstimo? Porque ela vai possibilitar as trocas. No final, precisa ser devolvida a mesma quantia que se pegou emprestado.

Por exemplo: Dona Maria levou para trocar um pano de prato no valor de 5,00 Pinhões e um pão no valor de 3,00. Ela recebe do caixa os 8,00 Pinhões referente à sua produção. Seus produtos são colocados na mesa para a troca e ela receberá as moedas relativas à venda dos seus produtos. Se ela “vender” o pano de prato e também o pão, vai receber 08 Pinhões. Somando com o que ela recebeu no início da feira, isso soma 16,00 Pinhões. Desta forma, no final da feira ela irá “pagar” o seu empréstimo, ou seja: 8,00 Pinhões. Os 8,00 que ficam com ela serviram para ela adquirir outros produtos.

Outro exemplo: D. Maria recebe os 8,00 Pinhões referente ao pano de prato e ao pão, como empréstimo. No momento das trocas, vende apenas o pão, sobra o pano de prato. Neste caso, ela terá que devolver os 8,00 Pinhões e só vai ter 3,00 Pinhões para gastar porque não conseguiu “vender” o pano de prato.

Se D. Maria adquiriu produtos no valor de 10,00 Pinhões, ela só terá 1,00 Pinhão para devolver, e não 8,00 Pinhões. Neste caso, ficará devendo 7,00 Pinhões, que deverão ser pagos no próximo encontro, por meio de produtos que ela deverá levar.

No mesmo caso: Se D. Maria vender o pano e o pão, e gastar somente 3,00 Pinhões, ou seja: menos do que tem direito, ela devolverá 13,00 Pinhões para o caixa, ou seja: os 8,00 Pinhões que pegou emprestado e mais a diferença que ela não gastou e que também não vai levar para casa: 5,00 Pinhões; e terá um crédito no valor de 5,00 Pinhões para o próximo encontro.

Esta forma de trocar é mais difícil. É preciso habilidade para lidar com cálculos mentais, habilidade para ajudar as pessoas a compreenderem como funciona o sistema de débito e crédito. Geralmente, há dificuldade para compreender esta forma de trabalhar com a moeda social.

Partilha dos alimentos (quando houver)

Algumas Paróquias, como N. Sra. Do Rocio e Sta. Edwiges, têm destinado alimentos aos grupos acompanhados pelo CEFURIA, dentre eles, a Rede Pinhão. Desta forma, os grupos eventualmente recebem este recurso. Neste caso, a partilha precisa ser feita

de forma transparente. Geralmente é feita logo após as trocas. Os grupos contam a quantidade de alimentos e o número de pessoas e, então, a divisão é feita. Nem sempre há a mesma quantidade para todos, por exemplo: 17 pessoas num encontro e somente 10 latas de óleo, 4 kg de café e 5 L de leite. Neste caso, os grupos têm adotado a forma do sorteio, por nome. Por que se sorteia o nome e não o produto? Por que a pessoa vai se dirigir àquele produto que ela deseja, ou tem necessidade.

3.2.6 - SEXTO PASSO – AVALIAÇÃO E COMPROMISSOS

Este é o momento de voltar a fazer um grande círculo, depois das trocas, para avaliar tudo o que aconteceu. O que foi bom? O que precisa melhorar? Do que eu preciso? O que tenho a oferecer nos próximos encontros? Quais as normas que precisamos definir? Houve atitudes não solidárias? Como podemos evitar isso? Como podemos avançar, enquanto seres humanos inseridos num projeto de economia solidária? Quais os compromissos que vamos assumir? Quem vai ajudar nos encontros seguintes? Quem motiva o momento da acolhida, quem prepara música, apresentação dos produtos, a avaliação e o encerramento?

A avaliação é o momento de dizer o que foi bom e o que não foi bom no encontro todo. Que os erros se transformem em acertos e os acertos continuem a acontecer. Se diante de um erro ninguém falar, o erro vai permanecer. É preciso que cada pessoa do grupo tenha coragem e compromisso com o projeto de economia solidária e, no momento da avaliação, diga o que achou errado durante o encontro, de forma fraternal. Só desta forma é que o grupo cresce.

É muito comum ouvir falas como: “vi algo errado mas não vou dizer nada, senão vão falar que sou ruim”. Ou: “não digo nada porque tenho medo”.

Precisamos de toda nossa coragem para ajudar o nosso grupo a avançar. E o grupo só vai avançar com diálogo, compreensão, coragem, amor, compromisso. Se falarmos do erro de maneira amorosa, tranquila, com a intensão de contribuir e não de machucar, estaremos auxiliando a perceber que atitudes não solidárias precisam ser corrigidas.



Clube de Troca Mãos Unidas.

Neste momento, quem coordena pode perguntar como as pessoas avaliaram o encontro, do começo ao fim. É preciso valorizar as opiniões, jamais impor a sua própria opinião. Da avaliação, pode nascer um bom encaminhamento a ser tomado nos próximos encontros.

Terezinha, do Clube de Troca N. Sr. Do Perpétuo Socorro do Rio Bonito, lembra que a coordenação também precisa se submeter à avaliação. É preciso ter um senso crítico e também se avaliar. Pessoas geralmente não gostam de avaliação, mas é necessária.

Do que eu preciso?

No momento da avaliação, é possível que cada pessoa diga ao grupo o que ela precisa e que gostaria de encontrar no próximo clube de troca. No grupo Estrela da Manhã, uma participante falou ao grupo que precisava de uma sandália de dedo e passou a numeração. No outro encontro, surgiram duas sandálias, conforme ela solicitara. Como ela não necessitava de duas, uma delas lhe foi entregue e outra foi reservada para as trocas.

3.2.7 - SÉTIMO PASSO: ENCERRAMENTO

O encerramento é parecido com o momento da mística. Fica por conta da criatividade da coordenação. Pode ser um abraço coletivo, oração, agradecimento, música, palavras de ordem, mãos dadas, dizer uma palavra sobre o que significou o encontro, retomar os símbolos utilizados na mística inicial...

O importante é que cada encontro termine com muita alegria, carinho, força e esperança. É desta forma que as pessoas retornam para suas casas compartilhando com seus familiares e vizinhança todo o afeto de que estão “encharcadas”.

3.3 - DICAS PARA COORDENAR REUNIÕES OU ENCONTROS

Participantes da Rede Pinhão muitas vezes são convidadas(os) para participar ou coordenar reuniões fora do clube de troca. Pode ser o encontro de animadoras e animadores, os fóruns de economia solidária, reuniões de trabalho...

Coordenar uma reunião ou um encontro é tarefa de muita responsabilidade. Exige atenção, disciplina, amorosidade e paciência.

O ideal é que duas pessoas possam coordenar. Estas pessoas sentam uma ao lado da outra e se ajudam mutuamente. Se uma delas faltar no dia, é possível que alguém do grupo a substitua.

Coordenar envolve risco de errar. Mas também envolve crescimento, aprendizado, realização e fortalecimento. É um desafio! Vale a pena tentar!



Clube de Troca São Tiago.



Pauta e desdobramentos (estudo).

O que toda reunião precisa ter?

Reuniões de trabalho têm uma pauta, ou seja: os assuntos a serem conversados e encaminhamentos a fazer. Além de avisos, informações, estudo.

As pessoas que coordenam a reunião de trabalho podem seguir alguns passos:

- Fazer alguns acordos iniciais: até que horas vamos? Onde vamos almoçar? Qual será a pauta de hoje? Qual foi a pauta da reunião passada? O que encaminhamos? Tais atitudes reduzem a ansiedade do grupo.
- Escrever quais os assuntos a serem tratados – pode-se escrever num quadro, num cartaz ou num caderno. O ideal é que seja num lugar grande, de forma que todas e todos possam visualizar. O objetivo é que se tenha uma visão de totalidade dos assuntos a serem tratados, evitando se alongar num assunto só.
- Cada ponto de pauta precisa de encaminhamentos. Por isso, quem coordena necessita prestar atenção no que o grupo decide com relação àquele assunto a encaminhar. Por exemplo: organização de oficinas de artesanato – o grupo precisa decidir: a) o que produzir? b) quem compra? c) quem ensina? d) onde vai ser a oficina? e) o que será feito com o dinheiro das vendas?
- De preferência, anotar as decisões tomadas no quadro para que todas e todos possam ver e anotar. Que cada militante da Rede Pinhão se acostume a andar com um caderninho, agenda e caneta na bolsa!
- Numa reunião, deve falar uma pessoa de cada vez e, enquanto uma pessoa fala, as outras devem escutar sem interromper. As pessoas que coordenam anotam as inscrições, ou seja: organizam a "fila" de quem quer falar. Quem precisa falar ergue a mão e quem está coordenando anota o nome de quem ergueu a mão e na hora certa, chama a pessoa pelo nome.
- Pode acontecer de a coordenação precisar conter quem exagera na fala para que outras pessoas também possam participar e para que a reunião

termine no horário combinado. No entanto, conforme lembra Terezinha, do Rio Bonito, sempre colocar o amor na frente, jamais constranger a pessoa que, muitas vezes, precisa desabafar.

- Coordenadora ou coordenador pode e deve argumentar e dar sua opinião. Mas nunca achar que sua fala tem mais poder do que a das companheiras e companheiros.



Encaminhamentos registrados no cartaz.



Encontro de animadoras e animadores.

ALGUNS LEMBRETES IMPORTANTES DE ANIMADORAS DA REDE PINHÃO:

- *“Que a coordenação faça constantemente uma auto-avaliação e também se submeta à avaliação do grupo.” (Terezinha, Clube de Troca do Rio Bonito)*
- *“Que a coordenação não seja rígida: às vezes, é preciso ouvir, não interromper as pessoas em momentos delicados, quando elas estão desabafando. Às vezes, na família, não há espaço para o diálogo, as pessoas não têm oportunidade de se abrir e é no grupo, entre amigos, que se torna possível se aliviar.” (Cristina, Clube de Troca São Tiago)*
- *“É preciso escutar mais e respeitar o tempo do outro refletir – não precisa preencher o silêncio. O tempo do silêncio também é importante.”²¹ (Idair, Clube de Troca Nova Semente)*
- *“Quando há várias conversas paralelas, como a coordenadora ou o coordenador pode agir? Pode dizer assim: “Vamos conversar todas juntas”... (Margarete, Clube de Troca Estrela da Manhã)*
- *“Mas preste atenção: quando há conversas paralelas, nem sempre é porque se está desviando do assunto. Se surgir conversa, que coordenadora ou coordenador tenha bom senso de não constranger, mas motivar a partilha.*

²¹ Paulo Freire diz que o silêncio pode vir junto com a reflexão, com a construção de um novo conhecimento. Sendo assim, ele é necessário.

Ter muito cuidado, tranquilidade, delicadeza, amor. Ter carinho, conversar! Não ficar magoada! Não levar os problemas do grupo para o lado pessoal!" (Margarete, clube de Troca Estrela da Manhã).

É preciso encaminhar as decisões que foram tomadas. Em alguns momentos perguntar: "podemos decidir?" - "Todas e todos concordam?" - "quem faz?" - "quando?" - "onde?".

As decisões precisam ser anotadas, não podemos confiar na memória.



Encaminhamentos da reunião.

Você foi convidada ou convidado para uma reunião? Então leia algumas dicas:

- Escute com paciência a companheira ou o companheiro falar;
- Espere sua vez de falar, não interrompa;
- Quando quiser falar, levante a mão, olhe para a coordenadora ou o coordenador e espere. Ela ou ele irá colocar o seu nome na "fila" e te chamar quando chegar sua vez de falar.
- Procure pensar mais no grupo todo do que em você mesma(o).
- Resista à tentação de fazer conversas paralelas. Procure incluir todo o coletivo nas suas reflexões.
- Não se alongue muito ao falar. Lembre-se que o uso da palavra deve ser justo e igualitário.
- Quando falar, olhe para todas e todos que estão na reunião, não olhe só para uma ou duas pessoas. Lembre-se que no grupo, não há pessoas mais ou menos importantes.
- Procure contribuir, fazendo propostas que sejam boas para o grupo.

*Trabalho em união.*

- Incentive as mais quietas ou os mais quietos a falarem, também.
- Numa reunião procure não ficar saindo da sala a toda hora;
- Desligue o celular ou coloque no silencioso;
- Seja alegre, sorria, procure animar as pessoas. Dessa forma, você irá contribuir muito!

3.4 - O PAPEL DAS LIDERANÇAS

Todo grupo tem algumas pessoas que se destacam na comunicação. São aquelas que têm mais coragem de dar opiniões e coordenar. São as chamadas lideranças.

Lideranças podem ser autoritárias ou podem ser libertadoras. Na economia solidária, precisamos de lideranças libertadoras. Elas têm um papel fundamental, pois animam o grupo, fazem mediações necessárias, ajudam os projetos a saírem do papel e das cabeças, para se tornarem realidade.

No entanto, pode acontecer de lideranças autoritárias tomarem conta do grupo, oprimindo as pessoas, que muitas vezes não reagem. Há lideranças que se aproveitam do grupo para levar vantagem, obter privilégios. O resultado é o enfraquecimento do coletivo, da economia solidária.

Militantes da economia solidária jamais devem permitir que uma ou mais pessoas cresçam no autoritarismo, tomem decisões sem consultar o grupo ou façam o papel de patrão ou patroa. Vamos nos lembrar que economia solidária é trabalho em grupo, sem dono e nem patrão. Isso se chama AUTOGESTÃO.

No encontro de animadoras e animadores da Rede Pinhão, no dia 16 de junho de 2011, conversamos muito sobre o papel das lideranças. Coletivamente, desenhamos um quadro que mostra as diferenças entre lideranças libertadoras e lideranças dominadoras.

LIDERANÇA LIBERTADORA	LIDERANÇA DOMINADORA
Fica no meio das pessoas, conversando	Faz o que ela quer, sem consultar o grupo.
Faz perguntas para o grupo	Se destaca sozinha, tornando o grupo invisível
Usa falar “nós” e “nosso”	Usa sempre falar “eu” e “meu”
Participa dos espaços de formação	Não acha importante a formação.
Dá exemplo	Responde por todas e todos
Está preparada para entender as pessoas, respeitar os seus limites e os seus momentos difíceis	“Pega no pé”
Anima o grupo, põe para cima	Manda nas pessoas
Fala e explica, mas sem mandar	Abusa do poder
Troca de papéis: incentiva outras pessoas a desenvolverem a liderança e passarem também a coordenar o processo	Quer sempre estar na frente, aparecendo, brilhando sozinha.
Sempre defende a imagem do grupo, onde ela estiver	Fala mal do grupo, para se auto valorizar.
Utiliza a fala para contribuir	Utiliza a fala para se destacar, para se promover.
Utiliza seus talentos em benefício do grupo, a partir do comprometimento com a economia solidária	Utiliza seus talentos para benefício próprio, buscando chegar ao topo da pirâmide capitalista. Se consegue subir um pouco, chama as companheiras e os companheiros de “acomodados”, “incompetentes”, “preguiçosos”

Paulo Freire, no quarto capítulo do livro “Pedagogia do Oprimido”, trata do papel da liderança.

QUEM SÃO ANIMADORAS E ANIMADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA?

São pessoas que trabalham com o povo e não para o povo. Conversam, escutam, incentivam os grupos a se organizarem. Além disso, estas pessoas têm o poder de des-

pertar novas lideranças e assim, novos grupos.

Desde o ano de 2003, acontecem reuniões de animadoras e animadores de clubes de troca. As reuniões seguem algumas etapas, parecidas com os passos dos encontros de clubes de troca: acolhida, mística ou dinâmica, pauta, avaliação, encaminhamentos. Desde o início do ano de 2011, os encontros têm sido o dia inteiro e a parte da manhã tem sido destinada ao estudo.



Encontro de animadoras e animadores da Rede Pinhão.

3.5 - EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Economia solidária caminha de mãos dadas com a educação popular proposta por Paulo Freire, que propõe a escuta, o diálogo, a problematização, a construção coletiva do conhecimento.

A liderança libertadora busca sempre o diálogo e fica no meio das pessoas conversando. Sabe escutar, motiva as pessoas a se tornarem também lideranças. Ajuda a romper a barreira do medo, da timidez, da desesperança. Respeita os limites das pessoas, tem carinho, amor e o compromisso com a transformação social. Sempre defende as companheiras e companheiros, buscando fortalecer o grupo para que seja possível enfrentar os poderosos, que estão no andar de cima da “pirâmide” ou da “mesa”.

Podemos dizer que lideranças assim são educadoras e educadores populares, que precisam estar sempre estudando, conhecendo novas formas de trabalhar com o povo, buscando a libertação conjunta.

Inicialmente, a educação popular era voltada, principalmente, à alfabetização de jovens e adultos. Paulo Freire foi uma grande referência, principalmente no início dos anos 50, quando se multiplicavam de forma rápida no Brasil, os grupos envolvidos no processo de alfabetização libertadora.

O golpe Militar de 1964 interrompeu este trabalho, que era visto pela classe domi-



Construção coletiva do conhecimento.



O afeto faz parte da caminhada.



No Curso Técnico de Padarias Comunitárias dialogamos sobre economia solidária por meio da partilha de bolachas.

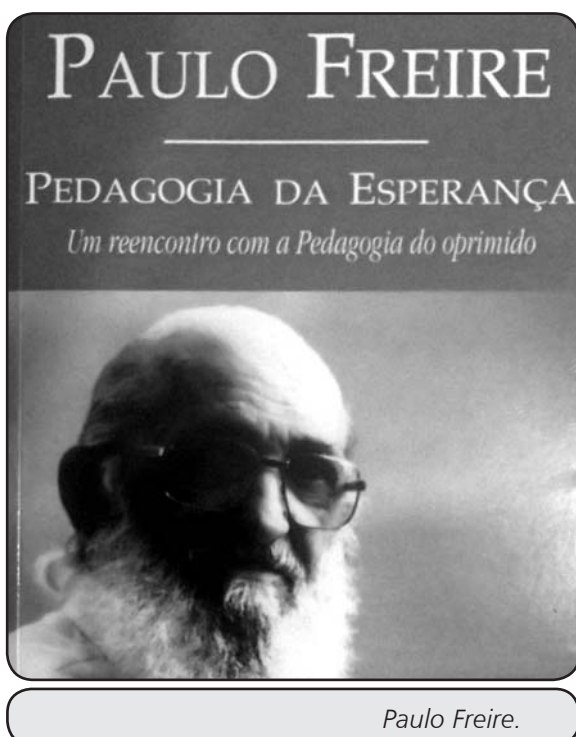
nante como algo perigoso, mau, “subversivo” porque permitia que as pessoas “lessem o mundo” e não só as palavras. Com esta leitura, se percebia de forma clara o que as elites sempre buscam esconder: os mecanismos de opressão.

Paulo Freire foi exilado e a educação popular lentamente tomou outros rumos, difundindo-se para os movimentos sociais, compondo parte da luta de trabalhadoras e trabalhadores rurais e do campo, mulheres, dentre outros grupos sociais.

Paulo Freire denunciava o que ele chamava de “educação bancária”: O que é educação bancária, para ele? É “depósito” ou “transferência” de conteúdos, sem levar em conta os saberes e a realidade das pessoas. Ou seja: uma forma de opressão. Vivemos isso na nossa vida escolar.

Lembram daquela professora que falava, falava, escrevia, mandava copiar, mandava decorar conteúdos que não nos interessavam em nada e não faziam parte da nossa vida? Esta prática, que nós conhecemos tão bem, é a chamada “educação bancária”.

Ao contrário, a educação libertadora é aquela que busca transformar as relações de poder e se posiciona ao lado da classe dominada na correlação de forças sociais.



Paulo Freire.

Na educação popular proposta por Paulo Freire, o DIÁLOGO é o principal.

A educação popular tem como objetivo “virar a mesa”. Para isso, busca fortalecer a autonomia, o protagonismo popular, a esperança dos sujeitos visando sua libertação.

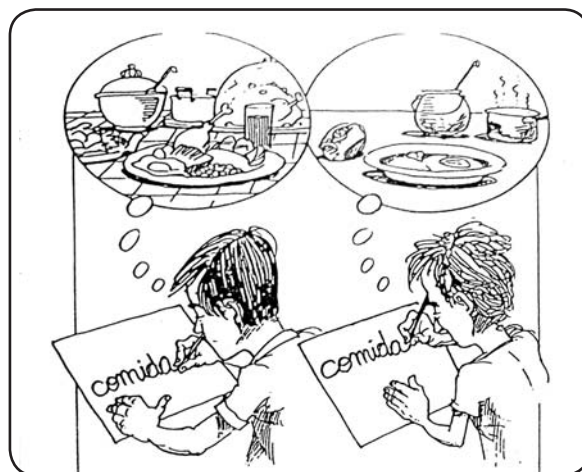
O diálogo precisa estar sempre presente. Para Paulo Freire, o diálogo é a hora do encontro com o outro, com a natureza, com o transcendente e consigo mesmo.

O diálogo deve ser uma atitude permanente na construção de um novo mundo. É uma relação de confiança, de respeito, de reconhecimento do valor do outro, do diferente; é o encorajamento mútuo na direção da escuta e do construir caminhos juntos. Por meio do diálogo, se torna possível a construção coletiva do conhecimento.

A educadora e o educador popular é movido por amor e por esperança. E desta forma, é que atua junto aos grupos: irradiando este amor e esta esperança.

“Não podes ensinar a amar, tens que amar. A única forma que tu tens de ensinar a amar é amando. O amor é a transformação definitiva.”

(Paulo Freire)



FUNDAMENTOS DO DIÁLOGO: O AMOR É TAMBÉM DIÁLOGO

O diálogo é um ato de coragem.
Nunca de medo e nem de dor.
É causa de libertação que nos leva.
Ao compromisso e ao ato de amor.

O diálogo não pode ser piegas
e nem pretexto para a manipulação.
É passo para a liberdade.
E nunca para levar dominação.

O diálogo é amar as pessoas e a vida.
É ter espírito de humildade.
É a pronúncia do mundo para recriar
permanentemente o caminho da solidariedade.

Diálogo não é para alimentar a arrogância.
Mas sim tarefa comum saber agir.
Não é alienação e nem ignorância.
Porém, cuidado no saber ouvir!

Diálogo é abrir-se à contribuição.
Pois a auto-suficiência não leva ao novo.
Querer ser sábio e absoluto.
É afastar-se e ficar longe do povo.

Diálogo é, primeiro, acreditar,
Para depois o outro poder escutar.
É quando, assim, frente a frente,
começa-se a construir no dialogar.

Dialogar é ter fé nos homens e mulheres,
no poder de fazer e de refazer.
No sentir-se sujeito: de criar e recriar.
Não é privilégio de querer eleito ser.

O diálogo nos leva a viver a verdade.
Construir dia-a-dia o seu "que-fazer".
Destruir o capitalismo que produz a morte.
para o projeto de vida vencer.

O diálogo não é força nem paternalismo.
É relação horizontal de confiança.
O outro ser respeitado como gente,
Romper silêncio e criar esperança.

O diálogo não é conversa de "blá-blá-blá"
Mas sim, crítica transformadora.
É um desafio que se precisa responder
e que constrói a luta libertadora.

Antonio Carlos Bez

FORMAÇÃO CONTINUADA

O processo de formação continuada que se inicia nos grupos e passa pelo coletivo de animadoras e animadores se aprofunda no curso “História Social do Trabalho”.

A chamada “Escolinha” foi inaugurada em 2004, ano em que se formaram duas turmas. Desde então, já se formaram trinta turmas.

A escolinha representa um passo importante no avanço da compreensão da realidade e estudo aprofundado da economia solidária, resultando na qualificação da prática de educação popular, bem como no crescimento individual e coletivo. Estudamos sobre a História Social do Trabalho buscando romper com mitos e ideologias que encobrem as verdades.

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

■ OBJETIVOS DA ESCOLA

1. Ampliar o coletivo de educadores em Economia Popular Solidária para ajudar no trabalho de acompanhamento de clubes de trocas, padarias comunitárias e outras iniciativas de trabalho e renda onde se desenvolvam valores não capitalistas.
2. Fornecer instrumentos teórico-metodológicos para os integrantes do coletivo de educadores e animadores destas iniciativas, tendo como referência o pensamento de Paulo Freire.
3. Avançar na elaboração de uma proposta de economia voltada para a construção de uma sociedade fundada em relações de solidariedade.
4. Resgatar o trabalho como construtor de vida humana, desvelando o emprego como uma das formas sociais historicamente possíveis, porém não a única.

■ CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO

1. Ter inserção em trabalhos com grupos de base: clubes de trocas, iniciativas de trabalho e renda, pastorais, e outras iniciativas populares.
2. Ter interesse pelo tema e disponibilidade para acompanhar os grupos, ajudando-os na caminhada, qualificando as ações já em desenvolvimento.
3. Ter vontade de estudar, pesquisar e disciplina pessoal para realizar tarefas entre uma etapa e outra.

■ METODOLOGIA E FORMATO

1. A escola será realizada em cinco etapas de oito horas, durante o segundo semestre de 2011, num total de 40 horas.
2. Todas as etapas constarão de aulas teóricas em linguagem coerente com um curso básico e oficinas práticas.
3. Cada etapa será acompanhada de um subsídio teórico-metodológico na forma de cartilha que servirá de apoio aos multiplicadores.
4. Entre uma etapa e outra deverão ser executadas tarefas junto aos grupos de base: repasse dos conteúdos tratados e reforço na organização dos grupos.

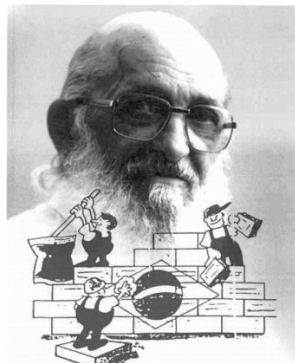
CONTEÚDO DA ESCOLA
DE AGOSTO A DEZEMBRO DE 2011
31ª TURMA (SÁBADOS)

DATAS DAS ETAPAS	ASSUNTOS A SEREM TRATADOS EM CADA UMA DAS ETAPAS
20 de agosto	Uma Pedagogia Humanizadora: A Pedagogia de Paulo Freire
17 de setembro	O trabalho humano: das sociedades comunais primitivas ao modo de produção feudal
15 de outubro	O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização
19 de novembro	As Utopias em torno do trabalho: Liberdade e Criação
03 de dezembro	Que mundo estamos construindo? Economia Popular Solidária

32ª TURMA (ÀS SEGUNDAS-FEIRAS)

DATAS DAS ETAPAS	ASSUNTOS A SEREM TRATADOS EM CADA UMA DAS ETAPAS
22 de agosto	Uma Pedagogia Humanizadora: A Pedagogia de Paulo Freire
19 de setembro	O trabalho humano: das sociedades comunais primitivas ao modo de produção feudal
17 de outubro	O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização
21 de novembro	As Utopias em torno do trabalho: Liberdade e Criação
03 de dezembro	Que mundo estamos construindo? Economia Popular Solidária

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO



ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

Folder da Escolinha.



Terceira etapa da Escolinha – maio de 2011.



4 Economia e Solidariedade

*A gente se reúne, trabalha em mutirão,
produz prá melhorar, a vida em união,
o grupo é quem decide, aqui não tem patrão.*

*A gente se organiza, e planta o que comer
produz artesanato, faz feira prá vender
faz troca solidária, outro jeito de viver.*

*Notícia importante, prá quem não sabia...
está acontecendo: uma outra economia!²²*

Não há consenso sobre o significado do termo economia solidária. Alguns autores defendem que é impossível o diálogo entre economia e solidariedade. Carlos Vainer²³ diz que economia é uma “guerra de todos contra todos”, o que exclui a possibilidade de caminhar junto com a solidariedade. Já Marcos Arruda²⁴ diz que a economia tem relação com as formas diferentes de organização da sociedade: como ela utiliza os recursos naturais na busca pela produção e reprodução da vida. Ele não vê incompatibilidade entre economia e solidariedade.

A pretensão deste capítulo é analisar as duas categorias – economia e solidariedade – buscando nexos entre elas para descobrir como se dá este “casamento” nos clubes de troca da Rede Pinhão. É possível vivenciar o princípio da solidariedade mesmo nas atividades econômicas? Ou economia e solidariedade são incompatíveis? Quais são as repercussões na vida das pessoas envolvidas?

Iniciamos analisando as duas categorias. Nos momentos de formação sobre economia solidária, geralmente começamos o diálogo a partir do significado da palavra *economia*. A primeira idéia que surge é aquela relacionada a “economizar”, “poupar”.

No entanto, a ciência econômica trata a economia de uma forma mais complexa.

Economia

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa conceitua economia da seguinte forma:

²² Jingle da Economia Solidária – Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

²³ VAINE, Carlos. *O presente de um futuro possível*. In: *Sindicalismo & Cooperativismo: a economia solidária em debate – transformações no mundo do trabalho*. Rio de Janeiro, Unitrabalho, p.45-46.

²⁴ ARRUDA, Marcos. *Humanizar o infra-humano. A formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária*. Petrópolis, Vozes, 2003, 226.

“Ciência que trata dos fenômenos relativos a produção, distribuição e consumo de bens; teoria econômica; sistema produtivo de um país ou região; a arte de bem administrar uma casa; contenção ou moderação nos gastos; poupança (...)”

Solidariedade

E solidariedade? O que significa?

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o vocábulo “solidariedade” pode ser assim definido:

“Laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes(...) sentindo moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades dum grupo social, duma nação ou da própria humanidade; relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s).”

Avelino Pedro Buck²⁵ conceitua solidariedade:

“Atuar humano, de origem no sentimento de semelhança, cuja finalidade objetiva é possibilitar a vida em sociedade, mediante respeito aos terceiros, tratando-os como se familiares fossem; e cuja finalidade subjetiva é se auto-realizar, por meio da ajuda ao próximo.”

Para participantes do Clube de Troca Nova Semente,²⁶

“Solidariedade é quando eu tenho uma coisa e a outra não tem, e eu troco essa coisa por algo que ela não tem. (...) Se eu sou um pouco egoísta, as duas ficam em falta.”

“(...) A gente vai sendo solidária e as pessoas vão revivendo.”

Nos espaços de estudo da Rede Pinhão, primeiramente refletimos sobre os dois termos isoladamente, buscando ampliar o conceito de economia agregando os ele-

²⁵ AVELINO, Pedro Buck. Princípios da solidariedade: imbricações históricas e sua inserção na Constituição de 1988. Revista de Direito Constitucional e Internacional n. 53, out/dez. São Paulo, RT, 2005, p.250.

²⁶ Falas obtidas pela pesquisadora Maria Izabel Machado, na pesquisa intitulada *Clubes de Troca Nova Semente: a economia solidária frente às novas configurações do mundo do trabalho*. II Seminário Anual de Sociologia Política. Universidade Federal do Paraná. Tendências e Desafios Contemporâneos. Setembro de 2010.

mentos produção, distribuição e consumo. Em seguida, o desafio é buscar conexões, a partir da realidade local e macro, de como pode acontecer uma economia solidária e como se dá o seu oposto (capitalismo).

4.1 - ECONOMIA SOLIDÁRIA

O termo “economia solidária” tem sido utilizado desde a década de 1990, para designar as formas coletivas de produção segundo os princípios da autogestão, solidariedade, cooperação.

Com o passar dos anos, a noção de economia solidária se ampliou: também está a serviço da vida²⁷.

Por que uma economia a serviço da vida? Porque a preocupação não pode ser só com os seres humanos, mas sim com toda a “comunidade de vida”²⁸, que inclui terra, água, florestas, animais... ou seja: habitantes do Planeta Terra. As pessoas não estão separadas da natureza.

Economia também significa **gestão ou administração da casa**. Sendo assim, todos nós temos experiência com economia se sabemos administrar uma casa.

O conceito de “casa” também pode se estender, segundo Marcos Arruda²⁹, para “casa corpo”, “casa sociedade”, “casa Planeta Terra”.

A economia envolve elementos, como: **trabalho, propriedade, dinheiro, bens, serviços, distribuição, consumo**, dentre outros.

Trabalho e propriedade

Na nossa casa, é preciso trabalho para que possamos ter conforto e bem estar. Atividades como lavar, passar, cozinhar, varrer precisam ser feitas diariamente. É um trabalho que não gera nenhum tipo de produto novo, nenhum resultado que permaneça. O alimento, depois de produzido, depois de algumas horas já não existe mais. A roupa, depois de lavada, em algumas horas ou dias, está suja novamente. Na cozinha, quanto mais se lava louça e se limpa o chão, mais aparece louça para lavar e mais aparecem resíduos. Quanto mais trocamos as fraldas dos nossos bebês, mais aparecem fraldas para serem trocadas e lavadas. Este tipo de trabalho que não gera um resultado permanente é chamado **labor**.³⁰ É diferente de um trabalho que produz algo que permanece e se pode acumular, como uma mesa, uma roupa, um calçado, um automóvel. O que o labor produz é vida, é reprodução da vida. Já imaginou se um dia todas as pessoas se recusarem a limpar uma casa? A cozinhar? A vida não se mantém.

O labor faz parte da economia, seja aquela que se pratica em casa, seja a eco-

²⁷ A Campanha da Fraternidade do ano de 2010 tem como lema: “Uma economia a serviço da vida”.

²⁸ “Comunidade de Vida”, termo utilizado na Carta da Terra.

²⁹ ARRUDA, Marcos. Idem

³⁰ Veja o livro de Hanna Arendt, **A condição Humana**. Forense Universitária – São Paulo, 2009.

nomia do município, do país. No entanto, o labor não é socialmente valorizado. Quem o realiza na própria casa, geralmente não recebe nenhuma remuneração e nem reconhecimento. Quem o realiza fora de casa, de modo geral, recebe pouca remuneração. Por exemplo, a babá, a diarista, o pessoal que faz a limpeza nos prédios públicos....

Há o trabalho valorizado e remunerado, ou aquele que produz objetos. Há também, o trabalho valorizado e remunerado relacionado a serviços, ou seja: aquele que exige estudo para realizá-lo. Como exemplo, temos o trabalho de médicos, advogados, professores etc. Quanto mais a pessoa estuda, mais chances terá de ter o seu trabalho valorizado e receber bom pagamento por ele.

Há o trabalho que produz bens e serviços para outros e não para si ou para a família. Neste caso, recebe-se remuneração, mas muito baixa, porque não se tem a **propriedade privada** dos meios de produção. Por exemplo, um boia-fria que lida com a terra que não lhe pertence. Ou o operário de uma fábrica de automóveis que produz vários carros por mês mas, como não tem a propriedade dos meios (máquinas, ferramentas, fábrica), é explorado e jamais poderá adquirir um carro igual ao que ele mesmo produziu.

Portanto, a propriedade privada dos meios de produção possibilita que umas pessoas explorem outras pelo trabalho. Permite que alguns poucos possam acumular riquezas enquanto outros precisam trabalhar apenas para continuar a sobreviver.

A propriedade privada da terra é a primeira que se estabeleceu. No Brasil, os colonizadores chegaram há 500 anos, mataram e escravizaram indígenas e tomaram suas terras, criando cercas e escravizando pessoas para a produção. Isso acontece até hoje. Muitos grandes proprietários de hoje são herdeiros daqueles que primeiro invadiram terras alheias e as tomaram como suas.

Há o mito de que “basta trabalhar para enriquecer”. Se fosse assim, trabalhadoras e trabalhadores das fábricas, das lavouras, catadoras e catadores de materiais recicláveis que trabalham de sol a sol, estariam ricos e ricos. Na verdade, para enriquecer, é preciso tirar a parte que cabe às outras pessoas, aos outros grupos. Como fizeram os europeus, que em 1500 tiraram as terras onde os indígenas viviam; como as grandes construtoras hoje que, para erguer os prédios de luxo, desalojam antigos moradores humildes...

Trabalho subordinado

Como existe muita distância entre pobres e ricos, entre quem detém a propriedade privada dos meios de produção e quem detém apenas sua própria energia para o trabalho, a sociedade capitalista adota o trabalho subordinado. Ou seja: se estabelece, no trabalho, uma relação de dominação. Patrão x empregado; chefe x subordinado; supervisor x operários. Há quem manda e quem obedece. Este tipo de relação pode se estender até a família, quando o homem – que é dominado no seu ambiente de trabalho – procura dominar a esposa e oprimir as filhas e os filhos. Esposas dominadas também podem ser tiranas com as crianças. Lembramos que se aprende desde cedo que as relações de poder são naturais. Será?

Trabalho na Economia Solidária

Na economia solidária, a lógica é diferente.

Não deve existir relações de subordinação. Não deve existir hierarquia. A figura de chefe, de patrão, é abolida. Trabalhadoras e trabalhadores participam de todos os processos em condição de igualdade, não há quem seja superior ou inferior. As decisões são tomadas coletivamente.

A autogestão pode acontecer no ambiente de trabalho, na família, na comunidade, no município, no país. É possível que a população se envolva ativamente na administração das diversas “casas” existentes. Por isso, a economia solidária pode se estender para todas as dimensões da sociedade e não só ficar restrita a grupos de trabalho.

O “labor”, na economia solidária, é valorizado e jamais considerado como atividade inferior. O trabalho que gera bem estar nas pessoas – como lavar, passar, cozinhar, cuidar de crianças e dos idosos – é trabalho tão importante como aquele que necessitou de estudo para ser realizado. Estudo passa a ser sinônimo de **responsabilidade** e não de privilégios. É preciso que a sociedade possa contar, por exemplo, com dentistas e urbanistas competentes, que estudaram para bem exercer a sua profissão. Mas que este estudo adicional não se torne um mecanismo de poder e de produção de desigualdade.

Hebe de Bonafini é militante argentina de um movimento chamado “Mães da Praça de Maio”. Ela, assim como várias outras mães, tiveram filhas e filhos desaparecidos no período de ditadura militar, na Argentina, por perseguição política. Depois de muitos anos após o desaparecimento das filhas e dos filhos, estas mulheres criaram uma universidade. No Fórum Social Mundial de 2001, Hebe de Bonafini dizia que a universidade não foi feita para que jovens a frequentem visando ganhar dinheiro depois de formados. Ela dizia assim: “que triste que jovens estudem para ganhar dinheiro! Jovem deve estudar é para aprender e transformar o mundo!”³¹

Dinheiro x moeda social

O dinheiro é elemento central no sistema capitalista. Significa poder de consumo,



³¹ Ver site <http://www.spbancarios.com.br/rdbmateria.asp?c=205>

de propriedade, poder para acumular bens, patrimônio, status, conforto e poder sobre outras pessoas.

Há grupos e comunidades que utilizam moeda social, apenas um instrumento para facilitar as trocas, quando se trata de clubes de troca, ou para contribuir no desenvolvimento das comunidades, no caso de bancos comunitários.³² Na economia solidária, a moeda tem uma função social, está a serviço de todas as pessoas por igual. Moeda social não rende juros, correção monetária. Não é para ser acumulada e nem poupada, é para circular.

Em muitos municípios brasileiros, a moeda social é aceita no comércio dos bairros. Representa um grande estímulo à economia local. Assim acontece com o Banco Palmas, em Fortaleza, Banco Pirê, em Dourados e mais tantos bancos comunitários que existem.

Há, também a circulação de moeda social nas feiras de economia solidária. É o caso da Feira Permanente de Economia Solidária em Curitiba, espaço onde circula uma moeda cujo nome é Girassol.

Distribuição de bens e serviços

No sistema capitalista, a distribuição de bens e serviços é desigual. O resultado do trabalho dos operários numa fábrica de tratores, por exemplo, não é dividido com quem trabalhou, mas sim com os donos do capital, proprietários dos meios de produção. Quem irá adquirir os tratores produzidos por mão de obra assalariada, por sua vez, serão outros proprietários de terras, que pagarão um pequeno salário para que outros não proprietários de terra, seus empregados, manejem os tratores. O resultado do trabalho realizado pelos não proprietários irá para os donos das terras, que comprarão mais insumos e maquinários de outros proprietários.

Outro exemplo: O Brasil é um grande produtor de carne bovina. Há cerca de 200 milhões de bois no país, ou seja: quase um boi por habitante.³³ No entanto, poucos brasileiros(as) podem consumir o alimento frequentemente. Além disso, muitas áreas na região Amazônica, no Cerrado e outras regiões do Brasil, têm suas florestas naturais destruídas para dar lugar ao pasto ou à plantação de grãos que, por sua vez, irão alimentar o gado, e não seres humanos. Depois que a floresta foi destruída para servir de pasto e para a plantação de grãos que vão alimentar o gado, boa parte deste gado ainda sai do Brasil. Quem vai consumi-lo são habitantes de países ricos, que têm a carne como o seu principal cardápio.

Se a economia no Brasil se orientasse pela solidariedade, não aconteceria isso. Não se destruiria a “casa planeta” para produzir gado. Não haveria tantos bois, criados para gerar lucro. A biodiversidade seria preservada. A riqueza seria, em primeiro lugar, distribuída no próprio país. Não haveria pessoas passando fome enquanto outras comem demais. O alimento só iria para outros países depois que abastecesse os brasileiros.

Descobrimos, então, que a economia pode ser denominada solidária quando se torna possível identificar solidariedade:

³² Há, atualmente, mais de 50 bancos comunitários no Brasil. Veja o site www.balcopalmas.org.br.

³³ Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

- Na produção – Ou seja: trabalho livre, coletivo, justo, democrático, que gera prazer e satisfação.
- Na distribuição - quando a riqueza produzida pelo trabalho é distribuída de forma justa: quando todas e todos têm acesso aos bens e serviços socialmente produzidos.
- No consumo – Quando, no ato do consumo, se prefere adquirir produtos e serviços que foram produzidos por grupos de economia solidária. Marcos Arruda lembra que, quando optamos por consumir da economia solidária, estamos atacando o capitalismo, pois colocamos recursos e energias em outro projeto. Economia solidária exige mudança de atitude³⁴.

A figura a seguir ilustra a forma como o sistema capitalista se organiza.



³⁴ Fala de Marcos Arruda em curso do Centro de Formação em Economia Solidária – CFES, no Paraná, em 2011.

Em um dos encontros de animadoras e animadores da Rede Pinhão de Clubes de Troca, refletíamos sobre a figura da mesa, que tão bem representa a pirâmide capitalista.

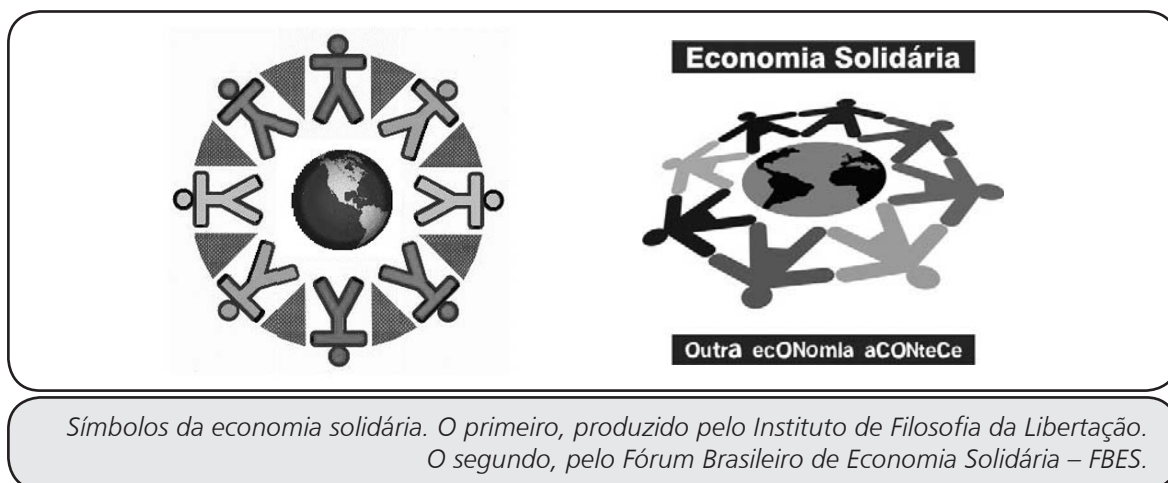
O desperdício chamou muito a atenção. Também teve destaque a forma como os “de baixo” sustentam os “de cima”; os “de cima” comemoram a pobreza dos “de baixo”, que por sua vez, não têm forças para se levantar.

Animadoras também observaram que na mesa falta um outro grupo, os idosos que não podem trabalhar e precisam que os mais jovens se responsabilizem por eles; Questões levantadas pelos animadores:

“Por que permitimos que haja o andar de cima?”

“Quais são as “mesas” que nós carregamos nas nossas vidas? Nas nossas famílias, na sociedade...”

As figuras que representam a economia solidária são bem diferentes. Geralmente são símbolos que mostram pessoas de mãos dadas, em círculo, em igualdade. O globo no centro simboliza o cuidado com a grande casa que precisamos gerir: o planeta terra.



Economia do suficiente

A animadora Madalena, da Rede Pinhão, reflete sobre a chamada “economia do suficiente” de que nos fala Marcos Arruda. Ela vivenciou uma experiência junto aos indígenas de Guarapuava: “Os índios saem para caçar e quando chegam, eles põem a caça no meio do terreiro. Cada um pega somente a parte que necessita, o que vai consumir. Já diz a oração do Pai Nosso: O pão nosso de cada dia... Por que temos que guardar para o mês?”

Certa vez, um indígena urbano na feira de artesanato, montou sua barraca e arrumou seus produtos de forma cuidadosa: chocalhos, arco e flecha, colares... tudo disposto de forma harmoniosa e colorida. Alguns minutos depois, apareceu uma pessoa que comprou vários objetos. Satisfeito com a venda, ele se pôs a guardar todo o ma-

terial e a desmontar a sua barraca. As pessoas que estavam em volta não entenderam e perguntaram por que ele estava indo tão cedo embora e a resposta foi: "já vendi o que necessitava".

Para o pensamento ocidental, capitalista, esta atitude demonstra preguiça e falta de ambição. Para a tradição indígena, é a lógica do necessário. É a lógica da economia solidária.

4.2 - ECONOMIA SOLIDÁRIA A PARTIR DOS SUJEITOS QUE A CONSTROEM

Em seguida, conheceremos o que as mulheres da Rede Pinhão compreendem por economia solidária, a partir da sua vivência. Em seguida, o olhar de assistentes sociais que atuam junto aos grupos. Num outro momento, a reflexão sobre o diálogo entre economia e solidariedade, buscando identificar limites e possibilidades de emancipação a partir das experiências de economia solidária.

A seguir, estão vários olhares sobre a economia solidária, a partir de três grupos distintos: São Tiago, Novo Amanhecer e Amizade.

CLUBE DE TROCA SÃO TIAGO

Durante um encontro no final do ano de 2010, o Clube de Troca São Tiago se reuniu para avaliar a caminhada do grupo. Seguem abaixo algumas falas que trazem elementos de economia e de solidariedade



Clube de Troca São Tiago.

"Sempre nos reunimos, faça chuva ou faça sol. Frio, sol quente... mas sempre estamos muito contentes. Não importa que os produtos estejam no chão. O grupo é forte e unido, não é por falta de espaço que o grupo

pára. Aqui, não há comodismo. Nós gostamos de nos encontrar, por isso sempre estamos juntas. Isso, é prova de AMOR. Fazemos intercâmbio: já fomos ao “Clubão” e ao Clube de Troca da Amizade.”

“Nas trocas, sempre achamos o que precisamos. O que fazer para a janta, para o café? No clube de troca, a gente acha, leva para casa. Repolho, salsinha, torresmo, café, roupa, chinelo, tempero, pano de prato, bolo, o pãozinho da Lourdes, a nega maluca da D. Rosa, surpresas da Neusa, bijuteria da Elza...”

“Participamos de oficinas de sabão, bolsa de garrafa pet...”

“Aprendemos que o Pinhão não é para segurar, não é para guardar. É para gastar!”

“Só o fato de a gente se reunir já é uma grande alegria. Há partilha, amizade.”

“Houve também os momentos difíceis: correrias, longa distância a percorrer com o nenê, falta de vale transporte para poder participar do encontro... é importante visitar outros grupos (intercâmbio). Num destes intercâmbios, o clube aprendeu formas interessantes de arrumação da mesa para as trocas.”

Este grupo consegue, de forma natural, associar economia com solidariedade. Não há contradições. Os elementos típicos da economia – produção, trocas, moeda social (dinheiro), partilha (distribuição) se articulam com os elementos da solidariedade: valorização do intercâmbio entre grupos, alegria, amizade, amor. Também encontra-se o elemento “valorização do trabalho” - princípio fundante da economia solidária, quando referem-se de forma carinhosa à produção das companheiras. Há também a mudança de paradigma: “pinhão não é para guardar, é para gastar”.

CLUBE DE TROCA NOVO AMANHECER



Clube de Troca Novo Amanhacer.

As falas abaixo foram extraídas do Relatório de Estágio em Serviço Social, de Evelyn Raquel Carvalho, estudante da Unibrasil - Faculdades Integradas do Brasil, a partir de estágio no CEFURIA, acompanhando o Clube de Troca Novo Amanhecer (2011).

“Economia solidária é economia sem patrão;”

“Amizades, alegria, companheirismo... o clube de troca é a minha família, onde venho e desabafo. A gente faz artesanato e brinca. O clube me tirou da depressão! A alegria das pessoas... aqui eu tenho minhas amigas. Todo mundo ri e conversa, todo mundo é amigo. A gente troca tudo! Troca amizade... às vezes eu faço um bolo. A gente troca roupa, conhecimento, a gente troca tudo! As amizades, trocas de ideias... antes eu não falava com ninguém (...) prá mim ajudou bastante, aprender a conversar e a exigir direitos. Isso aí é mudança! O clube de troca é a coisa mais importante da minha vida, aprendi muita coisa. Veja, hoje a gente não fez muita coisa (referindo-se ao artesanato), mas só o que foi falado! A gente renova, muda tudo! Troca de experiência, de viver, das coisas que a gente faz. Um bolo que a gente faz, troca por uma roupa que a gente precisa e pronto! Não precisa comprar!”

“Economia solidária é uma coisa que a gente tem, mas não é só prá gente, é preciso dividir com os outros, aí tem solidariedade!”

“Economia solidária? Às vezes a gente não tem uma coisa e precisa. E o outro tem. Prá gente é bom! Nesses dias eu não tinha sabão, levei meus tapetinhos, troquei pelo sabão e detergente. Eu nem precisei comprar. Tinha no mercado, mas eu não tinha dinheiro!”

“A feira agora, tem uma vez por mês. Faz tempo que a gente está lutando para ela acontecer uma vez por mês e agora conseguimos. É importante que o clube de troca continue para ter um mundo melhor. Ele é possível, se a gente quiser. (...)”

“Mudou bastante coisa, aprendi a partilhar as coisas com o próximo, aprendi a falar. Aprendi a ter mais interesse para lutar pelo que é direito da gente. A gente não sabia dos nossos direitos. Eu não quero favor, quero o que é meu por direito (...) eu trago as coisas que eu faço e levo para casa o trabalho dos outros, o que eles fazem.”

“Economia solidária é ser solidário com o próximo, é saber repartir;”

“A gente faz o que a gente aprende e depois divide o dinheiro.”

“O que faz o grupo especial é que trabalhamos todos juntos.”

“(...) Eu era submissa ao marido, tudo o que ele falava era o certo, e aprendi que não é assim(...)”

“O clube de troca me ajudou a ter mais confiança, confiar em mim mesma, acreditar que sou capaz...”

“Eu não posso dizer que sou “eu”. Somos “nós”. Sozinhos, a gente não faz nada, a união nos torna “nós”.”

“Respeitar as diferenças do outro é respeitar a si mesmo.”

Os depoimentos e reflexões das mulheres do Clube de Troca Novo Amanhecer apresentam, como no grupo anterior, o diálogo entre economia e solidariedade. As falas a todo momento fazem a junção entre o econômico (trabalho, dinheiro, troca) e a solidariedade (respeito, partilha, amizade, companheirismo). Os elementos centrais da economia solidária são anunciados e valorizados: “economia sem patrão”, trabalho coletivo, união, comunicação, dentre outros.

Assim como no grupo anterior e em todo este livro, surgem elementos de vida que é reconstruída, ou seja: são recorrentes os depoimentos a respeito da depressão que não existe mais, a força, a recuperação da esperança e alegria de viver.

Para ilustrar, segue abaixo o depoimento de Idair Pereira da Silva que sofria de depressão e depois que começou a participar do clube de troca considera-se curada:

“Antes, eu tinha depressão profunda, tomava medicamento forte que me fazia engordar e dormir o dia inteiro. Eu não reagia, e também não me entendia com ninguém. Me sentia diferente, abaixava a cabeça, não conseguia falar com as pessoas. Quando entrei no clube de troca, fiquei curada. O meu pensamento mudou, comecei a perceber que aquilo não era normal. Hoje, não tomo mais medicamento. O clube de troca ajuda na auto-estima por meio das conversas, do companheirismo. Várias pessoas que eu conheço passaram por esta situação.”

CLUBE DE TROCA DA AMIZADE



Nair e Brandina – Clube de Troca da Amizade.

As falas abaixo também foram obtidas por meio de grupo focal, a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da estagiária Viviany Estevo da Silva, sob o tema “O papel da mulher participante do Clube de Troca da Amizade da Rede Pinhão e a representação da economia solidária no seu cotidiano”.

“Economia solidária é troca de experiência, é ter amizade, saúde e ser mais feliz.”

“Na economia solidária nos reunimos para produzir juntas, é diferente de outras reuniões.”

“Eu me sinto realizada, gosto muito. Se for à Feira de Economia Solidária vender, fico feliz. Se não vender, fico feliz do mesmo jeito.”

“Eu sou mais feliz.”

“É bom participar, é bom repartir. É bom comprar, ganhar e vender. É bom de fazer. É mudança! Muita coisa mudou na minha vida...”

“Explicando para a mãe o que é economia solidária e o que acontece na feira: “Mãe, você sabe o que é feira? Não falo destas feiras que conhecemos. Não! É uma feira diferente! As amigas se juntam pra produzir flor e vender na feira. (...) Mãe... no clube de troca nós conversamos sobre a saúde da mulher, decidimos o que vamos trocar, quem vai vender... (...) temos outro jeito de fazer! Economia solidária é todo mundo junto.”

“O meu marido antes, quando a gente chegava da roça ele ia dormir e eu ia fazer as coisas da casa, dar comida pra criação... ele não mexia uma palha! Hoje tudo mudou! Se ele não ajudar, ele que vai ver só uma coisa!”

Para Viviany, assistente social que produziu a pesquisa,

“O Trabalho com as mulheres na Economia Solidária é de grande valia. Acontece partilha, conhecimento, experiência, amizade e as outras formas de saberes, que modificaram as vidas dessas mulheres. Elas aprenderam a ter vez e voz, a serem mais felizes, saudáveis, participativas e principalmente sabem lutar e falar sobre os seus direitos, conquistando-os. Partilham com seus familiares, vizinhos e amigos esta proposta de construir uma outra economia. “Uma outra economia é possível”.”

Para Adriana Matias, assistente social,

“A economia solidária se contrapõe ao modelo de economia que está posto: excludente, exclusivista. Economia solidária está ligada à lógica da igualdade, partilha, participação, emancipação, conhecimento, estudo... enfim: é contra o que a economia formal hoje propõe. Acima de tudo, é o reconhecimento, pertencimento e, sobretudo, o trabalho que é realizado. Na economia formal, os produtos são pensados numa longa escala para se ter lucro e alguns poucos poderem cada vez mais se apropriar deste lucro, que está distante da classe trabalhadora. O operário que trabalha na grande fábrica não usufrui do que é produzido. Na economia solidária, além de se poder usufruir do que o coletivo produz, ainda há a possibilidade de outros conhecimentos, outros saberes e outras trocas, o que na economia formal não é possível. É nesse rompimento com a economia capitalista, que a gente acredita.”

Para a assistente social Izabel Silva Melo,³⁵

“O clube de troca é um espaço onde as pessoas produzem não só aquilo que se chama de bem material... na economia solidária, cada um precisa do outro, não há pessoa sozinha. O que vem em primeiro lugar é a valorização do trabalho humano. Na hora da partilha do resultado do trabalho, há igualdade. Não se encontra isso em nenhum lugar. Conseguimos ver isso na partilha do alimento e do dinheiro, resultado da venda do artesanato. Todas recebem a sua parte, não julgando e nem cobrando, mas tudo na igualdade. Cada uma faz a sua parte.”

Para a assistente social Idamara Gonzatto dos Santos,³⁶

“A economia solidária preza o ser humano e a produção própria. Nada de industrialização, nada de dinheiro. Nós precisamos de dinheiro no clube de troca, sabemos disso. Mas nós prezamos mais a convivência do que o dinheiro! A produção com as nossas próprias mãos! Existe todo um aparato por trás da economia solidária, que é o humano: valorizar a pessoa.

³⁵ Izabel Silva Melo produziu o Trabalho de Conclusão de Curso sob o título Participação das mulheres em clubes de troca: um estudo do Serviço Social a partir da experiência no Centro de Formação Irmã Araújo (CEFURIA), Pela Unibrasil, Curitiba, 2010.

³⁶ Idamara Gonzatto dos Santos é autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Economia solidária e Serviço Social: um estudo sobre as possibilidades e os limites das participantes do Clube de Troca Novo Amanhecer na construção de formas alternativas de geração de renda e autogestão, pela Unibrasil, Curitiba, 2009.

É deixar de lado um pouco o objeto, o dinheiro e o status na sociedade. Precisamos do dinheiro, mas ele não é tudo para poder sobreviver. O potencial é o saber das mulheres, que está aflorando. É uma coisa que elas sempre tiveram dentro delas, e que ninguém conseguiu instigar. Hoje, elas conseguem ter visão ampla, solicitar seus direitos sem precisar pedir.”



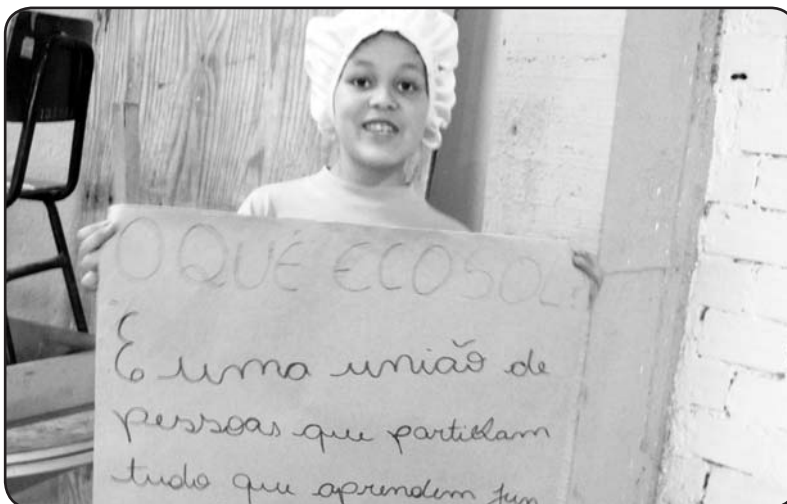
Serviço Social entra no ritmo da ciranda.



Comunicação, afeto, coletividade.

O que aparece nas falas, como elementos centrais na economia solidária?

Em todos os depoimentos, seja das assistentes sociais, seja das mulheres dos diversos grupos, está presente a noção de economia solidária de forma predominante, os elementos subjetivos, imateriais, que têm relação com comunicação, afeto, amorosidade, valorização do trabalho e dos saberes valorização do ser humano, união, coletividade, partilha, justiça, igualdade e luta por direitos sociais.



“Economia solidária é a união de pessoas que partilham tudo o que aprendem juntas. Consumir, produzir, distribuir com justiça social e praticando a autogestão.”

(Nova Semente conceitua economia solidária)

4.3 - UMA NOVA SUBJETIVIDADE

Há muitos autores de esquerda que estudam e escrevem sobre a economia solidária. Alguns afirmam ser ela um novo modo de produção com potencial para derrotar

o capitalismo. Outros autores não concordam com esta ideia: acham que a economia solidária está longe de ameaçar o sistema hegemônico.

Todas estas questões estão atreladas a temática da economia solidária, diante disso, é importante trazer à luz alguns elementos que têm sido desconsiderados nas argumentações dos intelectuais, mas aparecem de forma insistente nas falas das mulheres envolvidas na Rede Pinhão.

O sistema capitalista, para se impor com tanta força por todos estes séculos, precisou de um consentimento do ser humano. Max Weber denominou “espírito do capitalismo” a lógica que permeia as relações de trabalho, a relação entre mulheres e homens e destes com a natureza.

Esta lógica diz que o desejável e natural é que se aceite e defenda o trabalho assalariado (nem que este seja o trabalho explorado, alienado, subordinado, desumanizado) e os valores do individualismo, da competição, a propriedade privada, a hierarquia nas relações, ou a ditadura do capital, como diz Paul Singer.

A economia solidária apresenta uma **nova prática**, uma **nova subjetividade**, um **novo discurso**. Um **contra discurso**, antagônico. Se trava uma disputa silenciosa. O embate contra o capital pode se dar nos diversos planos: nas lutas por direitos, nas grandes mobilizações e também por meio das palavras, da vivência de novas relações e formas de sociabilidade que criam subjetividades e recriam a vida. A partir daí, se põe em cheque os princípios e valores que sustentam o capital.

Se as decisões coletivas acontecem dentro dos empreendimentos de economia solidária, essa prática deverá se estender, mais cedo ou mais tarde, até a família, bem como outras instituições sociais. E teremos a resistência ao machismo, ao sexismo, à violência infantil, ao autoritarismo onde quer que ele se manifeste. “(...) *Eu era submissa ao marido, tudo o que ele falava era o certo, e aprendi que não é assim(...) O meu marido antes, quando a gente chegava da roça ele ia dormir e eu ia fazer as coisas da casa, dar comida pra criação... ele não mexia uma palha! Hoje tudo mudou! Se ele não ajudar, ele que vai ver só uma coisa!*”



Clube de Troca Amizade.

As relações autoritárias que muitas vezes se estabelecem nos diversos espaços da sociedade, são questionadas e enfrentadas. Marise, do Clube de Troca Novo Amanhecer, sempre lembra: *"Agora que aprendi a lutar pelos meus direitos, não abaixo mais a cabeça."*

Quando a capacidade de comunicação passa a ser uma conquista, significa que se está rompendo com a cultura do silêncio, violentamente imposta há séculos por uma lógica colonizadora. *"(...)antes eu não falava com ninguém (...) pra mim ajudou bastante, aprender a conversar e a exigir direitos. Isso aí é mudança!" "Amizades, alegria, companheirismo... o clube de troca é a minha família, onde venho e desabafo. A gente faz artesanato e brinca. O clube me tirou da depressão!"*

Muitas falas dizem respeito às trocas imateriais que são realizadas nos encontros, como: *"A gente troca tudo, troca amizade..."*



Uma nova cultura do trabalho.

Hardt e Negri são pensadores que nos iluminam com a reflexão acerca do potencial de transformação a partir das novas subjetividades que são criadas por meio da comunicação, informação e afeto:

"O trabalho imaterial é biopolítico na medida em que se orienta para a criação de formas de vida social; já não tende, portanto, a limitar-se ao econômico, tornando-se também imediatamente uma força social, cultural e política. Em última análise, em termos filosóficos, a produção

envolvida aqui é a produção de subjetividade, a criação e a reprodução de novas subjetividades na sociedade. Quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isto é criado através dessa produção biopolítica e social. Em segundo lugar, o trabalho imaterial tende a assumir a forma social de redes baseada na comunicação, na colaboração e nas relações afetivas. O trabalho imaterial só pode ser realizado em comum, e está cada vez mais inventando novas redes independentes de cooperação através das quais produzir.”³⁷

Retomemos a fala de Lucas, adolescente do Clube de Troca Novo Amanhecer. *“No Clube de Troca, consegui a capacidade da comunicação. Pessoas chegam, têm medo de rejeição. Mas logo perdem o medo, começam a se comunicar. Em grupo se perde o medo de ser rejeitado. Poder? Poder é poder popular. Todos têm poder, pessoas trocam saberes, conhecimentos....”*

4.4 - PODER POPULAR

Na Terceira Ciranda da Rede de Educação Cidadã – RECID³⁸, Cláudio Nascimento identifica aspectos significativos de poder popular a partir das experiências de economia solidária. Abaixo, a transcrição de parte da sua fala.

“Não é só nas grandes lutas sociais que se constrói poder popular, mas ele é forjado também nas relações que se dão no micro – no cotidiano, na família, por exemplo.

Poder popular é processo em construção, que tem diversos espaços: vai do local ao mundial. Para o poder popular não existem fronteiras, é característica internacional. É pluralidade. É totalidade. Abarca todos os ângulos da vida do ser humano. Também é cotidiano. Quando entra cotidiano significa que ele é subjetividade.

Poder popular é criação “heróica”, porque as pessoas colocam sentimento, paixão, estudo, pesquisa, lutas... pensam isso desde o local até o nacional, até as grandes questões que são colocadas pela história do país.

³⁷ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão. Ed. Record, 2005.

³⁸ A Rede de Educação Cidadã orienta-se a partir de um Plano Nacional de Formação – PNF. Em 2010 e início de 2011, foram previstos 04 encontros nacionais de formação, denominados “Cirandas”. Na Segunda Ciranda, o tema “Poder Popular” foi amplamente abordado, e Cláudio Nascimento muito contribuiu para a compreensão. O texto é a reprodução de alguns elementos de sua fala. Veja o conteúdo completo das quatro cirandas no site www.recid.org.br

Nesse sentido, é criação, é processo.

Poder popular é experimentação. Abertura de novas paixões, de organização... é abertura no âmbito das novas realidades que a vida vai colocando. Sendo experimentação, é mais idéia do que conceito.

O que caracteriza o poder popular é a socialização dos meios de comunicação. É preciso transformar Estado – que ele seja democrático, ético... poder político socializado pela base. É preciso extinguir a estrutura verticalizada, que o poder político esteja na sociedade, por meio de comunas.

Uma nova racionalidade. Impõe-se, acima de tudo, a vida – em contraposição à mercadoria.

Economia solidária, agricultura familiar, propriedade comum dos índios, cooperativas... são elementos novos do poder popular. Às vezes, aparece de formas mais avançadas do que outras.

Temos embriões de poder popular. Precisamos alimentar estes embriões, não com veneno e nem agrotóxicos. Lembremo-nos que o poder popular está no cotidiano. Vai haver salto quântico: um momento em que toda essa riqueza se juntará na história.

ELEMENTO CULTURAL

Poder Popular traz dentro de si a força de uma contra hegemonia e o elemento cultural é fundamental. Para nós da RECID, acontece por meio da educação, oficinas, comunicação. - DISPUTA DE IDÉIAS. Inclusive para suprir debilidades de leitura da população brasileira.

Entender cultura como práxis: este é elemento fundamental da transformação.

O capitalismo implementou modo de consumo no mundo inteiro. Isso é vitória capitalista. O modo de vida norte americano triunfou, mas isso vai acabar.

O ser humano é mobilizado por sonhos, fé, esperança, por idéias, por elementos que dizem respeito à subjetividade; estas eram categorias abolidas na visão da tomada do poder – mesmo do materialismo histórico dialético, essas questões não importavam. Antes, era só a ciência que importava. Agora, não, isso mudou. UTOPIA é o horizonte. Se não tiver isso, não nos movimentamos no presente.

Experiências civilizatórias não morrem.

Elemento cultural, como festas dentro das raízes – passa a ser fundamental! Festa no sentido do riso, porque o riso é subversivo, ele subverte as relações; o erótico, o corpo... são também elementos do poder popular e tudo isso implica transformação cultural do cotidiano, aquilo que faz parte do nosso dia a dia, da construção do novo ser humano.

Poder popular também é ECONOMIA DO TRABALHO AUTOGERIDO – não do trabalho assalariado. Que o “ser trabalho assalariado” se transforme no “ser trabalho comunitário”, autogerido - socialização dos meios de produção (não à propriedade privada). Agricultura familiar é forma de poder popular na área do trabalho; propriedade comunal, que é a base para gerir de maneira democrática a riqueza.

Poder popular é anti-patriarcal. Patriarcalismo antecede capitalismo e capitalismo se apropriou. É preciso, também, incorporar elemento ecológico...

Superar a concepção de classe como sendo só classe operária. Classe popular: todos que produzem riqueza material e espiritual.”

Maria Izabel Machado³⁹ desenvolve pesquisa em economia solidária e num artigo sobre o Clube de Troca Nova Semente, afirma que os clubes de troca constróem outros sentidos para as relações, que não apenas o lucro. Ela observa que são visíveis e significativas as mudanças qualitativas na vidas das pessoas. Izabel evoca Boaventura de Souza Santos quando este autor afirma que emancipação está diretamente relacionada à ruptura com o paradigma capitalista patriarcal, autoritário, individualista.

“Pessoas que se encontravam em quadros de debilidade física e emocional tiveram sua auto-estima resgatada e foram lembradas da dignidade de todo trabalho humano, não apenas do remunerado formalmente. Passaram gradativamente do otracismo e isolamento para a participação. Entendem hoje o clube de troca como o espaço onde “ninguém é melhor do que ninguém” Mais que isso, perceberam que há muito o que aprender e muito o que ensinar.”

Maria Izabel Machado



“A gente vai sendo solidária e as pessoas vão revivendo.”

(Clube de Troca Nova Semente)

Finalizamos este capítulo afirmando a importância dos espaços de economia solidária para a emancipação das pessoas envolvidas e para a construção do poder popular. Em seguida, trataremos do papel do Serviço Social junto à economia solidária.

³⁹ MACHADO, Maria Izabel. II Seminário Anual de Sociologia Política. Universidade Federal do Paraná. Tendências e Desafios Contemporâneos. Clubes de Troca Nova Semente: a economia solidária frente às novas configurações do mundo do trabalho. Setembro de 2010.

5 Atuação do Serviço Social junto à Economia Solidária

Desde a fundação do primeiro clube de troca, em 2001, estudantes do Serviço Social têm acompanhado os processos desencadeados junto à economia solidária no CEFURIA. Trabalhos de Conclusão de Curso foram produzidos e algumas estagiárias continuaram a atuar junto aos movimentos sociais, depois de formadas.

Neste capítulo, refletimos sobre a atuação do Serviço Social na economia solidária. Para tanto, contamos com a experiência de profissionais que têm atuado junto aos grupos e aos movimentos sociais. Acessamos também alguns autores que têm contribuído nesta caminhada, como Vicente de Paula Faleiros e Maria Ozanira Silva e Silva. Iniciamos com uma breve contextualização acerca dos movimentos sociais na atualidade.

5.1 - NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

O sistema capitalista, a partir da segunda metade dos anos setenta, adquiriu novos contornos, uma nova configuração nos padrões de acumulação e no mundo do trabalho. Se a revolução industrial possibilitou na época uma significativa mudança nos mecanismos de produção, com a revolução tecnológica, a partir da década de 70, reconfigura-se a organização do trabalho e se alteram os mecanismos de acumulação.

O trabalho se torna a cada dia mais imaterial, ganhando força a comunicação, a informação, a informatização. Ao mesmo tempo em que a micro eletrônica e a informatização levam ao desemprego grande número de trabalhadores, aqueles que permanecem são super-explorados. Torna-se mais difícil quantificar a mais valia, porque o trabalho passa a se estender a todas as dimensões da vida. Não é só considerado a partir do momento em que se adentra o portão da fábrica. Ao contrário, leva-se o trabalho para casa, até mesmo para o lazer. O capital penetra também as horas de descanso e sutilmente impõe o que se deve ou não fazer, o que se deve ou não comprar. A criança brasileira é, no mundo, a que fica mais horas de frente à televisão, influenciando na forma como se dará o consumo familiar.

Os movimentos sociais também mudam na sua composição e na sua forma de manifestação. As bandeiras de lutas se estendem para questões ambientais, étnicas, de identidade, de gênero. Os novos movimentos sociais também são movimentos antiglobalização, anticapitalismo, antineoliberalismo. São movimentos culturais, na medida em que buscam, por meio de um contra-discurso, anti-hegemônico, levantar novos valores, novas formas de sociabilidade, de organização do trabalho.

Os novos movimentos sociais lutam pela democracia direta, pela defesa da vida, pelo direito às diferenças. Há movimentos ligados à juventude, homossexuais, povos indígenas, comunidades tradicionais, movimentos pela defesa dos direitos dos animais, da natureza, dos rios. Há os movimentos dos atingidos por barragens, que questionam o atual modelo de desenvolvimento, voltado para as grandes obras, os grandes projetos. Os movimentos anti-corporação, que são fortes na Europa, atacam o “coração” do

Império, ou seja: as grandes corporações que dominam o planeta.

No estágio do capitalismo atual, a luta de classes já não se dá com tanta clareza como há 50, 100 anos atrás. As figuras antagônicas patrão x empregado; colonizador x colonizado já não são tão facilmente identificáveis. Hoje, o “inimigo” se reveste de rótulos alegres, sedutores, coloridos; os trabalhadores superexplorados são tidos como “colaboradores” e não empregados, e assim se sentem com uma obrigação “moral” de produzir em ritmo cada vez maior; o apelo ao consumismo se dá em todos os momentos, nos vários espaços da vida cotidiana e invadem os lares dizendo que só temos valor pelo que consumimos, só alcançaremos a felicidade se adquirirmos produtos de marca.

Ao mesmo tempo, a resistência também muitas vezes é imperceptível. Nem sempre conseguimos identificá-la. Nem sempre resistência quer dizer organização ou povo na rua. Resistência pode se dar na desobediência, no ato de simplesmente negar. Pode ser confundida com preguiça, acomodação. Quando um jovem se recusa a aceitar desenvolver um trabalho subordinado, alienado, desumanizado... ele está dizendo “não” a uma forma de organização hierárquica, ele está dizendo “não” a um trabalho que não lhe traz motivação. Ou seja, está fugindo ao padrão capitalista da “domesticação”, da “docilidade” e “gratidão” que é esperada de um trabalhador que recebe o “benefício” do emprego.

Os novos movimentos sociais são compostos por múltiplas identidades. Muitos recusam se submeter à hierarquização das relações. Não aceitam mais uma vanguarda que vá à frente. Estão tentando reinventar caminhos possíveis para uma revolução do século XXI, diferentes das que aconteceram.

5.2 - SERVIÇO SOCIAL NO CEFURIA

O Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo existe desde 1981 e atua com formação, articulação e comunicação, com ênfase na educação popular. Está ligado às lutas sociais e compartilha dos mesmos pressupostos ético-políticos do Serviço Social. Desta forma, o CEFURIA se constitui em mais um campo de atuação para estudantes e assistentes sociais.

Ao atuar junto à economia solidária, o Serviço Social busca contribuir para que os sujeitos envolvidos saiam do isolamento, motivando a constituição e fortalecimento de grupos autogestionários. Que as pessoas possam, coletivamente, buscar a sobrevivência e, a partir disso, avançar na construção do conhecimento. Busca-se contribuir no fortalecimento da auto-estima, protagonismo e autonomia.

Faz parte do trabalho de assistentes sociais no CEFURIA:

- **Promoção de cursos e eventos, a partir da concepção e metodologia da educação popular freiriana.**⁴⁰
- **Assessoria a movimentos sociais, universidades, entidades;**
- **Participação nas mobilizações sociais.**⁴¹

⁴⁰ Eixo articulador estratégico, “educação popular”, segundo SILVA e SILVA, M. Ozanira. O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura. São Paulo: Cortez, 1995.

⁴¹ Eixo “formação de alianças”

- Aprofundamento teórico/prático sobre economia solidária, educação popular, temáticas específicas do Serviço Social⁴² e outros.
- Acompanhamento a grupos de economia solidária, como clubes de troca, coletivos de catadoras(es) de materiais recicláveis e padarias comunitárias.
- Elaboração, organização e publicação de material didático que serve de subsídio aos grupos, espaços de formação e eventos.
- Elaboração, coordenação e gestão de projetos.

Como se trata de um campo novo de atuação profissional há pouco material produzido que traga elementos de trabalho do assistente social numa Organização Não Governamental que atue junto aos movimentos populares.

Eixos estratégicos de atuação do Serviço Social

Diante deste contexto, a reflexão sobre a categoria “transformação social” se faz pertinente. Para Maria Ozanira SILVA e SILVA⁴³, existe uma lacuna com relação à abordagem teórica relativa à categoria transformação social, compreendida enquanto horizonte da prática profissional de ruptura. Segundo a autora, dois pólos antagônicos permeiam esta categoria: o primeiro se relaciona ao fatalismo e resignação com relação à ordem social vigente, que aparece enquanto algo imutável, uma estrutura por demais consolidada e estabelecida, só restando aos assistentes sociais procurar tornar mais brandos os efeitos sociais do modelo capitalista. Por outro lado, haveria o “messianismo” e “voluntarismo”, como se assistentes sociais fossem os responsáveis únicos pela transformação social.

A autora conclui este raciocínio advertindo sobre a necessidade de se “(...) repensar a transformação social enquanto processo histórico que coloca novas questões, como a democracia. O novo cenário exige um amplo processo de reflexão e debates, para que se possa delimitar o sentido e os rumos do próprio socialismo como alternativa contemporânea da transformação social”⁴⁴.

SILVA e SILVA aponta eixos estratégicos para a atuação profissional, são os seguintes:

- **FORMAÇÃO DE ALIANÇAS** – O trabalho desenvolvido pela equipe interdisciplinar envolve parceria e aliança com os movimentos sociais, entidades e organizações diversas como pastorais sociais, universidades, Organizações não Governamentais, grupos de economia solidária, e mesmo o poder público, quando se trata de acessar os recursos que a população demanda. Tudo isso resulta no fortalecimento da organização dos trabalhadores e favorece à(o) assistente social o fortalecimento de sua identidade enquanto profissional que, ao lado de outras categorias, está comprometida(o) com a

⁴² Quanto a este último, se trata de grupos de estudo específicos realizados pela assistente social e estagiárias, quinzenalmente.

⁴³ SILVA E SILVA, p. 247

⁴⁴ idem p.247-8

classe trabalhadora, posicionando-se ao seu lado na correlação de forças e na busca por construir uma contra-hegemonia.

- **EDUCAÇÃO POPULAR** – É o segundo eixo articulador da prática profissional, e estratégia principal interventiva do trabalho no Cefuria e da Rede de Educação Cidadã. Nas práticas de educação popular estão envolvidos todos os que atuam no coletivo. Inspira-se na metodologia de Paulo Freire e busca-se aprofundar este conhecimento. Ana Inês SOUZA, socióloga, em dissertação de mestrado, diz que a década de 90 trouxe um desafio histórico: a construção de uma nova utopia capaz de orientar uma nova prática. Esta nova construção, para SOUZA, está sendo gestada em meio ao caos e requer atenção para perceber o que está acontecendo. Ao mesmo tempo, exige daqueles que se comprometem com a mudança, que abram os seus horizontes, os seus ouvidos e olhos para escutar e ouvir o que há de novo e quais as formas possíveis de intervenção na realidade. O movimento ação/reflexão é fundamental neste processo. A educação popular, historicamente utilizada pelos movimentos sociais, para SILVA e SILVA "(...) tem por objetivo viabilizar um processo reflexivo acerca do cotidiano dos setores populares, de modo a contribuir para a construção de um saber popular que possibilite resistência ao processo hegemônico das classes dominantes. Assistentes sociais não assumem a gestão do processo, mas de co-participação, sendo que assistente social/cliente assumem a postura de educadores e educandos" (idem, p. 178).
- **INVESTIGAÇÃO/AÇÃO** – Este terceiro eixo se relaciona à construção coletiva do saber. Esta é uma preocupação constante do serviço social: registrar a prática, relacioná-la à teoria, produzir coletivamente o conhecimento, colocando-o a serviço da população, tendo como objetivos questionar a ordem social injusta e transformar a realidade concreta, num movimento de denúncia – anúncio – ação.
- **ASSESSORIA AOS SETORES POPULARES** – Neste quarto eixo, profissionais se põem a serviço dos setores populares, auxiliando na leitura da realidade, na tomada de decisão com relação às formas de enfrentamento das condições desfavoráveis, com ações capazes de fortalecer a organização popular na correlação de forças. Trata-se de contribuir para um "(...) processo de conscientização, mobilização e organização da população explorada (idem, p. 186) a partir da vivência cotidiana das classes populares, a valorização do seu saber, da sua força"⁴⁵.
- **REDEFINIÇÃO DA PRÁTICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL**, ou a busca da reconstrução da identidade do profissional do Serviço Social: a "(...) Assistência Social

⁴⁵ Idem, p. 186

se expressa como um mecanismo concreto, aliado a um trabalho de educação política, tendo como horizonte a transformação social”⁴⁶.

Rede de Educação Cidadã

A Rede de Educação Cidadã (RECID) é uma articulação de diversos sujeitos (entidades, movimentos sociais, educadores(as) populares), que têm como objetivo construir um processo sistemático de organização, sensibilização, mobilização e educação popular, buscando contribuir na construção de um projeto popular para o Brasil.

Para tanto, a RECID se organiza por estado, região e país, buscando constituir e fortalecer uma rede nacional. Conta com coletivos estaduais, coordenações por região do Brasil e uma coordenação nacional, composta por integrantes do governo e da sociedade civil (representantes de educadoras e educadores dos estados).

Cada estado brasileiro conta com um coletivo de educadoras e educadores que desencadeiam um processo de educação popular junto à população, por meio de oficinas de formação, encontros estaduais, macrorregionais e nacionais⁴⁷.

Dentre os sujeitos articulados na Rede de Educação Cidadã, nos estados, há uma entidade que se encarrega de contribuir na gestão, na estrutura física e nos processos pedagógicos desencadeados. No Paraná, esta entidade é o CEFURIA.

Numa estreita parceria, CEFURIA e RECID têm atuado sob o mesmo horizonte político pedagógico, a partir da educação popular freiriana. Portanto, o Serviço Social se insere nas ações da RECID, por meio das oficinas de formação, encontros estaduais, macrorregionais e nacionais.

Projeto Político Pedagógico da RECID – PPP

*“A educação é um ato de amor, por isso, ato de coragem.
Não pode temer o debate, a análise da realidade.
Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”*
Paulo Freire

A Rede de Educação Cidadã conta com um Projeto Político Pedagógico – PPP – que foi construído coletivamente, por educadoras e educadores de todo o Brasil. Abaixo, os princípios que orientam a ação desencadeada na rede.⁴⁸

- 1 Compromisso com o projeto popular de nação;
- 2 Fortalecimento das lutas e dos movimentos sociais populares;
- 3 Humanização das relações sociais e com o mundo, em sua dimensão integral (afetiva, cognitiva, transcendental, cultural, socioambiental, política e ética);

⁴⁶ Idem, p. 190

⁴⁷ Veja o site da RECID: www.recid.org.br

⁴⁸ Em cada um dos 12 princípios, há o conjunto de diretrizes, que podem ser acessadas também no mesmo site da nota acima.

- 4 Defesa da biodiversidade e da natureza, na perspectiva política e socioambiental sustentável;
- 5 Partir da realidade concreta, enquanto compromisso com a diversidade;
- 6 Compromisso com o processo formativo para todas(os) as(os) envolvidas(os), garantindo a intencionalidade política deste, o exercício de papéis diferentes entre educadoras(es) e educandas(os), momentos de planejamento, de estudo aprofundado, de registro, de sistematização e de avaliação;
- 7 Dialogicidade;
- 8 Processo de educação popular como prática para a liberdade;
- 9 Compromisso com a emancipação popular;
- 10 Construção do poder popular, no exercício da transformação das relações de poder;
- 11 Identidade, horizontalidade e organicidade da rede;
- 12 Vivência de uma mística da militância e da mudança.

5.3 - DIÁLOGO ENTRE ASSISTENTES SOCIAIS

No dia 20 de junho de 2011, reuniram-se no Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, as seguintes assistentes sociais ligadas aos movimentos sociais: Adriana Matias, Antonia Vandécia de Assis, Andréia Alfaz, Gisele Carneiro, Luzia Nunes, Luciana Madureira, Renata Pons (estagiária) e Lourdes Marchi (educadora do CEFURIA).



Assistentes sociais envolvidas com os movimentos sociais se encontram para dialogar sobre o papel do Serviço Social junto à economia solidária. Gisele, Andréia, Renata, Luzia. Lourdes, Luciana, Adriana, Vanda – segurando a bandeira da economia solidária. (da esquerda para a direita)



No encontro das assistentes sociais, não pode faltar a mística.

A mística foi construída coletivamente. Cada uma escolheu um símbolo e o colocou no centro, sobre a rede que tem os dizeres: “economia solidária, a serviço da vida”.

Abaixo, apresentamos o teor de nossa conversa:

O trabalho do Serviço Social junto à economia solidária é uma caminhada repleta de flores e espinhos.

A economia solidária representa uma total inversão de valores. Por exemplo, se o sistema capitalista prega o individualismo, a hierarquia, a competição, a economia solidária propõe o trabalho coletivo, a autogestão, a solidariedade. No entanto, há alguns grupos que pouco conseguem avançar além da geração de renda, e têm dificuldades em se apropriar destes valores, em se engajar na luta por uma sociedade justa.

A história do Brasil tem a marca da violência, da opressão, dominação de classe, etnia e gênero. O sistema capitalista consegue difundir seus valores por “atacado” porque detém a hegemonia dos meios de comunicação, detém o domínio sobre as instituições sociais e, assim, consegue fazer prevalecer o que Max Weber chamaria de “espírito do capitalismo”.

Por isso, para ser coerente com o projeto ético político e fazer frente à dominação capitalista, o Serviço Social junto aos movimentos sociais tem atuado a partir dos princípios e da metodologia da educação popular freiriana. O objetivo é ajudar a desconstruir a lógica e a naturalização da dominação para então construir o protagonismo popular.

O Serviço Social junto aos movimentos sociais está alinhado com a educação popular freiriana. Não levamos nada pronto, a construção é coletiva. Não aceitamos mais posturas de quem faz “para” as pessoas. É preciso fazer “com” as pessoas. Os projetos e programas que vêm prontos, sem ouvir a população interessada, podem parecer maravilhosos. No entanto, foram feitos sem levar em conta as necessidades, as demandas, a realidade. Quando as pessoas se recusam a participar, são chamadas de desinteressadas, mas o que falta é a construção coletiva! Um exemplo: Quem perguntou às mulheres se elas querem se qualificar para serem babás, domésticas, produzir pano de prato? Precisamos ouvir, beber do poço freiriano.

Avaliamos que os movimentos sociais têm muito a contribuir com o Serviço Social, por meio da prática das decisões coletivas, a roda de conversa, a igualdade, os princípios e metodologia da educação popular freiriana, como aquele que diz: “todos têm um saber que deve ser valorizado, o

mundo não pode se dividir entre os que sabem e os que não sabem”.

Para que vem o Serviço Social? Não é só para garantia dos direitos, é para contribuir na construção de um novo projeto societário! Há uma junção entre as duas propostas – Serviço Social e Movimentos Sociais – é olhar o mesmo horizonte, dialogar, caminhar junto.

Nós somos como um colar de sementes, juntas e juntos somos fortes. Serviço Social aponta para a proposta da economia solidária nos diversos espaços e abrem-se portas. Aprendemos que a sociedade não é só o quintal da nossa casa, é preciso que nos preocupemos com o todo! Nós, assistentes sociais, temos o compromisso de levar para frente a proposta da economia solidária.

Quando assistentes sociais atuam junto à economia solidária, seja nos espaços de formação, seja junto aos grupos ou às mobilizações, é possível vencer o fatalismo, a resignação. Percebe-se que é possível a construção de uma nova sociedade. O que assistentes sociais absorvem, se irradia para outros espaços. Nós pensamos diferente. O ideal seria que todas e todos acadêmicos pudessem passar pelos movimentos sociais para vencerem o fatalismo e o determinismo.

A Escola de Multiplicadores em Economia Popular Solidária, chamada “Escolinha”, ajuda a situar, ou seja: a conhecer aspectos da realidade que na academia não aparecem. É o despertar para o novo. É olhar dentro de si mesma(o) e, a partir daí, tentar mudar. Antes da escolinha, havia algo parecido com uma “escuridão”, e depois, surge com mais clareza o olhar geral sobre a relação capital-trabalho. Percebe-se que a sociedade não se deixa esmagar e propõe algo diferente. A Escolinha é um despertar do marasmo que estávamos. Depois, segue-se na caminhada e nas descobertas, em comunhão com o Serviço Social.

Economia Solidária, a economia a serviço da Vida! Esta é a frase contida na rede, na nossa mística⁴⁹. Economia Solidária pulsa no nosso coração, é como uma vida que explode... economia solidária precisa ser construída na amorosidade, na fraternidade.

Coletivo de Assistentes Sociais

A seguir, apresentamos texto elaborado pela assistente social Adriana Matias, e desde o ano de 2003 tem acompanhado clubes de troca.

⁴⁹ “Economia a serviço da vida” - Frase que foi tema da Campanha da Fraternidade de 2010, e dizeres que estavam no tecido, que fazia parte da mística deste encontro de assistentes sociais.

O Papel do Serviço Social na Economia Solidária

Adriana Matias

A economia solidária tem se apresentado, nos últimos anos, como uma nova área de atuação do assistente social, fértil campo para o empoderamento popular, o fortalecimento do protagonismo, a luta por direitos sociais. O Sistema Único de Assistência Social – SUAS – tem na geração de emprego e renda uma de suas propostas, no entanto a perspectiva da economia solidária vai além disso.

O modelo capitalista vigente caracteriza-se por sua perspectiva predatória, antidemocrática e economicista. Entretanto, mesmo prevalecendo essa lógica excludente, muitos movimentos sociais, pessoas e grupos que resistem, que questionam, que demonstram sua indignação e que estão comprometidos e comprometidas, sonham e lutam por um projeto de sociedade pautado na solidariedade, equidade e justiça social.

A assessoria do CEFURIA às iniciativas de economia solidária torna-se importante, frente ao desafio de construir uma proposta de trabalho contrária à lógica capitalista. Dessa forma, destacamos a economia solidária como um espaço fértil para mobilização das pessoas envolvidas e como um espaço sócio-ocupacional para o Serviço Social.

Os Clubes de Trocas oferecem aos profissionais do Serviço Social um novo espaço sócio-ocupacional que necessita de intelectuais orgânicos capazes de, por meio da práxis, realizar a socialização dos saberes, incrementar o processo de politização, de fortalecimento dos grupos, estimular a participação propondo políticas, reforçando a necessidade do controle social.

O projeto ético-político do Serviço Social está comprometido com a igualdade, a democracia e a cidadania, e acreditamos ser a economia solidária portadora de elementos de força social para enfrentar a face nefasta do capital.

As iniciativas de Economia Solidária adquirem visibilidade em função das transformações no mundo do trabalho, desregulamentação do Estado, crise das políticas sociais; dessa forma, o Serviço Social possui um papel bastante relevante nos clubes de trocas, contribuindo na discussão acerca das expressões da questão social.

É importante destacar que o Serviço Social também enfrenta diversos desafios de natureza multifacetária: econômica, política, social, cultural.

No que se refere ao instrumental técnico-operativo, a educação popular é uma forte aliada no debate que permeia a práxis dos movimentos populares. A metodologia freireana oferece elementos acerca da diferença entre o fazer com e fazer para, dessa forma, as pessoas envolvidas no processo da Educação Libertadora, são reconhecidas como protagonistas na

transformação sócio-histórico-cultural. Entretanto, o desafio é superar os condicionantes capitalistas, os preconceitos, o individualismo e a lógica imediatista imposta pela sociedade em que vivemos.

O *fazer com*, segundo Paulo Freire, exige paciência histórica, humildade, reconhecimento cultural, reflexão crítica, compromisso e esperança.

O trabalho dos Assistentes Sociais é realizado com segmentos sociais vulnerabilizados, expostos às manifestações das expressões da questão social; nesse sentido, o clube de troca provoca nas pessoas envolvidas o sentimento de pertencimento, a participação no trabalho coletivo e oferece ao Serviço Social instrumentalidade para intervir no real com a intencionalidade de fortalecer os grupos.

A participação do Serviço Social na Economia Solidária é nutrida pela utopia, pela esperança. Não encontramos, em princípio, respostas ou saídas estruturadas, mas uma trajetória marcada pela luta, pela defesa dos direitos e pela participação popular.

5.4 - CLUBES DE TROCA COMO ESPAÇOS DE FORTALECIMENTO DOS SUJEITOS

A partir de todos os relatos e contribuições de participantes da Rede Pinhão, constantes neste livro, é possível efetivar uma análise sobre as possibilidades de os clubes de troca se constituírem em espaços emancipatórios, buscando fortalecimento dos sujeitos na correlação de forças. Vicente FALEIROS⁵⁰ auxilia nesta análise, apontando estratégias. Reproduzimos suas palavras abaixo.

“Nos processos contraditórios de enfrentamentos e lutas, de diferentes ordens, as forças se constituem nas mediações de poder existente nas relações. Quanto mais capacidade (energia, recursos, conhecimentos, técnicas, mídia) tem um ator ou um grupo para fazer valer seus interesses no confronto com outros atores e grupos, de mais força dispõe. A força se manifesta nesta correlação que depende do peso econômico, do poder político, das capacidades afetivas, da capacidade cultural (...) e que chamamos patrimônios (...) que podem ser aumentados ou perdidos no contexto das relações mais gerais ou particulares.”⁵¹

⁵⁰ Ver FALEIROS, Vicente. Estratégias em Serviço social. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1999, p.43-65

⁵¹ Idem, p. 48

Segundo FALEIROS, há aspectos fundamentais para um maior equilíbrio nas relações sociais nas suas diversas determinações – em especial as relações de poder. Dentre eles, pode-se apontar: a) melhoria nas condições materiais de vida, que este autor denomina “reproduzir-se” - ou o “fortalecimento da autonomia”; b) desenvolvimento da auto-estima, com o fortalecimento da identidade, ou o “re-presentar-se”.

Clubes de troca como espaços de fortalecimento da autonomia

O fortalecimento da autonomia se dá quando os sujeitos se descobrem fortes para acessarem os seus direitos. Isso envolve:

“No campo da solidariedade, as possibilidades de afeto e apoio; no campo da cultura, as possibilidades de auto-estima e expressão coletiva; no campo das instituições, as possibilidades de garantia de direitos; no campo da economia, as possibilidades de capacitação, emprego e autogestão; no campo da organização, as possibilidades de auto-regulação e resistência ao controle, à opressão, à discriminação, à vitimização. O desenvolvimento da autonomia é um processo de negação da tutela e da subalternidade pela mediação da afirmação da própria palavra e da construção das decisões sobre seu próprio destino”⁵².

Nos clubes de troca, o fortalecimento se dá no campo da solidariedade (troca de afeto e apoio) – além da possibilidade de expressão coletiva. Os elementos de troca que escapam ao campo material, de cunho afetivo, também são ressaltados. O fortalecimento no aspecto econômico se dá pela possibilidade de se acessar direitos sem o constrangimento das relações estigmatizantes que se dão na dicotomia: beneficiário x doador – assistente x assistido, enfim: nas relações de favor, tutela, paternalismo, clientelismo e tantos outros adjetivos que remetem a forma como as “sobras” do capitalismo são distribuídas aos “perdedores” da competição predatória.

Estes e outros elementos, como aqueles relativos ao campo da organização, instituições e cultura, também estão presentes em vários depoimentos de participantes, como a ênfase na capacidade de comunicação, no estímulo ao estudo, no “romper o silêncio”.

Clubes de Troca como espaços de fortalecimento da identidade.

A elevação da auto-estima a partir da participação nos clubes de troca é algo facilmente visível.

Para FALEIROS,

⁵² FALEIROS, Vicente. Estratégias em Serviço Social. p. 62

“As representações de si são mediadas pelas relações sociais, e, particularmente, culturais e vividas contraditoriamente, vinculadas à disputa e à dominação racial, de gênero, de cultura, de visões de mundo, de valores, em que se confrontam preconceitos, discriminações, desvalorizações, desmotivações. O desenvolvimento da auto-estima, do apreço por si mesmo, implica o questionamento dos papéis sociais que são atribuídos aos dominados e o questionamento da ideologia da desigualdade, da naturalização das diferenças sociais”. (...) ⁵³

Os clubes de troca, enquanto espaços de reflexão, diálogo, tomada de decisões, solidariedade, troca de afetos e bens materiais, favorecem o fortalecimento da auto-estima. Constitui-se o que DUSSEL denomina uma “comunidade de vítimas”, que têm a oportunidade de discutir problemas comuns, criticar e lançar a denúncia ao sistema que impõe as negatividades e – acima de tudo – planejar formas de “anunciar” o novo ou pensar estratégias de superação das dificuldades.

Neste sentido, FALEIROS lembra que as festas, a discussão coletiva, a construção de símbolos, a celebração de datas, a manifestação por direitos, o arranjo ou adorno do corpo são exemplos de mediações da identidade, de reconhecimento de si e do outro.

A dinâmica estabelecida nos clubes de troca, bem como a simbologia característica – camisetas, palavras de ordem, músicas, participação nas mobilizações populares – reforça a identidade, assim como a metodologia das reuniões, com os passos característicos, a homenagem aos aniversariantes, a disposição das cadeiras na sala, a celebração das datas.



Uma nova cultura do trabalho.

⁵³ FALEIROS, Estratégias em Serviço social, p. 64

5.5 - TRABALHO, ASSISTENCIALISMO E PODER POPULAR

No Paraná, como já foi abordado no primeiro capítulo, a especificidade dos clubes de troca tem sido a de agregar beneficiárias(os) de alimentos providos de doação.

A prática de repartir alimentos pode ser libertadora, ou não. Pode gerar dependência ou favorecer o protagonismo. Mas é preciso reflexão.

Num encontro de formação da Campanha da Fraternidade 2010, sob o tema “Economia e Vida”, numa Paróquia da Região Metropolitana de Curitiba, um participante perguntou à assessora, uma jovem irmã: “Aqui na Paróquia nós doamos alimentos aos pobres, mas quando os convidamos para trabalhar, para limpar a Igreja, eles não vêm, querem tudo de mão beijada. Como não criar dependência? Como não sermos assistencialistas?”

Esta fala se repete de forma insistente e não só por parte de pessoas religiosas. É uma espécie de senso comum, um “dilema”, a angústia de quem lida diretamente com as camadas mais pobres da população. Podemos dizer que é uma fala significativa, se formos acessar a metodologia freiriana.

A jovem irmã que assessorava o encontro, respondeu de forma simples à pergunta que lhe faziam: “Jesus disse que devemos ser caridosos com os mais pobres, mas não porque eles sejam bons”.

Frei Betto também responderia de forma semelhante. Para ele, seres humanos têm os mesmos vícios, independente da classe social. A diferença é que alguns grupos têm mais privilégios do que outros e por isso, nos posicionamos ao lado dos injustiçados. Frei Betto também lembra que estamos numa situação flagrante de atraso, porque ainda lutamos pelos direitos animais (alimentação) e não direitos humanos.⁵⁴

A questão dirigida à irmã nos convida a refletir sobre quatro categorias: *trabalho, assistencialismo, dependência e direitos*.

Com relação à imposição do trabalho como condição para obtenção de alimentos, podemos fazer várias problematizações: ter a Igreja limpa e pagar por isso com recursos destinados a doações é a melhor forma de lidar com os setores populares? Alimento é direito ou é moeda de troca?

Quando falamos sobre doação de alimentos que exige contrapartida de trabalho, qual o tipo de trabalho a que nos referimos? É o trabalho capitalista, que envolve alienação, domínio de uns sobre outros, porque uns detêm a propriedade dos meios de produção e outros não? É o trabalho subordinado, que desumaniza, que explora, que escraviza, que oprime? É o trabalho assalariado? Qual é o tipo de trabalho que defendemos? Estaremos reproduzindo a lógica do capital que diz: quem não trabalha não come? As atividades desenvolvidas pelas pessoas que vêm buscar alimentos podem ser consideradas trabalho?

O capítulo primeiro deste livro mostra o “outro lado”, ou seja, o dos beneficiários dos alimentos que narram situações de humilhações a que foram submetidos.

Muitas vezes lutamos para construir um mundo novo, mas estamos presos à lógica capitalista e contribuimos para perpetuar o modelo de trabalho que combatemos e o qual a humanidade quer se libertar: o trabalho alienado, subordinado, reificado.

⁵⁴ Frei BETTO. Dez conselhos para os limitantes da esquerda. Agenda Latino-americana. São Paulo, 2002

5.6 - O QUE É ASSISTENCIALISMO?

*Assistencialismo envolve "(...) troca de favores e critérios pouco claros na forma de seleção dos beneficiários."*⁵⁵

*No assistencialismo, "(...) Não há responsabilidade, não há decisão. Há passividade e domesticação. É antidiálogo."*⁵⁶

*Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.*⁵⁷

Há uma interpretação equivocada a respeito do que seja assistencialismo. De acordo com o senso comum, fazer qualquer tipo de doação configura este tipo de prática, o que não é verdade. É preciso distinguir solidariedade de assistencialismo e, acima de tudo, levar em conta a forma como é feita a partilha dos recursos materiais que existem para serem divididos.

O alimento é direito constitucional inalienável. Alimento não pode ser moeda de troca e a forma como será administrado e partilhado poderá ser decidida *pelos próprios sujeitos que acessam este alimento*.

A Paróquia N. Sra. do Rocio, em Curitiba, tem contribuído com os grupos que o CEFURIA acompanha: catadoras e catadores, padarias comunitárias e clubes de troca. A cada três meses são destinados alimentos e roupas à Rede Pinhão. É no coletivo de animadoras e animadores que se decide como, quando e onde deve ser feita a partilha e quais os grupos serão contemplados.

Ao refletir sobre o debate entre defensores de políticas universalizantes ou focalizadas, Pedro Demo afirma que, numa sociedade de classes, devido ao confronto desigual entre pobres e ricos no acesso às políticas universais, o esperado é que se favoreça os mais ricos, aprofundando as desigualdades. Defende, portanto, políticas públicas focalizadas, desde que sejam controladas por eles próprios, os interessados, de forma a distribuir renda. Nas suas palavras:

"(...) É mister encontrar procedimentos que favoreçam ostensiva e sistematicamente os discriminados, colocando os processos redistributivos como resultado do controle democrático de baixo para cima."⁵⁸

Concordamos com Pedro Demo, e reiteramos os dizeres de Paul Singer, de que a autogestão é a redenção do trabalhador. A partilha de alimentos só tem o cunho assistencialista se os benefícios não forem administrados, controlados democraticamente pelos próprios interessados.

Todo direito demanda um dever. Alimentação é direito do ser humano e dever do

⁵⁵ Fábio Veras Soares – IPEA - <http://www.mds.gov.br/noticias/artigo-o-assistencialismo-e-o-bolsa-familia>

⁵⁶ PAULO FREIRE, Educação como prática da liberdade.

⁵⁷ Constituição Federal. A emenda constitucional 64, de fevereiro de 2010, inclui a alimentação entre os direitos sociais.

⁵⁸ DEMO, Pedro. "Focalização" de políticas sociais: debate perdido, mais perdido do que agenda perdida. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 76, 2003.

Estado. A sociedade civil também se mobiliza para fazer doações de alimentos. Estes alimentos são confiados a Igrejas, Prefeituras e outros espaços ou sujeitos que têm como responsabilidade fazer a mediação para que o recurso chegue a quem dele necessita.

Fazer a mediação não significa decidir quem *merece* ou não receber. Não significa definir critérios ou contrapartida para a aquisição dos alimentos. A forma como deve ser dividido o recurso, ou a responsabilidade pelo processo, quem deve assumir são os próprios interessados.

Isso não significa lançar alimentos de uma janela, ou de um avião, para as pessoas pegarem o que puderem, empurrando e pisoteando umas as outras. Imagens

assim já foram vistas nos meios de comunicação, como a distribuição de alimentos ao povo flagelado do Haiti, as vítimas do terremoto, a chamada “ajuda humanitária”.

A interferência de mediadoras(es), *de educadores populares*, é importante para contribuir no diálogo necessário, na mediação para que seja decidida a forma como será dividido o recurso. Coordenar, neste caso, significa assegurar que todos e todas tenham voz e vez, possam dar sua opinião a respeito do que é de interesse comum e as decisões possam vir a partir da reflexão coletiva.

Cabe ao(à) educador(a) popular construir espaços favoráveis ao diálogo e à reflexão para que o momento da partilha seja de crescimento mútuo, de promoção humana, protagonismo.

A partilha do alimento de forma autogestionária, democrática, é um *passo inicial* que pode desencadear a organização dos grupos em torno de questões como geração de trabalho e renda, controle social, a busca pela efetivação dos direitos assegurados constitucionalmente, as mobilizações sociais.

Por fim: a partir da administração coletiva dos alimentos e dos demais recursos necessários à vida, é possível desencadear a construção do *poder popular*. Pessoas bem alimentadas, fortalecidas, com experiência em participação, terão mais possibilidades de alterar as estruturas sociais desiguais, fazendo valer os direitos que estão previstos na lei.

Educação popular e serviço social

Os movimentos sociais, ou as organizações que apoiam os movimentos populares são espaços bastante férteis para a prática da Educação Popular.

Segundo Ana Inês SOUZA,

“Educação popular é entendida aqui como instrumento de conscientização, na perspectiva da transformação social. Seu objetivo é a organização popular voltada à conquista de direitos sociais, culturais e políticos. É impulsionadora e ao mesmo tempo resultante dos movimentos sociais (MS) que lutam por justiça e vida digna para todas as pessoas, o que lhe confere uma perspectiva humanizadora, libertadora e não doutrinária.”⁵⁹

⁵⁹ SOUZA, Ana Inês. Relação entre educação popular e movimentos sociais na perspectiva de militantes-educadores de Curitiba. Um balanço das décadas de 1980 e 1990 e os desafios da realidade atual. Dissertação de Mestrado em Educação e Trabalho. Curitiba : UFPR, 2003.

Ao atuar como educador(a) popular, em espaços institucionais ou não, o assistente social estará contribuindo para o desenvolvimento do protagonismo das classes populares, de modo que elas possam, por meio do movimento dialético “denúncia/anúncio”, ou “crítica/plano/ação” constituir-se em sujeitos transformadores, resistindo de forma crítica à ideologia dominante que conduz ao fatalismo, prega o “fim da história”, o “desalento” e favorece a inércia e a dependência diante das estruturas sociais injustas.

São algumas as características da Educação Popular: a) atua, em geral, com os segmentos mais pobres da população; b) estabelece relações horizontais; c) procura (re) unir trabalho e educação, o pensar e o agir, o planejar e o executar, ou seja: o desenvolvimento integral da pessoa; d) orienta-se pela cooperação e não pela competição; (e) busca incentivar o senso crítico e a criatividade; f) centra-se na realidade histórica concreta; g) assume uma clara postura política, posicionando-se ao lado das classes dominadas, em busca de libertação; h) busca problematizar e questionar, construindo democraticamente o conhecimento; i) procura desvelar a realidade e os sistemas de dominação, buscando compreender as tensões existentes para sua superação.

A prática profissional, desenvolvida com grupos de Economia Solidária, no Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, e junto à Rede de Educação Cidadã orienta-se a partir da metodologia de Paulo FREIRE, exposta de forma detalhada no capítulo terceiro da sua obra “Pedagogia do Oprimido”. A seguir, serão pontuados alguns elementos.

Primeiramente, destaca-se a **escuta**. Não se trata de uma escuta sem compromisso. Trata-se de um ouvir comprometido, que possibilite compreender a realidade à qual os sujeitos estão inseridos para que possa partir daí a ação pedagógica, e não apenas do entendimento do “eu” educador. Ao perceber esta realidade concreta, é também possível apreender contradições e visões de mundo dos sujeitos, visões estas, de modo geral, repletas de “mitos” que encobrem a realidade, impossibilitando a ação transformadora desta, presos que estão às barreiras do fatalismo. Somente através da escuta atenta é que se torna possível definir o conteúdo programático que será trabalhado nos espaços de formação.

O **diálogo** está na essência da Educação Popular. Por meio do diálogo e da problematização⁶⁰ é que os mitos vão sendo desconstruídos e o conhecimento construído, sendo a realidade desvelada e pronta para que seja objeto de crítica, de denúncia e ação transformadora. O diálogo é diferente do discurso, da palestra, da dissertação, ou seja: aos conteúdos impostos verticalmente, sem levar em conta os saberes que cada um carrega consigo, a realidade vivida, a visão de mundo. No diálogo não há expectadores e ouvintes passivos, mas sim participantes ativos que, por meio da reflexão auxiliada pela problematização, constroem conhecimento, organizam a ação e interferem no cotidiano.

Portanto, cabe ao educador popular, além de motivar o diálogo que leva à construção do conhecimento, ser também aquele que vai contribuir para que os sujeitos possam recuperar a esperança e com ela, reconstruir sonhos que despertarão a auto-estima, a autonomia, o empoderamento, o protagonismo.

A **codificação** é uma importante estratégia de Educação Popular abordada por Paulo FREIRE. Trata-se de objeto que, mediatizando os sujeitos, se dá à sua análise

⁶⁰ Os “por quês” auxiliam o diálogo, aprofundando a reflexão, auxiliando a produção do novo conhecimento.

crítica. Pode se apresentar sob a forma de gravura, fotografia, dramatização, filme, parábola etc. Sua função é representar situações conhecidas, possibilitando reconhecimento. Codificações não podem ser nem tão explícitas e nem tão implícitas, e precisam oferecer várias possibilidades de reflexão. Não apresentam respostas, mas sim questões concretas, do cotidiano, que se colocam como desafio, como pergunta, para que possa se seguir a decodificação, que se dá a partir da sua análise.⁶¹

O movimento dialético, na metodologia proposta por Paulo FREIRE, é estabelecido partindo-se do nível local, passando pelo “meso” até atingir o macro, para depois retornar ao local – agora sob nova perspectiva – e novamente seguir adiante.

Abaixo, as palavras de Paulo Freire, sobre a experiência da codificação aplicada aos camponeses e como se torna necessário que ela represente a realidade vivida.⁶²

“(…) Os camponeses somente se interessavam pela discussão quando a codificação dizia respeito, diretamente, a aspectos concretos de suas necessidades sentidas. Qualquer desvio na codificação, como qualquer tentativa do educador de orientar o diálogo na decodificação, para outros rumos que não fossem os de suas necessidades sentidas, provocavam o seu silêncio e o seu indiferentismo. (...) No processo de decodificação, cabe ao investigador (animador) não apenas ouvir os indivíduos, mas desafiá-los cada vez mais, problematizando, de um lado, a situação existencial codificada e, de outro, as próprias respostas que vão dando àqueles no decorrer do diálogo.”⁶³

A Educação Popular se apresenta como um manancial de possibilidades de reflexão e ação que não se limitam ao âmbito profissional, mas extrapolam para as várias formas de sociabilidade, sobretudo nas relações familiares.

Até aqui, discutimos a Educação Popular como estratégia de fortalecimento dos sujeitos, com a intencionalidade de transformação social. No entanto, há alguns pressupostos imprescindíveis para sua implementação.

O primeiro pressuposto é a sincera confiança no ser humano, a valorização do seu saber, a percepção de que todos têm a ensinar e a aprender e que os saberes são apenas diferentes. Isso implica ouvir o que o povo tem a dizer, com abertura suficiente para nós próprios desconstruirmos nossos mitos, nossas convicções cristalizadas e substituí-las por novo conhecimento, que surge a partir da escuta atenta, do diálogo, da construção coletiva do conhecimento.

O segundo pressuposto é a noção de que os sujeitos que desencadearão as mudanças sociais serão as classes populares. Isto, concordando com Milton Santos que assegura serem os “não possuidores” de bens tangíveis, os que possuem a sabedoria que só a escassez proporciona, os sujeitos da transformação social⁶⁴.

⁶¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Paz e Terra, 1983.

⁶² Idem, p.110-113

⁶³ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

⁶⁴ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.



6 Conclusão

O capitalismo mundial contemporâneo, a partir da década de 70, tem sofrido mudanças na forma de se organizar. Avanços na área da microeletrônica, na informatização, o capital especulativo, tudo isso tem gerado transformações no mundo do trabalho e nas relações sociais.

Valores como o individualismo, a competição e o consumismo têm se irradiado de forma veloz, fazendo com que as pessoas valorizem mais “ter” coisas do que se relacionar umas com as outras. O shopping passa a ser uma “igreja”, a internet é o mundo virtual, imaginário, mágico.⁶³ Para quê amigos? Por que freqüentar um grupo se sozinha(o) é possível obter “felicidade”? O “outro” serve apenas para competir, para eliminar.

Para o consumo não se tem limites ou seja: quanto maior o recurso financeiro que se tenha, mais necessidades são criadas - o dinheiro nunca será suficiente. O capital investe mais em marcas, em símbolos de mercado do que na produção. As marcas seduzem e carregam consigo uma mensagem: “promessa de felicidade”.

Se esta tem sido a “lei”, como grupos podem ousar ser e fazer diferente, ainda mais no que se refere à economia? Como é possível que se repita insistentemente palavras como “partilha”, “amizade”, “amor”, “felicidade” no ambiente de trabalho? Como se pode ir a uma feira expor produtos, não vender nada e mesmo assim ficar feliz porque esteve com amigos num ambiente acolhedor?

Estas são algumas das “transgressões” que caracterizam os clubes de troca. Os grupos têm dito “não” à lógica que está aí colocada. Preferem sair da depressão pelo companheirismo do que pelas compras e pelos remédios. Caminham quilômetros a pé para se encontrar com amigas, para trocar com elas bens materiais e imateriais, produzir artesanato coletivamente.

Nos anos de existência dos clubes de troca da Rede Pinhão, crianças agora são adolescentes, já percebem a economia solidária como algo natural e contribuem com os adultos nos debates e nas reflexões; as novas gerações têm mais facilidade em se situar nesta “outra economia”. No Clube Troca Novo Amanhecer há crianças que têm a mesma idade dos Clubes de Troca, ou seja, cresceram vivenciando a economia solidária e os valores antagônicos aos valores capitalistas.

A resistência dos grupos à lógica individualista do capital é uma conquista importante, mas ainda não suficiente. Os limites e desafios precisam ser enfrentados.

Os últimos anos foram de muito aprendizado. Um dos enganos, enquanto educadoras(es) foi imaginar que bastava construir espaços democráticos para que a autogestão acontecesse com facilidade. Quando um clube de troca era construído, prestávamos assessoria durante alguns encontros e quando percebíamos que já havia um certo avanço, nos afastávamos esperando que o grupo caminhasse sozinho, com a intenção de desencadear o processo de autonomia e autogestão. Alguns meses depois voltávamos e constatávamos que a cultura capitalista estava ainda bastante impregnada. Houve casos de lideranças do próprio grupo que se revestiram de “patrões” e passaram a oprimir as demais pessoas, que aceitavam a situação de forma resignada.

⁶³ BARROCO, Maria Lucia. Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. Serviço Social & Sociedade, 106, 2011.

A “cultura do silêncio” e as relações de subordinação vigentes há séculos não são des-
construídas com tanta facilidade, ainda mais quando se toca na economia. Requer um pro-
cesso contínuo de acompanhamento. Paulo Freire⁶⁴ contribui para esta compreensão a partir
de seu relato sobre os camponeses da reforma agrária, no Chile. Segundo Freire, as formas
sedimentadas de pensamento persistem mesmo que mudem as condições objetivas: “(...)”
muito da negatividade do que costumamos chamar ‘cultura do silêncio’, típica das estruturas
fechadas como a do latifúndio, penetra com seus sinais visíveis, na nova estrutura do ‘asen-
tamento’”.

Os grupos avançaram quando se iniciou um processo contínuo e sistemático de acom-
panhamento e formação, tendo a educação popular crítica freiriana como subsídio político
e pedagógico.

Pode-se destacar avanços, como o fortalecimento da auto-estima, participação, pro-
tagonismo, o surgimento de novas lideranças democráticas, a consciência de ser sujeito de
direitos. Vários depoimentos revelam que as mulheres já não se submetem à opressão dentro
e fora de casa. O silêncio já foi rompido.

O exercício da autogestão também avançou; os grupos têm aumentado dia a dia a de-
senvoltura na condução dos encontros, nas iniciativas, na tomada de consciência quanto à
necessidade de se responsabilizar pelos processos desencadeados.

No entanto, a necessária mediação nas reuniões, nos encontros, para as tomadas de
decisão se constituem ainda num desafio; por isso nos encontros de animadoras(es) despen-
demos tempo considerável refletindo sobre processos de coordenação, que resultou no teor
do terceiro capítulo.

É expressivo o avanço na luta pela conquista de direitos sociais; mulheres não mais se
calam diante da violência e acessam as políticas sociais com mais desenvoltura. A auto-estima
fortalecida, a convivência no grupo, o trabalho coletivo, a troca de informações e experiên-
cias possibilitam isso.

No entanto, a luta por direitos ainda se dá numa dimensão restrita. Consideramos como
desafio para a Rede Pinhão a mobilização em torno de causas coletivas mais amplas. A arti-
culação com os demais movimentos sociais favorece neste aspecto. Também são necessários
ainda mais espaços de formação.

Quando a economia dialoga com a solidariedade, esta última se depara com as tensões
e os “pontos nevrálgicos” que mantêm o sistema capitalista forte: o dinheiro e o poder.

Os conflitos vêm à tona e a todo momento há a oportunidades de se explicitá-los, bus-
cando superação através da reflexão e do diálogo.

As experiências autogestionárias têm crescido em todo o mundo de forma silenciosa,
não anunciada, não divulgada pelos meios de comunicação. Estão em curso inúmeras formas
de economia solidária e popular na América Latina e Central, baseadas no poder comunal e
popular. Um destaque para as experiências da Venezuela, Bolívia e Equador, que estão cons-
truindo poder popular desde a base, a partir das populações indígenas, povos tradicionais.

Não estamos sós. As experiências de autogestão e solidariedade em todo o mundo vão
se acumulando, os seres humanos vão aos poucos descobrindo que não podem prescindir
uns dos outros. Juntas e juntos somos fortes. Parecemos pequenas(os), mas o que estamos
construindo é um projeto para outras gerações.

⁶⁴ FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 9.ed. Paz e Terra, São Paulo, 2001.

7 Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 1999.
- ARENDT, Hanna. **A condição Humana**. Forense Universitária – São Paulo, 2009.
- ARRUDA, Marcos. **Humanizar o infra-humano. A formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- AVELINO, Pedro Buck. **Princípios da solidariedade: imbricações históricas e sua inserção na Constituição de 1988**. Revista de Direito Constitucional e Internacional n. 53, out/dez. São Paulo, RT, 2005, p.250.
- BARROCO, Maria Lucia S. **Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético político**. Serviço Social e Sociedade, n. 106, 2011.
- BOGO, Ademar. **A mística: parte da vida e da luta**. Março de 2010. Site <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>
- CERIOLO, Gabriela. **Os clubes de troca: uma alternativa que reivindica a solidariedade**. Curitiba, maio de 2002, n. 83 p. 77
- DEMO, Pedro. **“Focalização” de políticas sociais: debate perdido, mais perdido do que agenda perdida**. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 76, 2003.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis, Vozes. 2000.
- FALEIROS, Vicente. **Estratégias em Serviço social**. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1999, p.43-65
- Frei BETTO. **Dez conselhos para os militantes da esquerda**. Agenda Latino-americana. São Paulo, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 9.ed. São Paulo, Paz e Terra, 2001;
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1983.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2005
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro, Record, 2001
- LAFARGUE, Paul. **Direito à preguiça**. 2.ed. São Paulo : Hucitec, 2000
- LANGER, André. **Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz**. Cadernos IHU, São Leopoldo, ed.5. Ano 2 , 2004.
- MACHADO, Maria zabel. **II Seminário Anual de Sociologia Política. Universidade Federal do Paraná. Tendências e Desafios Contemporâneos. Clubes de Troca Nova Semente: a economia solidária frente às novas configurações do mundo do trabalho**. Setembro de 2010.
- NASCIMENTO, Cláudio. **Autogestão e economia solidária**. In: Seminário Estadual de

Sensibilização sobre Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável e Solidário. Porto Alegre, Escola Sindical Suj, junho de 2001.

PELOSO, Ranulfo. **A força que anima os militantes**. São Paulo, Gráfica e Editora Peres, 1998, p. 8

PRIMAVERA, Heloísa. **Rede de Troca, moeda social e economia solidária na Argentina: o novo e o velho**. O Girassol – Jornal da Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária. Rio de Janeiro, PACS, outubro de 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA e SILVA, M. Ozanira. **O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura**. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular. Metodologia e sistematização de experiências coletivas populares**. Curitiba :Editora Gráfica Popular – CEFURIA.

SINGER, Paul. **A economia solidária no Brasil. A autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo, Contexto, 2000.

SOUZA, Ana Inês. **Irmã Araújo, vida e obra**. Editora Gráfica Popular – CEFURIA, 2004.

SOUZA, Ana Inês. **Relação entre educação popular e movimentos sociais na perspectiva de militantes-educadores de Curitiba**. Um balanço das décadas de 1980 e 1990 e os desafios da realidade atual. Dissertação de Mestrado em Educação e Trabalho. Curitiba: UFPR, 2003.

VAINE, Carlos. **O presente de um futuro possível**. In: Sindicalismo & Cooperativismo: a economia solidária em debate – transformações no mundo do trabalho. Rio de Janeiro, Unitrabalho, p.45-46.

8 Anexos

CARTILHAS DOS CLUBES DE TROCA DE SÃO PAULO	104
MENSAGENS	125
MÚSICAS.....	130
TEATRO E DINÂMICAS.....	132
TEXTOS	144

Cartilhas dos Clubes de Troca de São Paulo

CLUBES DE TROCAS: POR QUE E PARA QUE?

O dinheiro anda curto

Hoje em dia milhares de pessoas não têm dinheiro para comprar o que precisam para atender às suas necessidades e de suas famílias. Não podem ir à feira, ao mercado, ao supermercado para comprar o que comer.

É difícil fazer o dinheiro ganhar com o trabalho durar até o fim do mês. E quando se está desempregado é preciso “se virar” para sobreviver.

O governo não resolve

Resolver esse problema é difícil. Depende do governo encontrar uma maneira de fazer com que todo mundo tenha emprego e os salários sejam maiores.

Por melhor que seja o governo, isso pode levar muito tempo.

Precisamos continuar brigando por bons governos, precisamos continuar exigindo que os governos resolvam esses problemas, precisamos apoiar os bons governos.

Mas enquanto isso, o que fazer?

É preciso achar uma saída

Com essa vida tão difícil a gente fica quase sem saída.

É duro ter que pedir emprestado.

Muita gente desesperada até acha que quando não se ganha nada o único jeito é roubar. Mas seria impossível viver num lugar em que todo mundo roubasse um do outro. Por isso mesmo existem leis que dizem que roubar é crime. Dá cadeia.

Mas então, qual é a saída?

Uma saída possível

Houve gente que já encontrou uma saída.

Uma saída que não depende do governo, só depende de nós mesmos. Essa saída foi inventada há mais de 30 anos.

Foi numa cidade do interior dos Estados Unidos, chamada Ítaca.

Eles estavam numa situação como a nossa. Ninguém tinha dinheiro para comprar nada. Então inventaram o dinheiro deles.

Acharam um jeito de ter dinheiro sem depender do salário.

Imprimir dinheiro é claro que não se pode. Isso é coisa de falsificador. Há leis para proibir que se faça isso. Dá cadeia também.

O dinheiro que eles inventaram não era bem dinheiro. Era uma espécie de bônus. Só que funcionava na cidade deles como dinheiro.

Uma idéia que se espalhou

A experiência deu certo. Muita gente em outros lugares do mundo resolveu fazer a mesma coisa e foi assim que nasceram os clubes de trocas.

Eles existem em muitos países, com diferentes nomes: LETs em vários países de língua inglesa, SEL na França.

Você já ouviu falar disso? Deu até na TV quando houve uma grande crise na Argentina. Não havia dinheiro para nada. Quem tinha dinheiro no Banco não podia retirar.

O que resolveu o problema de muita gente lá, até para poder comer, foram os clubes de trocas.

O que é um clube de trocas

É um lugar onde a gente leva coisas para trocar e não precisa levar nenhum real, só o dinheiro do clube.

É uma pequena feira, um mercado de tipo diferente. As pessoas levam para essa feira o que produzem e que poderiam vender, e também anunciam em cartazes o que sabem fazer.

O princípio do clube de trocas é o seguinte: todos nós sabemos fazer alguma coisa: cortar cabelo, consertar um carro, pintar uma parede, tomar conta de crianças, dar aula de reforço escolar, etc.

E muitas vezes, no terreno da casa da gente, dá para plantar algum tomate, ou alface, ou até para ter umas galinhas botando ovos.

A gente também tem em casa, muitas vezes, coisas que não usa mais, mas que ainda estão em um muito bom estado.

Mas não temos como vender essas coisas. Não temos licença para vender na feira, ou no mercado, não temos escritório nem oficina montada, nem salão de cabeleireiro e nem temos onde dizer que sabemos ou que fazemos isto ou aquilo.

O clube de trocas cria essa possibilidade usando a moeda social em vez de dinheiro.

Usando moeda social em lugar do dinheiro

A grande descoberta desse sistema é que a gente pode trocar as coisas que leva para a feira por outras coisas que a gente precisa, sem usar nenhum real.

Cada clube de trocas cria sua própria moeda¹. Ela pode ter qualquer nome que os participantes do clube escolham. No Rio de Janeiro chama Tupi, no Ceará chama Palmas, num bairro de São Paulo chama Lua, em outro chama simplesmente Bônus.

¹ É uma moeda social, isto é, que está somente a serviço de seus utilizadores.

Essa moeda só serve no clube. Lá dentro ela é usada como se fosse dinheiro. Ela possibilita que todos troquem com todos coisas de diferentes valores. Ela vai permitir, por exemplo, que eu ofereça sabão e aulas de ginástica para obter de várias pessoas arroz, feijão e a pintura da minha cozinha.

Mas fora do clube ela não pode ser trocada por dinheiro e nem substitui o dinheiro. Por isso eu não posso usar a moeda social para tomar condução, para comprar leite na padaria - e nem adianta eu querer economizar, juntando um monte delas.

É uma moeda social, isto é, que está somente a serviço de seus utilizadores.

Mas eu posso propor para minha vizinha cuidar do meu nenê enquanto vou ao dentista e pagá-la com a moeda social, pois ela frequenta o mesmo clube de trocas que eu. Portanto, serão úteis para ela, como se fosse dinheiro.

O que se pode trocar?

Vejamos mais alguns exemplos:

- tomates, salsinha e saladas que eu planto no fundo do meu quintal, e quando dá muito acabam sendo desperdiçados;
- o sabão que eu sei fazer, e nunca preciso comprar, posso fazer em maior quantidade para trocar;
- uma receita gostosa, que faz muito sucesso quando cozinho, vou fazer para levar na feira;
- vou propor minha habilidade em consertos domésticos; meu trabalho com madeira; meu jeito para jogar futebol; meus conhecimentos de pintor, de computação, de línguas ou de matemática ou outro qualquer; as roupinhas ainda novas do nenê que está crescendo tão depressa; vou propor meu tempo livre desde que perdi o emprego, para prestar alguns serviços, etc.

Tudo isso e muito mais posso oferecer na feira, e trocar

- por algum sapato que me sirva e que estou precisando tanto;
- por um corte e penteado de cabelo, em vez de ir ao salão que é tão caro;
- por um despertador, pois o meu já não tem conserto;
- por uma boneca para a minha netinha, etc.
- por arroz, feijão, ovos, farinha, açúcar, etc.

Uma tarde entretida

Cada clube de trocas escolhe dia, hora e local onde vai organizar suas feiras.

Se for, por exemplo, numa tarde de domingo, passarei essa tarde encontrando e conversando com muita gente, tomando um lanche gostoso, com esfihas, suco, sanduíche, bolo e talvez ainda arranje quem venha consertar minha televisão e quem me ensine a digitar no computador usado que ganhei no bingo da última feira do clube de trocas.

O dinheiro que é dinheiro mesmo vai sobrar

Se houver muitos produtos de alimentação oferecidos para trocar, vou poder gas-

tar menos na feira ou no supermercado.

Com isso vou economizar dinheiro e vai até dar para chegar ao fim do mês. E o dinheiro que ganho - os reais do salário, dos “bicos” - vai sobrar mais para pagar contas e cobrir outros gastos da família.

Na verdade os clubes de trocas não substituem o mercado formal, mas podem ajudar as pessoas a economizar bastante e, sem depender tanto desse mercado, nem ter dinheiro para comprar tudo que precisam, elas podem alcançar um bem estar maior.

Vamos formar um clube de trocas?

O que você acha de tudo isso? Não é uma idéia genial? Vamos formar um clube de trocas?

Se você está interessado em formar um clube, veja antes se já não existe algum no seu bairro.

Se existir, entre em contato com esse clube já organizado e informe-se mais sobre o que você ouviu falar dele, converse com pessoas que o freqüentam, procure saber se há condições a respeitar para participar (os clubes em geral têm uma carta de princípios à qual os sócios aderem).

E vá conhecer a feira que o clube promove, participe de uma ou duas feiras, para ver se gosta mesmo, antes de se associar e se comprometer a levar regularmente produtos para trocar.

Criando um clube de trocas

Mas também posso formar eu mesmo(a) um clube, se não houver nenhum no meu bairro.

É claro que é preciso algumas pessoas que queiram formar comigo, pois não é coisa para uma pessoa enfrentar sozinha². Mas, atenção! O clube não tem dono nem tem diretoria. Algumas pessoas dedicam um tanto de seu tempo para cuidar do clube, depois outras as substituem por uns tempos e fazem um rodízio entre os que participam, para garantir tarefas necessárias para o clube existir e ninguém se cansar.

É bom sair conversando e juntar um grupinho, três, quatro, cinco pessoas que possam se interessar pela formação do clube.

Mas não se assustem, sempre se consegue ajuda. Pode ser, por exemplo, uma ajuda de outros clubes de trocas ou da associação que publica esta cartilha.

É bom também ter pessoas que se conhecem um pouco, às vezes mesmo só de vista, ou são conhecidas de conhecidos, para se criar um clima de confiança, pois um clube de trocas é lugar de confiança e solidariedade. Ninguém pretende tirar lucro ou “sair ganhando” com as trocas que faz.

² Mas não se assustem, sempre se consegue ajuda. Pode ser, por exemplo, uma ajuda de outros clubes de trocas ou da associação que publica esta cartilha.

Confiança e solidariedade

Isso de confiança e solidariedade é muito importante.

Um clube de trocas não é um negócio.

Ele não existe para que uns se aproveitem dos outros, mas para que a gente se ajude mutuamente.

Ele exige uma certa mudança na cabeça da gente.

Estamos mais acostumados a competir com os outros do que a nos ajudarmos uns aos outros.

Isto ainda é mais difícil com pessoas que não fazem parte da família ou do grupo ao qual a gente pertence, e que deverão participar do clube para que ele possa funcionar com muitas trocas.

Avaliando o funcionamento do clube de trocas

Para criar um clube de trocas é preciso estar disposto também a avaliar honestamente o seu funcionamento.

Por isso é bom que toda feira do clube de trocas termine com uma conversa de todos os participantes sobre o modo como está funcionando.

Uma avaliação permanente deste tipo é fundamental. Caso contrário a gente acaba esquecendo porque criou o clube.

CLUBES DE TROCAS: COMO FORMAR UM?

Contatos iniciais

Não há receita pronta para formar um clube de trocas.

Como as situações são sempre diferentes, o modo de formar um clube não é sempre o mesmo e vai variar de uma situação para outra.

Se a gente encontrou um grupo de pessoas interessadas, é preciso discutir bem com elas sobre o que é um clube de trocas, usando as informações que estão nesta cartilha. Pode-se deixar com elas um exemplar da cartilha.

Se essas pessoas estiverem de acordo, passarão a procurar mais gente que se interesse.

Pode acontecer de encontrarem pessoas tão interessadas que até queiram fazer parte do grupinho inicial para divulgar a idéia e depois, por rodízio, assegurar as tarefas essenciais que um clube exige.

É preciso ter consciência de que criar um clube de trocas dá trabalho e exige persistência. É preciso acreditar realmente na proposta.

Um exemplo do que aconteceu no bairro de Pedreira (região sul da cidade de S.Paulo):

Um animador do clube, que estava por se formar, passou de casa em casa para apresentar a idéia. Muitas pessoas, mesmo sem estarem ainda

comprometidas em participar do clube, autorizaram a divulgar seu nome e profissão ou o que sabiam fazer e/ou podiam oferecer. Assim foi criada uma “folha de classificados” que ia aumentando e sendo deixada nas casas das pessoas visitadas e também de outras pessoas que se mostravam interessadas. Isso foi feito com mais de 100 pessoas da comunidade, e teve um efeito inesperado: muitas pessoas que já se conheciam, não sabiam o que umas e outras faziam; outras que tinham perdido contato puderam trocar telefones e informações.

E assim aconteceu que, antes mesmo do clube realizar a primeira feira, várias pessoas puderam resolver suas necessidades de consertos e reformas que estavam paradas, realizando diretamente algumas trocas.

Essa idéia da folha de classificados pode ajudar muito porque as pessoas descobrem que elas têm muito mais coisas a trocar do que imaginam.

Fazendo um levantamento dos produtos

Ao divulgar a idéia do clube de trocas deve ser feito um levantamento dos produtos, serviços e saberes que poderão ser levados para uma primeira feira. É bom que haja muita variedade de produtos, serviços e saberes.

Também é bom que em cada feira haja uma série de produtos básicos de alimentação e higiene, que são os mais procurados.

Uma das condições para um clube de trocas funcionar bem é conseguir que as pessoas encontrem lá muitas coisas que estão precisando; entretanto, se a feira for bastante agradável, muita gente pode freqüentá-la apenas para passar um bom momento de lazer.

Pensando a primeira feira

O grupo que se dispôs a organizar o clube tem que se reunir para discutir o que está sendo feito e como andam os contatos com os interessados. Mas é bom que não façam muitas reuniões, porque quando um grupo faz muitas reuniões, ele pode perder o entusiasmo.

É melhor marcar logo uma primeira feira.

A carta de Princípios

Os organizadores precisam discutir, nesta fase inicial de seu trabalho, uma Carta de Princípios para o clube.

Não é preciso que seja uma carta muito longa: basta indicar

Aqueles cuidados a tomar e algumas regras a respeitar para que o Clube funcione bem e cumpra realmente seus objetivos.

Essa Carta de Princípios, que os sócios se comprometem a respeitar, será uma re-

ferência para todos que queiram entrar no clube.

Ela pode ajudar as pessoas a entender o que está sendo proposto a elas, evitando problemas futuros com pessoas que poderiam entrar com objetivos diferentes daqueles que justificam a criação e a existência dos clubes de trocas.

No final desta cartilha você encontra alguns princípios adotados em alguns clubes.

Arranjando um local, marcando a data e a hora para a primeira feira

É preciso arranjar um local com mesas ou bancadas onde os produtos ficarão expostos, e cadeiras para as pessoas se sentarem. É preciso também ter espaço para as pessoas colocarem, em lugar bem visível, cartazes com os serviços e saberes que oferecem.

Esse local pode ser uma sala da igreja, ou da escola ou de algum clube do bairro, ou a garagem de uma casa, um galpão que esteja disponível, um pedaço de uma rua que se possa fechar.

Além de arranjar o local, também é preciso estabelecer qual a data e o horário da primeira feira.

A feira tem hora marcada não só para começar, mas também para terminar. Um período bom para uma feira é de 4 horas, por exemplo, das 14 às 18 horas, e aos domingos, por ser o dia em que as pessoas têm mais tempo disponível.

Convidando e verificando quem participará

Nesse momento do trabalho é preciso procurar (visitando ou telefonando) todas as pessoas que mostraram interesse, e convidá-las para a primeira feira.

Deixa-se com cada convidado um lembrete por escrito com o local e hora da feira. Se as pessoas levarem com elas esse lembrete, será um sinal de que foram realmente convidadas e informadas sobre as feiras.

As pessoas também devem ser informadas do seguinte:

- ao chegar ao local da feira, com seus produtos para trocar, deverão se cadastrar como participantes;
- todos vão poder adquirir a moeda do clube (nesta cartilha chamaremos a moeda de bônus), através do “Banco de Trocas Solidárias”, que será o responsável pela emissão, controle, distribuição e retirada da moeda social de circulação. Será um espaço na feira onde o sócio poderá obter seus primeiros bônus disponibilizando uma pequena quantidade de produtos não perecíveis. O valor que deverá receber será o mesmo do produto oferecido. Por exemplo, caso ofereça uma calça de R\$ 5,00 (cinco reais) receberá o valor de 5,00 bônus;
- esses bônus irão servir para movimentar as trocas; com eles os participantes vão comprar o que quiserem;
- Os produtos adquiridos pelo banco de trocas solidárias serão a garantia de que todas as moedas colocadas em circulação possuam lastro, ou seja, que todas as moedas sociais colocadas em circulação estão “cobertas” e possam ser “destrocadas”;
- um sócio pode gastar em compras um valor a mais do que a quantidade

de bônus que trocou com o banco, porque recebeu outros bônus ao trocar os produtos que trouxe para a feira ou ao contratar serviços ou saberes que ofereceu;

- os valores que as pessoas colocam nos produtos, serviços e saberes que oferecem não devem ser mais altos do que os preços que elas encontram fora da feira; o ideal mesmo é que sejam um pouco mais baixos.

Deve-se aconselhar que as pessoas já levem o que vão oferecer com os preços marcados. Assim elas já podem verificar antes quais os preços de mercado.

Confeccionando os bônus da primeira feira

Uma feira não pode funcionar sem bônus.

Para que os bônus existam, eles precisam ser confeccionados pelos organizadores do clube. E isso eles podem fazer juntos, no mesmo dia da feira, se chegarem duas a três horas antes do horário marcado. O mais seguro, entretanto, é confeccioná-los com maior antecedência.

O primeiro passo é decidir o valor do bônus. O mais fácil é atribuir um valor igual à moeda em uso, o Real: 1 bônus equivale a R\$ 1,00.

O segundo passo é pensar em nomes para a moeda, que no caso desta cartilha é “bônus”, mas pode ser escolhido um nome de acordo com a realidade local. Em Curitiba, por exemplo, o nome da moeda de um dos clubes é “pinhão”, nome do fruto de uma árvore típica da região, que é a araucária. Um clube de São Paulo, adotou a moeda “girassol”, cujas pétalas correspondem aos centavos, etc.

Um forma lúdica de confeccionar as moedas seria distribuir para todos os presentes uma folha de papel sulfite, que será dobrada ao meio uma vez, depois outra, depois outra; com isso teremos a folha dobrada 3 vezes, no tamanho de um retângulo de 10cm X 6cm. Ao desdobrarem as folhas, todos terão 8 retângulos marcados pelas dobras, que deverão ser recortados.

Solicitar a todos que coloquem no centro de dois dos retângulos, se possível em números grandes, o número 5. Isto quer dizer que esses bônus valem 5 reais (se tiverem resolvido que 1 bônus é igual a R\$ 1,00).

Em outros dois retângulos pede-se que coloquem o número 2; em outros dois o número 1 e por fim, nos dois últimos retângulos o número 0,50. O que quer dizer que esses outros bônus valerão respectivamente R\$ 2,00, R\$ 1,00 e R\$ 0,50.

O último passo é distribuir lápis de cor e pedir que desenhem alguma coisa nesses oito retângulos, em volta dos valores que escreveram, e que coloquem os nomes sugeridos para a moeda do clube.

Estimamos que uma quantidade de 50 bônus por pessoa seja o suficiente para movimentar, inicialmente, uma feira de trocas.

Assim, precisamos fazer uma previsão de quantas pessoas se espera que venham à primeira feira. Para confeccionar esses 50 bônus para cada pessoa serão necessárias 3 folhas de sulfite.

E a operação de dobras as folhas, colorir, etc., deverá se repetir tantas vezes quantas forem necessárias.

Recolhem-se então esses bônus e duas das pessoas que estão organizando o clube, escolhidas pelos demais, assinarão todos os bônus, que passam a ser a moeda da primeira feira.

Só os bônus com essas duas assinaturas poderão circular na primeira feira de trocas.

Iniciando a primeira feira

No início da primeira feira os organizadores devem se distribuir para que todos que cheguem sejam logo atendidos.

Também nas feiras seguintes, um ou mais dos organizadores deve estar à disposição para atender aos participantes, sobretudo os que chegam pela primeira vez.

As pessoas deverão se cadastrar (deixando nome e endereço num caderno de registro) e aí recebem todas as informações que ainda precisem. Recebem também uma carteirinha provisória com o nome e o número de sócio.

Nesse momento são também informados que a última meia hora da feira será dedicada a uma avaliação conjunta e a uma tomada de decisões.

Depois disso, eles passam no “Banco de Trocas Solidárias” para trocar alguns produtos por bônus.

Em seguida os participantes levam seus produtos para a bancada onde ficarão expostos (com o valor marcado em bônus), e colocam no lugar previsto os cartazes com os saberes e serviços que oferecem.

Daí em diante a feira corre por conta dos participantes.

Encerrando a primeira feira

Meia hora antes do final da feira, todos devem ser convidados a recolher o que trouxeram e não conseguiram vender, e juntar o que compraram.

Nesse momento o banco realiza operação inversa à do início da feira, ou seja, os produtos que foram trocados por bônus estarão disponíveis para quem ainda tiver algum bônus poder trocar por produto(s).

Deve-se orientar a todos que entreguem ao banco da feira quantos bônus têm em seu poder, para garantir que não sejam perdidos ou esquecidos na próxima feira. Os que não vão mais participar, devem devolver a carteirinha de sócios e destruir os bônus que estão em seu poder.

Avaliando a primeira feira

Uma vez recolhido o material da feira, todos se reúnem para tomar algumas decisões respondendo às seguintes questões:

1 O que vocês acharam da feira?

2 Vamos continuar fazendo feiras?

Se bastante gente quiser continuar, a conversa prossegue.

3 Quem quer continuar participando dos clubes de trocas?

Faz-se a lista dos que decidiram participar do clube.

4 Que nome vamos dar aos nossos bônus?

O nome será escolhido entre os nomes sugeridos nos bônus que circularam na feira e outros que surjam nessa hora. A decisão é tomada por maioria.

5 Quem está disposto(a) a ajudar os organizadores?

Assinala-se os nomes dos que se dispõem a ajudar na organização da(s) próxima(s) feira(s). Esse é um bom momento para lembrar a carta de princípios a respeitar.

6 Em que data se fará a próxima feira?

Marcando as datas das feiras seguintes

Deve ser escolhida então a data da próxima feira, dentro de um prazo que não seja curto demais para dar tempo aos organizadores de encontrar um local, se possível definitivo, e confeccionar os bônus definitivos.

O ideal é já escolher uma série de datas, com uma periodicidade regular, para que todos guardem mais facilmente as datas escolhidas.

Escolhendo um local definitivo

Os organizadores do Clube, junto com os participantes da primeira feira que resolveram ajudá-los, devem então começar imediatamente a buscar um local para as próximas feiras. O ideal é conseguir um local que possa ser “alugado” contra pagamento em bônus, que serão utilizados pelos proprietários do local para trocar por produtos, serviços ou saberes oferecidos na feira (por exemplo, os proprietários contratarão e pagarão com os bônus algum conserto ou pintura do local).

Escolhido o local, ele deve ser logo comunicado a todos os participantes, lembrando a data e a hora que já tinham sido combinadas no final da primeira feira. Com isso as pessoas continuam “ligadas” à criação do clube e se preparam para participar.

Confeccionando os bônus definitivos

Os organizadores do Clube devem também imediatamente – até mesmo antes de procurar o local definitivo, começar a confeccionar o bônus definitivo, com o nome escolhido na primeira feira.

Nessa confecção devem ser tomados alguns cuidados que evitem futuras falsificações.

A experiência de clubes de trocas já formados sobre como produzir as moedas pode ser muito útil. Procurem, para isso, contatar algum clube que já esteja funcionando.

As despesas e receitas do clube

Falamos de caderno, de bônus, de carteirinha...

Quem vai financiar essas despesas?

Precisamos arranjar uma solução para isso.

A mais fácil é dividir as despesas iniciais do clube entre um grupo de pessoas (futuros sócios ou não), que estejam em condições de colaborar.

Calculamos que as despesas iniciais fiquem entre \$100,00 e \$130,00 reais. Esse valor representa uma despesa do clube, ou uma dívida do Clube para com os colaboradores. Essa dívida poderá ser paga em bônus, ou então, ao longo do tempo, o clube pode desenvolver atividades tipo bingos ou quermesses, e pagar a dívida.

Doações de cestas básicas, por exemplo, podem servir de lastro e contribuir para cobrir as despesas.

Distribuindo tarefas e responsabilidades

Depois da primeira feira, na preparação das feiras seguintes já é necessário começar a distribuir tarefas e responsabilidades entre os organizadores do clube.

Assim, para o bom andamento do clube, os sócios precisam se ocupar das seguintes funções:

- **Coordenação e animação:** é a pessoa que coordena e estimula o andamento do clube. Ela participa, sempre que for preciso, de todas as outras funções. Ela deve buscar ajuda entre os sócios.
- **Confecção de bônus:** os bônus terão sempre que ser produzidos para cada novo participante que entra no clube como sócio.
- **Registro e distribuição dos bônus:** é uma atividade ligada a anterior, e acontece cada vez que há troca de bônus para novos participantes.
- **Tesouraria:** manter atualizadas as contas do clube, em bônus e em reais (se houver). Esse trabalho permite acompanhar o andamento do clube e manter bem transparente, para todos os sócios, a movimentação “financeira” do clube.
- **Recepção:** acolhimento das pessoas que chegam à feira.
- **Secretariado:** dois ou três sócios que elaboram a ata das reuniões de avaliação ou outros eventos do clube.
- **Comunicação:** produção de um jornalzinho do clube, estabelecimento de contato com meios de comunicação e divulgação, avisos aos sócios sobre eventos ou outras feiras, publicação das atas das reuniões, etc.
- **Manutenção do local:** preparação de forma adequada de todas as instalações que o clube vier a ocupar em feira ou outro evento (ex: quermesse), deixando o local ordenado e limpo ao final dos eventos.

As funções acima descritas são exercidas pelos sócios, voluntariamente, dentro das possibilidades de cada um, sem despesa para o clube. Todos os sócios do clube devem em algum momento, se encarregar dessas tarefas³.

De comum acordo entre os sócios, algumas dessas tarefas podem ser contratadas e pagas em bônus. Foi o caso de um clube de S.Paulo, onde um sócio desempregado passou a distribuir o jornal, sendo pago em bônus pelo serviço.

³ De comum acordo entre os sócios, algumas dessas tarefas podem ser contratadas e pagas em bônus. Foi o caso de um clube de S.Paulo, onde um sócio desempregado passou a distribuir o jornal, sendo pago em bônus pelo serviço.

As feiras acontecendo regularmente

Com data, local, carteirinhas e bônus prontos, só falta divulgar a primeira feira regular e esperar os sócios que vão receber os bônus definitivos a que terão direito.

E todo o resto correrá como na primeira feira, lembrando que antes de terminar, é sempre necessário fazer uma avaliação de como ela se desenrolou, procurando localizar o que pareceu bom, mas também o que está faltando, o que teria que ser modificado para melhorar, etc.

Críticas e sugestões feitas em conjunto por todos os participantes constituem uma condição para que o clube tenha sucesso. Nesse momento os organizadores, que têm uma visão de conjunto do que significam os clubes de trocas, podem explicar aos presentes coisas que lhes parecem importantes, para que todos conheçam e discutam. Esta parte da feira, que não é mais de trocas, mas é uma parte fundamental, deve ocupar pelo menos meia hora, com a presença e a participação de todos.

O que a experiência nos ensinou

- Um jornalzinho: é muito útil para a continuidade das feiras. Ele pode publicar a lista de “classificados” com ofertas e pedidos, lembrar algumas regras que ajudam as feiras a funcionar bem (frequência assídua nas feiras, trazer produtos de qualidade, levar bem a sério a avaliação após cada feira).
- O painel, com avisos e com anúncios do que se oferece, deve ficar bem visível e pode conter também uma lista do que as pessoas pedem como serviços e saberes.
- A perseverança é fundamental, assim como a solidariedade, encarando os produtos disponíveis como o melhor que cada um pode oferecer, e vencendo juntos os problemas. O crescimento dos clubes deve ocorrer de forma natural, mas na perspectiva de reunir um grupo que viva próximo, pois isso facilita a presença dos sócios nas reuniões e feiras. É melhor criar um novo clube do que aumentar sem limites o número de sócios de um clube.
- A oferta de produtos da cesta básica atrai muito as pessoas.
- Um curto momento de silêncio no início da feira, para que cada um possa manifestar intimamente sua fé, mostra o respeito que se tem para com os participantes, independentemente da religião que professem.
- A comemoração dos aniversários dos sócios em uma das feiras do mês pode transformá-la em uma verdadeira festa de aniversário, se os sócios trouxerem bolo, tortas, sucos a serem negociados durante a feira.
- O saldo dos sócios, um bônus, deve ser mais ou menos equilibrado. Um sócio pode acumular muitos bônus para usá-los para poder pagar um serviço maior (ex: uma pintura, um serviço de hidráulica). Outro sócio pode estar sem bônus porque consumiu muito e produziu pouco. No caso de um desvio excessivo, o associado deve ser lembrado das regras do clube para corrigir esse desequilíbrio, produzindo ou consumindo mais.

- É sempre bom lembrar os sócios que todo mundo possui alguma riqueza para oferecer, por exemplo: fazer doces, artesanato, oferecer produtos cultivados em seu jardim, contar história para crianças e até mesmo escutar aqueles que gostariam de conversar sobre seus aborrecimentos e dificuldades.

Mudanças no modo de agir

Fazer trocas dentro dos princípios dos clubes de trocas tem também outras consequências positivas no modo de agir das pessoas, como por exemplo:

- em um ambiente em que o dinheiro não comanda as coisas, nem há busca de lucro e de tirar vantagem, as relações deixam de ser competitivas e se estabelece uma solidariedade que traz satisfação para todos;
- a auto-estima de quem se sente marginalizado começa a ser recuperada e descobre que tem o que oferecer;
- a criatividade é despertada;
- a capacidade de produzir se desenvolve;
- as trocas como forma de relação com os outros são valorizadas;
- aprende-se a evitar desperdícios;
- promove-se um intercâmbio de saberes.

Exemplos de PRINCÍPIOS adotados por CLUBES DE TROCAS

- “Nossa realização como seres humanos não pode ser condicionada pelo dinheiro”.
- “Acreditamos que é possível substituir a competição estéril, o lucro e a especulação pela confiança e reciprocidade entre as pessoas”.
- “Os clubes de trocas existem para facilitar o atendimento das necessidades das pessoas, em termos de bem estar, e ao mesmo tempo criar condições de uma experiência de solidariedade e de convivência num clima de confiança”.
- “Consideramos que cada membro do clube é responsável pelos produtos, serviços e saberes que oferece”.
- “Pertencer a um clube não implica em nenhum vínculo de dependência, já que a participação individual é livre e igual para todos os sócios”.
- “Consideramos que não é necessário que os grupos se organizem formalmente, de modo estável, já que o caráter de Clube implica na rotação permanente de papéis e funções”.
- “Acreditamos profundamente numa idéia de progresso como consequência do bem estar sustentável do maior número de pessoas do conjunto das sociedades”.
- “Um clube de trocas não tem donos”.

Funcionando em rede

No mundo todo, há mais de 20 países com experiências de clubes ou outros sistemas de trocas;

Na cidade de São Paulo os clubes de trocas estão funcionando nos bairros de Santa Terezinha, Parque Dorotéia, Moema, Jardim Ângela e Marsilac. Também em outras cidades do Estado, como Mogi das Cruzes e Porto Feliz. Aqui no Brasil já se formou uma rede de trocas envolvendo os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Ceará e Amazonas. Essa rede realizou no mês de setembro de 2004, na cidade de Mendes (RJ), o 1º Encontro Nacional de Clubes de Trocas.

Em São Paulo temos a Rede Paulista de Trocas Solidárias, uma organização que promove a aproximação e o fortalecimento dos clubes de trocas da cidade.

Os princípios desta rede são promover o intercâmbio de produtos, serviços e saberes entre as pessoas, de uma forma solidária e sem o uso do dinheiro, estimulando a cooperação em vez da competição própria do “outro” mercado, respeitando normas éticas e ecológicas ao produzir e consumir.

As principais atividades da Rede Paulista de Trocas Solidárias são:

- 1 Intercâmbio de informações entre clubes de trocas;
- 2 Promoção de feiras de trocas solidárias na cidade de São Paulo;
- 3 Formação, capacitação e implementação de clubes de trocas na cidade de São Paulo.

Atualmente as reuniões da Rede Paulista de Trocas Solidárias são realizadas no CECCO Santo Amaro (Rua Pe. José Maria, 555 – Santo Amaro – São Paulo – SP). E-mail para contato: clubedetrocas@ig.com.br.

Temos, também, a Rede Latinoamericana de Socioeconomia Solidária – REDLASES4, um espaço aberto de reflexão, formação e intercâmbio de experiências. Ela nasceu em 1999 como iniciativa de um grupo de organizadores da Rede de Trocas Solidárias da Argentina, sob a coordenação de Heloisa Primavera e Carlos del Valle. Desde a sua criação, além de realizar atividades de capacitação permanente, desenvolveu cinco seminários nacionais e seis internacionais, com a participação de organizações da Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Equador, Peru, Colômbia, Honduras, El Salvador, Canadá, Venezuela, Holanda e Alemanha. O tema central foi o uso da moeda social na Economia Solidária e, a partir de junho de 2003, com o lançamento do Projeto Colibri, sua integração como instrumento da própria construção democrática. Para saber mais, acesse o sítio: www.redlases.org.ar.

⁴ Texto extraído de “Moeda Social e Democracia: manual para compreender e fazer – REDLASES

Conheça alguns Clubes de Trocas

Clube de Trocas no Goti

moeda social: Bônus

horário: 14h às 17h

local: R. Delfin do Prata, 15 A , Sta Terezinha, Pedreira, Sto Amaro - SP

Clube de Trocas do Jd Ângela e Capão Redondo

moeda social: Futuro

horário: 13h às 17h

local: Associação Sonia Ingá - R. Felipe Manara, 13 Jd. Sonia Ingá - SP

Feira de trocas

moeda social: Miruca

horário: 10h às 17h

endereço: Rua Dr. Lund, 361 Centro – São Paulo.

CECCO Santo Amaro,

Clube de Trocas

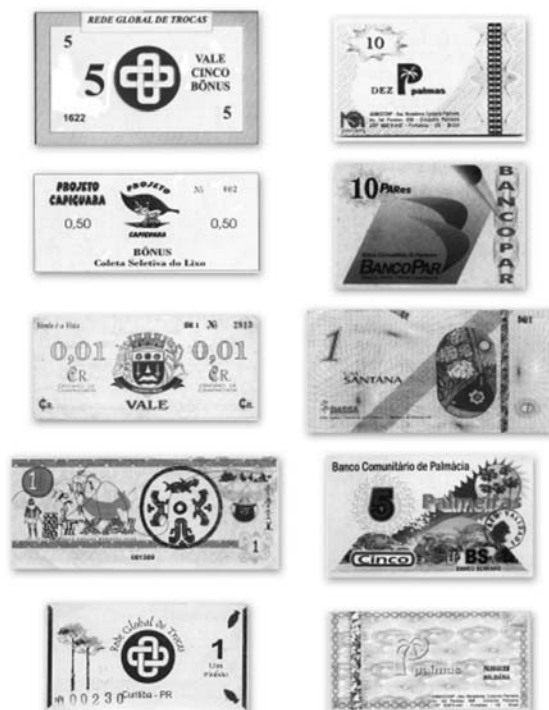
moeda social: Talento

horário: 11h às 14h

local: Rua Pe. José Maria, 555 Santo Amaro – São Paulo.

Você faz parte de algum clube de trocas e gostaria de divulgá-lo em nosso site? Escreva para clubedetrocas@ig.com.br

ALGUNS MODELOS DE MOEDA SOCIAL



NOTA DE INFORMAÇÃO

Esta cartilha é uma publicação da Associação para o Desenvolvimento da Intercomunicação, A.D.I., com sede em São Paulo à Avenida Brigadeiro Faria Lima 2369, sala 1010 CEP 01451-922, telefone (11) 3813-2772.

A A.D.I. é uma Associação Civil, independente de governos e não têm finalidade de obter lucros em suas atividades. A A.D.I. reúne pessoas que trabalham com o objetivo de construir uma intercomunicação horizontal entre pessoas e comunidades com projetos e atividades, visando melhorar suas próprias condições de vida e superar dificuldades concretas na perspectiva de um futuro melhor. Ao divulgar essas atividades para que sejam aproveitadas amplamente por outras comunidades, a atuação da A.D.I. busca levar à formação de cada vez mais redes de entre-ajuda e solidariedade.

Dando continuidade à Universidade Mútua, que fazia parte do Movimento Internacional de Redes de Intercâmbios de Saber, com sede na França, a A.D.I. vem ajudando, desde 1998, a experiência dos Clubes de Trocas na cidade de São Paulo.

A primeira publicação desta cartilha foi realizada em outubro de 2003, a partir das anotações de Carlos Henrique de Castro, animador do Clube de Trocas de Pedreira, São Paulo, e foi publicada com a ajuda da Fondation France-Libertés, que anima e participa de clubes de trocas em Paris, França.

Esta edição foi revista por Carlos Henrique de Castro e Maria Lucia Costa Pedro, sócios da A.D.I., e impressa com o apoio da Cáritas e da Misereor.

São Paulo, outubro de 2008

Clube de Trocas

Contato: Carlos Castro

Fone: (011) 9341.5202

e-mail: clubedetrocas@ig.com.br

Associação para o Desenvolvimento da Intercomunicação - ADI

Contato: Maria Lúcia

Fone: (011) 3813.2772 / 8721.8889

e-mail: contato@intercomunicacao.net

visite nosso site: www.intercomunicacao.net

MINI GUIA PARA A REALIZAÇÃO DE UMA FEIRA DE TROCAS

Fonte: Economia Solidária / RS

Por Carlos Henrique de Castro

(Representante de clube de trocas em São Paulo)

MTS : MERCADO DE TROCAS SOLIDÁRIAS

1. O QUE É O MERCADO DE TROCAS SOLIDÁRIAS EM UMA FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA?

É um espaço onde as pessoas trocam entre elas produtos, serviços e saberes sem o uso de dinheiro, de uma forma solidária, que promove a cooperação em vez da competição, própria do “outro” mercado, respeitando normas éticas e ecológicas ao produzir e consumir. Nesta publicação, nos referiremos indistintamente a Feira ou Mercado de Trocas Solidárias.

Seu objetivo principal em uma Feira de Economia Solidária é de caráter pedagógico, mas também cultural e político, ou seja, o MTS propõe a todos participantes do evento vivenciar uma nova maneira de fazer circular a riqueza, com a lógica das trocas solidárias, onde os resultados podem ser alcançados sem a utilização de dinheiro.

Nas experiências realizadas até agora, viu-se que muitas pessoas que passam pelo espaço de trocas acabam se interessando por alguns produtos, porém como não têm moeda social, não poderiam adquiri-los nem conhecer o mecanismo da feira de trocas. Por isso, elas são encaminhadas a empreendimentos da Feira Solidária, onde compram produtos com moeda oficial, que levam ao Ecobanco para trocar por moeda social e participar das trocas solidárias. Como resultados dessas práticas, mais pessoas participam e mais empreendimentos solidários aumentam suas vendas e conhecem as trocas com moeda social como possibilidade da Economia Solidária.

2. O QUE É ECOBANCO?

Ecobanco é o mecanismo responsável pela emissão, controle, distribuição e retirada da moeda social de circulação em um espaço de Trocas Solidárias num evento de curta duração. Tem por finalidade colocar a moeda social em circulação, basicamente através da troca de moeda social por produtos que formarão o lastro do Ecobanco. Tendo em conta a finalidade educativa do processo, costuma-se adotar a equivalência de uma moeda social por cada moeda oficial. Ou seja, para cada 1 R\$ (um real) ingressado em produto no Ecobanco, uma moeda social entrará em circulação. Ao final do evento, o Ecobanco realiza a operação inversa, informando antecipadamente a todos os participantes do evento o dia e horário em que serão colocados os produtos a disposição de quem ainda tiver moedas sociais em seu poder.

3. QUAL É A FUNÇÃO DA MOEDA SOCIAL?

A função da moeda social em um espaço de trocas solidárias é facilitar as trocas

de produtos, serviços e saberes. Ela funciona como se fosse um “vale”, que só poderá ser utilizada durante um período determinado, acordado entre os organizadores do evento.

4. O QUE É O LASTRO DO ECOBANCO?

O lastro do Ecobanco é a garantia que os organizadores do evento dão as moedas sociais que são colocadas em circulação. Para que isto aconteça, são adquiridos dos participantes certa quantidade de produtos que podem ser negociados até o último dia do evento. Outra forma de construir o lastro é o recebimento de doações de produtos de alta aceitação, cestas básicas ou a troca de Cartilhas pedagógicas. Para desfazer o lastro, a organização informa o dia e horário que os produtos serão negociados com os participantes, geralmente durante as últimas horas do evento.

5. COMO PARTICIPAR DE UM ESPAÇO DE TROCAS SOLIDÁRIAS?

Todas as pessoas que participam do evento, inclusive os empreendedores solidários, que trouxerem produtos em boas condições de uso, oferecerem serviços e saberes, além de preencherem o cadastro terão direito de participar. Por seu caráter político, o único impedimento nesse espaço é a negociação de produtos, serviços e saberes por dinheiro.

Os produtos, serviços e saberes oferecidos durante o espaço de Trocas Solidárias são de absoluta responsabilidade dos que oferecem, assumindo qualquer problema por eles causados. É aconselhável que produtos de valor superior a R\$ 200,00 sejam cadastrados com nome, endereço e documento de identidade, evitando o risco de comercialização de produtos roubados ou de origem duvidosa.

6. FORMAS DE NEGOCIAÇÃO POSSÍVEIS:

Trocas diretas:

Você pode oferecer seu produto, serviço ou saber em forma direta, ou seja, ao identificar algo que necessite, tentar uma troca por aquilo que está oferecendo, desde que ambas as partes concordem com a troca.

Trocas indiretas:

Você pode utilizar moeda social nas trocas de produtos, serviços e saberes.

7. ETAPAS DE PREPARAÇÃO ACONSELHADAS: PRIMEIRA ETAPA - ANTES DA FEIRA

- * Formar uma comissão de no mínimo 10 pessoas.
- * Fazer a distribuição das tarefas:

- 3 pessoas no Eco Banco
- 4 pessoas na recepção junto a feira de trocas (pode ser 3 para aumentar uma pessoa para conversar com expositores)
- 1 pessoa no classificados de ofertas e necessidades
- 1 pessoa na comunicação utilizando os veículos de comunicação do evento
- 1 pessoa para conversar com os expositores, empreendimentos solidários, convencendo a oferecer seus produtos no espaço de trocas.

Operatoria:

É importante que haja flexibilidade, podendo ficar duas aqui ou mais, em certos momentos, e diminuir uma na recepção. Das três pessoas do Ecobanco, é importante que pelo menos uma pessoa tenha praticado o uso da moeda social, da formação de lastro, distribuição da moeda social, além de ter participado de feiras de trocas, de ser conhecido pela comunidade e responsável em todas atividades anteriores já realizadas. Esta garantia é necessária porque não se pode errar no funcionamento do Ecobanco: o risco pode comprometer as possibilidades futuras de projetos e ações que se pretendam realizar na Economia Solidária.

É importante que essas 10 pessoas participem de todas as etapas do processo:

- a. Deve-se fazer uma primeira reunião, com objetivo das pessoas se conhecerem e trocarem impressões sobre o que pretendem realizar, buscando fortalecer a amizade e confiança entre os organizadores do espaço de Feira de Trocas.
- b. Em caso de existir, é aconselhável apresentar à Feira de Economia Solidária Estadual um projeto com as necessidades básicas para o funcionamento do espaço de feira de trocas, além de acompanhar todas reuniões do Fórum Estadual na preparação da Feira Estadual.
- c. Necessidades básicas:

- * Local adequado para o funcionamento do Ecobanco e da Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias;
- * 1 Box para o Eco Banco;
- * 1 mesa com gaveta e chaves de segurança para o Ecobanco;
- * 3 cadeiras;
- * 1 Balcão para atender os participantes da Feira de Trocas;
- * 10 mesas para Feira de Trocas;
- * 20 cadeiras para a Feira de Trocas;
- * 3 cadernos para controle do lastro, controle de emissão das moedas sociais e livro de visitas;
- * 5 canetas esferográficas;
- * 5 pincéis atômicos;
- * 2 rolos de fita adesiva não transparente (para anotar os valores dos produtos adquiridos no lastro);
- * 1.000 folhas de Sulfite, para o classificado de ofertas e necessidades;

- * 1 banner - Ecobanco - Banco da casa da moeda social;
- * 1 faixa - FEIRA DE TROCAS SOLIDÁRIAS - SEJA BEM VINDO;
- * 100 Cestas Básicas para segurança do lastro e para pagamentos em moeda social dos colaboradores da Feira de Trocas Solidárias;
- * 1.000 folhas de questionário de avaliação do Espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias;
- * Cartilhas como organizar um espaço de Feira de Trocas ou Mercado de Trocas Solidárias;
- * Panfletos de divulgação sobre como participar da Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias. Neles pode solicitar-se que venham com alimentos não perecíveis para participar do evento;
- * Um mínimo de 10.000 cédulas de modelos diferentes e com numeração de serie:
MS \$ 0,50 - 1.000 cédulas de numeração de serie de 0001 a 1000.
MS \$ 1,00 - 5.000 cédulas de numeração de serie de 0001 a 5000.
MS \$ 2,00 - 2.000 cédulas de numeração de serie de 0001 a 2000.
MS \$ 5,00 - 2.000 cédulas de numeração de serie de 0001 a 2000.

DIVULGAÇÃO DO ESPAÇO DE FEIRA TROCAS SOLIDÁRIAS OU MERCADO DE TROCAS SOLIDÁRIAS.

No caso de existir, a equipe de comunicação da Feira Estadual de Economia Solidária deverá colocar em todos os materiais de divulgação, que nele vai acontecer uma Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias em local definido.

SEGUNDA ETAPA - DURANTE A FEIRA

Toda a Comissão Organizadora deverá estar no local do funcionamento do espaço de Feira de Trocas ou Mercado das Trocas Solidárias para iniciar as atividades.

- * Deverá verificar se as moedas sociais estão em ordem, registrar a entrada das moedas sociais no livro de controle.
- * Deverá distribuir as atividades entre os membros da comissão e iniciar o espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias.

TERCEIRA ETAPA - FINAL DO EVENTO

A Comissão Organizadora deverá entregar a todos os participantes da Feira um questionário com perguntas avaliando o funcionamento em todos seus aspectos.

Todos os membros da Comissão deverão colaborar no processo de desarme do lastro, sendo aconselhável a descentralização do lastro em até 4 postos do espaço da Feira de Trocas Solidárias, evitando a concentração de muitas pessoas em um único local. Caso aconteça de muitas pessoas terem acumulado moedas sociais e queiram troca-las

ao mesmo tempo, pode-se adotar uma prática que tem dado resultado: formam-se 4 filas e cada pessoa tem opção de trocar de no máximo 10 moedas sociais. Se ainda tiver moedas, voltará à fila e trocará novamente, até completar o total.

ALGUMAS PREOCUPAÇÕES QUE DEVEM SER PENSADAS ANTES DO EVENTO:

- 1 Dos organizadores do espaço da Feira de Trocas : Deverão procurar fazer uma experiência piloto de funcionamento do espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias, com objetivo de identificar possíveis falhas e corrigi-las a tempo;
 - 2 Dos produtos adquiridos na formação do lastro: É importante uma avaliação correta e solidária dos produtos, para que no momento de resgatar as moedas sociais não fiquem produtos indesejáveis por sua insuficiente qualidade ou valor fora do mercado solidário;
 - 3 Caso não se consiga um lastro suficiente para resgatar todas moedas sociais colocadas em circulação, em princípio, não deve ser permitido o pagamento dos serviços prestados pelos colaboradores com moedas sociais, se não foram previamente negociados. São considerados serviços prestados à Feira de Trocas Solidárias:
 - * Pagamento de horas de trabalho na Feira;
 - * Compra de alimentos, sucos ou água para os colaboradores durante o horário da Feira;
 - * Toda e qualquer saída necessária ao bom funcionamento da Feira, que não seja a compra de produtos para o lastro;
 - 4 É muito importante prestar especial atenção aos empreendimentos de alimentação:
 - * Estes empreendedores devem negociar apenas uma parte de suas produções;
 - * Deve ficar bem claro que as moedas sociais adquiridas serão gastas somente entre os empreendedores que a aceitarem voluntariamente;
 - * Deve-se esclarecer especialmente a esses empreendedores as condições da Feira ou Mercado de Trocas Solidárias, para evitar que acumulem moedas sociais, porque possivelmente, não sejam trocadas por produtos de sua preferência ou necessidade, devido a pequena diversidade que o Mercado de Trocas Solidárias venha ter ao final do evento.
-

Mensagens

CONSERTEI O MUNDO

Um cientista muito preocupado com os problemas do mundo passava dias em seu laboratório, tentando encontrar meios para melhorá-los.

Certo dia, seu filho de 7 anos invadiu o seu santuário decidido a ajudá-lo. O cientista, nervoso pela interrupção, tentou fazer o filho brincar em outro lugar. Vendo que seria impossível removê-lo, procurou algo que pudesse distrair a criança. De repente, deparou-se com o mapa do mundo.

Estava ali o que procurava. Recortou o mapa em vários pedaços e, junto com um rolo de fita adesiva, entregou ao filho dizendo:

Você gosta de quebra-cabeça? Então vou lhe dar o mundo para consertar. Aqui está ele todo quebrado. Veja se consegue consertá-lo bem direitinho! Mas faça tudo sozinho!

Pelos seus cálculos, a criança levaria dias para recompor o mapa.

Passados alguns minutos, ouviu o filho chamando-o calmamente.

A princípio, o pai não deu crédito às palavras do filho. Seria impossível, na sua idade, conseguir recompor um mapa quem jamais havia visto.

Relutante, o cientista levantou os olhos de suas anotações, certo de que veria um trabalho digno de uma criança. Para sua surpresa, o mapa estava completo. Todos os pedaços haviam sido colocados nos devidos lugares.

Como seria possível? Como o menino teria sido capaz?

Você não sabia como era o mundo, meu filho, como conseguiu?

Pai, eu não sabia como era o mundo, mas quando você tirou o papel do jornal para recortar, eu vi que do outro lado havia a figura de um homem. Quando você me deu o mundo para consertar, eu tentei mas não consegui. Foi aí que me lembrei do homem, virei os recortes e comecei a consertar o homem que eu sabia como era. Quando consegui consertar o homem, virei a folha e vi que havia consertado o mundo!

DIFÍCIL CONVIVÊNCIA

Durante a era glacial, muitos animais morriam por causa do frio.

Os porcos-espinhos, percebendo esta situação, resolveram se juntar em grupos, assim se agasalhavam e se protegiam mutuamente.

Mas os espinhos de cada um feria os companheiros mais próximos, justamente os que forneciam calor. E, por isso, tornaram a se afastar uns dos outros. Voltaram a morrer congelados e precisavam fazer uma escolha: desapareceriam da face da Terra ou aceitavam os espinhos do semelhante.

Com sabedoria, decidiram voltar e ficar juntos. Aprenderam assim a conviver com as pequenas feridas que uma relação muito próxima podia causar, já que o mais importante era o calor do outro.

Sobreviveram.

Assim, o melhor grupo não é aquele que reúne membros perfeitos, mas aquele onde cada um aceita os defeitos do outro e consegue perdão pelos seus próprios defeitos.

O SAL

O velho Mestre pediu a um jovem triste que colocasse uma mão cheia de sal em um copo de água e bebesse.

- 'Qual é o gosto?' - perguntou o Mestre.

- 'Ruim' - disse o aprendiz.

O Mestre sorriu e pediu ao jovem que pegasse outra mão cheia de sal e levasse a um lago.

Os dois caminharam em silêncio e o jovem jogou o sal no lago. Então o velho disse:

- 'Beba um pouco dessa água'. Enquanto a água escorria do queixo do jovem o Mestre perguntou:

- 'Qual é o gosto?'

- 'Bom!' - disse o rapaz.

- 'Você sente o gosto do sal?' - perguntou o Mestre.

- 'Não' - disse o jovem.

O mestre então, sentou ao lado do jovem, pegou em suas mãos e disse:

- 'A dor na vida de uma pessoa não muda. Mas o sabor da dor depende de onde a colocamos. Quando você sentir dor, a única coisa que você deve fazer é aumentar o sentido de tudo o que está a sua volta.

É dar mais valor ao que você tem do que ao que você perdeu. Em outras palavras: É deixar de Ser copo, para tornar-se um Lago.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro."

Fernando Pessoa

MANTENHA AS VELAS ACESAS (autor desconhecido)

Quatro velas estavam queimando calmamente.

O ambiente estava tão silencioso que podia-se ouvir o diálogo entre elas.

A primeira disse:

- Eu sou o Trabalho. Sou eu que transformo a natureza, sou eu que...

- Eu sou a dignidade. Muitas vezes fui apagada quando o trabalho foi desumanizado, quando o trabalho foi transformado em mercadoria, quando as pessoas dizem que têm um trabalho mas não que fazem um trabalho.

- Eu sou a vida. Muitas vezes fui apagada, quando o trabalho foi usado para alienar, para excluir, para destruir a vida ao invés de construí-la.

De repente, chegou uma criança e viu as três velas apagadas.

Que é isso? Vocês devem ficar acesas e queimar até o fim.

Então, a quarta vela falou:

- Não tenha medo, criança. Enquanto eu estiver acesa, poderemos acender as outras velas. Quando apagamos as chamas do Trabalho, da dignidade, da vida... ainda assim nem tudo está perdido... alguma coisa há de ter restado dentro da gente. E isto tem que ser preservado, acima de tudo...

Então, a criança pegou a vela da ESPERANÇA e acendeu novamente as que estavam apagando.

QUEM SABE SOMAR SABE DIVIDIR (autor desconhecido)

Somar é a primeira operação matemática que se aprende, a que temos mais facilidade e que gostamos mais. Primeiro, a gente gosta de somar várias vezes palitos e giz; depois, brinquedos e roupas da moda; depois, somar dinheiro, depois somar carros e casa, e sempre somar alegria e felicidade. Isso já é multiplicação, que também é fácil de aprender, é só somar várias vezes a mesma coisa.

A segunda operação que aprendemos é a subtração. Aí, começa a ficar estranho. Principalmente quando tem que pedir emprestado na casa do vizinho, digo, casa decimal ao lado. Ninguém gosta mais de dividir do que somar.

Quando chega na divisão, é quase um desespero, ainda mais quando sobra um resto. É que ninguém entende aonde ou prá quem vai ficar o resto. Até no cotidiano, ninguém gosta de dividir nada.

A dificuldade no aprendizado não parece à toa, o homem rejeita essa prática. Quando o homem aprender a dividir corretamente e souber onde deve ficar o resto, entenderá que é o mesmo que somar para alguns, mantendo a quantidade de outros, sem necessariamente subtrair de alguém, ou seja: é o mesmo que somar igual para todos; entenderá também que somando os restos, teremos mais um inteiro divisível, fazendo outros felizes.

O resultado final também é uma soma, a soma da felicidade geral.

Poderíamos até chamar esta operação de soma distribuída.

Com esta visão, com certeza a matemática daria mais resultados, talvez fosse dispensável aprender conta de dividir e as pessoas continuariam felizes a somar palitos, brinquedos, dinheiro, carros, casas e felicidade, porém não somente para si.

Quem sabe?

O PODER DE UM SORRISO (autor desconhecido)

Um sorriso não custa nada, mas cria muitas coisas. Dura só um momento, mas sua lembrança perdura pela vida afora. Não se pode comprá-lo, mendigá-lo, pedir emprestado ou roubá-lo. Não tem utilidade enquanto não é dado.

É por isso que, se no seu caminho encontrares uma pessoa por demais cansada para lhe dar um sorriso, deixa-lhe o seu, pois ninguém precisa tanto de um sorriso quanto aquele que não tem mais um a oferecer. Seu sorriso será tão precioso para esta pessoa que no momento que ela receber, ela sentirá a magia da felicidade incendiar o seu viver, e ela de gratidão lhe retornará um belo e meigo sorriso.

Por isso, conserve este brilho de alegria em seu rosto, pois mesmo que você não perceba através do seu sorriso, você transmite para as pessoas que caminham ao seu lado forças, alegrias e coragem!

MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Tecendo seus sonhos
Costurando realidades
Amassando suas mágoas
Plantando sementes
Parindo suas crianças
Cuidando umas das outras
Rindo dos desencantos
Chorando seus desamores
Lá estão elas em grupos
Mulheres de várias gerações
Bordando novos traços, riscos e rabiscos
Na mente, na alma e no coração.

Com medo, tímidas
Corajosas, ousadas
Desafiam normas e regras
E entram na dança sagrada
E no ritmo das cirandas
Rodopiam alegres
Passos seguros
Acreditando na mandala da vida
Guardiã da fé e da oração.

Desmascaram com suas agulhas
De tricô e de crochê
Antigos mitos, meias verdades
Que lhes tolhem a liberdade
E rompem as fronteiras do não

Expondo seus trabalhos
Nas feiras
Não da solidão
Mas das trocas partilha
Colaboração!
E lá estão
Fincando bandeiras de cores diversas
Lilás, amarela, cor de rosa e vermelhas
Nas fachadas das portas fechadas
Nas janelas das favelas
Em romarias, passeatas
Manifestação.

E na alquimia
Dos tachos ferventes
Fervem suas indignações
E transformam banana, abóbora
Goiaba e pêra
Em relações de deliciosas tentações
E suas receitas misteriosas,
Chás milagrosos
Contornam os obstáculos
E motivam, desenham,
Criam e recriam
Lindas colchas de retalhos
E fuxicos multicoloridos
Com os quais poetizam a poesia
Sem saber que são poetizas.

No varal de colares brilhantes
Escolhem os que enfeitam a vida
E vaidosas
Com eles se enfeitam
E desfilam nas passarelas
Da confraternização
Com seus livros e caderninhos
Lápis e canetas
Registram: Era uma vez...
Histórias de lutas e glórias
Dramas e melodramas
Do povo trabalhador.
Mas também suas histórias
De amor e de dor.

Traçam mapas
De cabeça pra baixo
Pois pra elas
O Sul é o norte
E assim vão armando suas tendas,
Barracas e barraquinhas
Acampamentos e moradas
Que intitulam
Esses lugares
São nossos lares.

No silêncio dos campos
E nos ruídos assustadores
Das tristes cidades
Vão então redesenhando
Com os gestos de suas mãos
Paisagens, florestas,
Parques e praças
Mares e cascatas
Numa verdadeira revolução
Que está sendo cozida
Preste muita atenção
Meu camarada, meu irmão
Num enorme caldeirão
Mexido e remexido com
Fraldas, chupetas
Retalhos, lantejoulas,
Farinhas, ovos,
Tesouras, agulhas
Livros, poesias
Círculos, cirandas
Chás, flores
Debates e reflexões
Tudo numa grande ebulição
Com a força
Da criação, da luta, e da imaginação!

Cármina Maria
(dedicado a todas as mulheres, compa-
nheiras na construção de uma Nova Econo-
mia: Popular Solidária).

Teatro e dinâmicas

O CONGRESSO DAS FLORES

Certa vez, na comunidade da floresta encantada, era um dia de festa.

O Girassol convocava todas as flores:

“Queridos amigos e amigas! Neste dia, vocês todos estão convidados para um encontro muito importante. Venham todos, pois o tema em questão é: O QUE É ECONOMIA SOLIDÁRIA?

Todas as flores se prepararam para o tal encontro, com seus perfumes característico. Cada uma tinha seu próprio perfume e todos sabiam que cada perfume era importante para todos. E as flores se animaram muito, pois falar de economia solidária era um tesouro naquela comunidade.

E o encontro se inicia:

- E o girassol, que havia planejado o encontro, disse que na economia solidária é muito importante distribuir olhares afetuosos e apertar a mão de todos os que encontrasse.
- A hortências, logo se levantou e disse que Economia Solidária, para ela, era sorrir em qualquer situação e fazer carinho no rosto de quem estivesse ali.
- Mas o lírio estava muito indignado com a má distribuição de renda do mundo, muito indignado com a pobreza, a fome, a exploração, o preconceito. E, levantando os braços disse assim: BASTA! NÃO QUEREMOS MAIS ISSO!
- O JASMIM entende que não é suficiente compreender a realidade injusta e criticar esta situação. É necessário também SONHAR, porque os sonhos movimentam a História. E, dando as mãos, gritou: NÓS SOMOS FORTES PARA MUDAR O QUE ESTÁ ERRADO!
- A ROSA disse que muitas pessoas não gostam dos seus espinhos porque eles são perigosos. Mas há os espinhos que nos espetam e nos fortalecem. Também, as dificuldades de relacionamento, ou as crises que enfrentamos na caminhada são importantes para nos fazer olhar para os lados e descobrir jardins que antes não enxergávamos. Ou então, para descobrir qualidades e forças que muitas vezes ficam escondidas por debaixo dos espinhos. Por isso, economia solidária também é DENUNCIAR a injustiça e ANUNCIAR novas relações de produção, distribuição, consumo – fundados no AFETO! Por isso, ela procura abraçar com carinho a todos.
- A ORQUÍDEA, muito animada e fortalecida com tantos abraços que deu e recebeu, finalizou: UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL!

(Música do Fórum Social Mundial – todos se dão as mãos, e escutando a música, vão rodando)

TEATROS PARA REFLEXÃO

TRABALHO DA MULHER – (ESTRELA DA MANHÃ) - TEATRO

Mulher com bebê no colo e varrendo casa, homem chega em casa reclamando que mulher não trabalha. Ela sai para procurar emprego, encontra pessoas do clube de troca, descobre que alimentação é direito e que o trabalho da mulher em casa deve ser valorizado.

PROPRIEDADE PRIVADA – (AMIZADE) – TEATRO

Latifundiário quer comprar terra de indígena (ou trabalhador rural). Indígena não quer vender e conversam sobre se terra é ou não mercadoria. Latifundiário diz que é preciso derrubar mata para plantar capim e criar boi. Indígena diz que é preciso cuidar da natureza e da vida. Moeda social X dinheiro oficial – indígena manda latifundiário embora, e planta a semente na terra, seguido de todos os outros.

CONSUMO ALIENADO/CONSUMO SOLIDÁRIO

Pessoa é atada com cordas, amordaçada, é colocada venda nos olhos, e latinha de coca-cola na sua mão para demonstrar a exploração, a alienação, o consumo alienado...

Depois disso, animador pergunta para as pessoas: Como podemos nos libertar? E conforme falam, vão se tirando as vendas, a latinha, a mordaça etc. Finaliza com música “bandeira”, que passa de mão em mão.

Músicas

MÚSICAS DE ACOLHIDA

(1) Seja bem vinda, bem vindo seja, o leleô
Seja bem vinda, bem vindo seja, o leleá
Não importa se você veio do sul ou do norte,
A casa é sua, minha(meu) irmã(irmão) pode chegar!

(2)Seja bem vinda, olelê
Seja bem vindo, olalá
Paz e bem pra você,
Que veio participar.

(3)Flor, minha flor,
Flor vem cá...
Flor, minha flor,
Laiá laiá, laiá

(4) Eu vou chamar _(nome do grupo)___
Flor, vem cá
Para se apresentar,
Laiá laiá laiá

Eu vou chamar (nome do grupo)
Flor, vem cá,
Para se apresentar
Laia, laia, laia...

(5)Você, que está chegando,
Bem vida! Bem vindo!
Você, que está chegando,
Benvinda, benvindo seja!

(6)Só estava faltando você, aqui..
Só estava faltando você, aqui.
Só estava faltando você, aqui
Benvinda, benvindo seja!!

CIRANDAS

JANAINA

Eu estava na beira da praia, vendo o balanço do mar
Eu estava, na beira da praia, vendo o balanço do mar.
Quando vi uma linda sereia e eu comecei a cantar
Quando eu vi uma linda sereia eu, comecei a cantar:
O, Janaína, vem ver, o Janaina, vem cá!
Receber as flores que eu vou te ofertar
O, Janaina, vem ver, o, Janaína, vem cá!
Receber as flores que eu vou lhe ofertar.

CIRANDA NA AVENIDA

Ciranda saiu na avenida, chamando todos pra dançar
A roda formou-se tão linda,
Mil versos a desabrochar

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar
Ciranda cirandinha não parou prá descansar

Ciranda, cirandinha, vamos todos dar as mãos
Ciranda, nos recorde, que todos somos irmãos

E somos todos irmãos!

CIRANDA DA LIA

Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
A melodia principal quem
Guia é a primeira voz

Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção

AQUI UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL... SE A GENTE QUISER

Aqui um outro mundo é possível...
se a gente quiser
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.
Caminhando nessa estrada,
lado a lado vamos lá,
construir um novo mundo
e o planeta transformar.
Com humanidade, solidariedade,
nós vamos vencer.
Com muita coragem
essa nossa luta pode nos dizer que...
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.
E vejam só,
há quem só vê exclusão e lucro
pra manter o poder antisocial, neoliberal,
mas com a gente vai ser diferente porque...
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.
Aqui um outro mundo é possível,
...se a gente quiser.

EU CREIO NA SEMENTE

Eu creio sim (3 x)
Eu creio na semente lançada na terra
Na vida da gente, eu creio no amor (2 x)

No canto sonoro da ave que voa
A liberdade é um grito, bem alto ressoa.
No jovem que luta, a esperança se faz.
A semente que nasce é a vitória da paz.
Na voz dos pequenos reunidos em prece,
No serviço e louvor, vida nova acontece.
Na força do povo, novo dia já brilha!
Na mesa de todos, eis o pão da partilha.

Nas mãos que semeiam o sonho de Deus
Na terra de todos, presente do céu
Renasce a alegria no rosto do povo
Com certeza teremos um mundo mais novo.

SEMENTES DO AMANHÃ

Ontem, um menino que brincava me falou
Que hoje é semente do amanhã
Para não ter medo que esse tempo vai passar,
Não se desespere não, nem pare de sonhar.
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs.
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar,
Fé na vida, fé na gente, fé no que virá...nós podemos tudo, nós podemos mais, vamos lá fazer o que será.

TOCANDO EM FRENTE

Ando devagar, porque já tive pressa
E levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Eu nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs...
É preciso o amor pra poder pulsar,

É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha, e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou, estrada eu sou...

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história,
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz, e ser feliz..

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais.
Cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
e ser feliz.

Sinto que seguir a vida seja simplesmente
Conhecer a marcha, ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou, estrada eu sou.

LIBERDADE

Liberdade vem e canta, e saúda este
Novo sol que vem. // Canta com alegria o escondido amor que no peito tem. // Mira o
céu azul, espaço aberto pra te acolher (bis)

Liberdade vem e pisa neste firme chão e verde ramagem. // Canta louvando as flores que ao
bailar do vento fazem sua mensagem. // Mira estas flores, abraço aberto pra te acolher. (bis)

Liberdade vem e pousa nesta dura América triste vendida. // Canta com os teus gritos
nossos filhos mortos e a paz ferida. // Mira este lugar, desejo aberto pra te acolher. (bis)

Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver. // És o grande sentido de uma vida
pronta para morrer. // Mira o nosso, chão banhado em sangue pra reviver. // Mira a
nossa América banhada em morte pra renascer.

IRÁ CHEGAR

Irá chegar um novo dia, // um novo céu, uma nova terra, um novo mar. // E neste dia, os oprimidos, numa só voz, a liberdade irão cantar.

Na nova terra, o negro não vai ter correntes // e o nosso índio vai ser visto como gente // na nova terra, o negro, o índio e o mulato, // o branco e todos vão comer no mesmo prato.

Na nova terra, os povos todos irmanados // com sua cultura e direitos respeitados. // farão da vida um bonito amanhecer // com igualdade no direito de viver.

Na nova terra, o fraco, o pobre e o injustiçado / serão juízes deste mundo de pecado // na nova terra, o forte, o grande e o prepotente // irão chorar e até ranger os dentes. Na nova terra, a mulher vai ser respeitada // e não vai ter a sua vida violentada. // na nova terra cantamos a libertação // mulher e homem serão de verdade irmãos.

TRENZINHO

Chegou o trem
Vamos ver a volta que dá
Chegou o trem
Vamos ver a volta que dá

Tem um motorzinho que
Caminha para frente
Tem um motorzinho que
Caminha para trás

CIO DA TERRA

Debulhar o trigo,
Recolher cada bago do trigo
Forjar do trigo o milagre do pão,
E se fartar de pão...

Decepar a cana,
Recolher a garapa da cana,
Roubar da cana a doçura do mel,
Se lambuzar de mel,

Afagar a terra, conhecer os desejos da terra,
Cio da terra, propícia estação,
De fecundar o chão.

MEU PAÍS

Aqui não falta sol, não falta chuva
A terra faz brotar qualquer semente
Se é a mão de Deus que nos protege e molha o chão
Por que, será, que está faltando pão?

Se a natureza nunca reclamou da gente,
O corte do machado a foice o fogo ardente,
Se nessa terra tudo que se planta dá,
O que é que há, meu país, o que é que há?
Tem alguém levando lucro,
Tem alguém colhendo fruto,
Sem saber o que é plantar.
Ta faltando consciência,
Ta sobrando paciência,
Ta faltando alguém gritar.

Feito um trem desgovernado,
Quem trabalha tá ferrado
Nas mãos de quem só engana

Feito um mau que não tem cura,
Estão levando à loucura
O País que a gente ama.

POUCO DE PERFUME

Fica sempre um pouco de perfume
Nas mãos que oferecem rosas
Nas mãos que sabem ser generosas (bis)

Dar do pouco que se tem
Ao que tem menos ainda
Enriquece o doador
Faz sua alma ainda mais linda

Dar ao próximo a alegria
Parece coisa tão singela
Aos olhos de Deus, porém,
É das artes a mais bela.

COR DA ESPERANÇA

Sei que há em teus olhos, num rápido olhar, que estás cansado de andar e andar e caminhar. Girando sempre num mesmo lugar;
Sei que as janelas se podem abrir mudar os ares depende de ti, te ajudará, vale a pena uma vez mais.

Saber que se pode, querer que se possa,
Perder nossos medos, jogá-los pra fora,
Pintar nossas caras, com a cor da esperança,
Tentar o futuro com o coração.

É melhor perder-se que nunca embarcar, melhor tentar que deixar de intentar ainda que não seja tão fácil começar;
Sei que o impossível se pode alcançar que a tristeza algum dia se vai e assim será, a vida muda e mudará.

BANDEIRA DE LUTA

Traga a bandeira de luta, deixe a bandeira passar
Essa é a nossa conduta, vamos unir pra mudar

Deixe fluir a esperança porque na lembrança vamos resgatar
Guardada bem na memória a nossa história vai continuar.

Bate-cundum na bandeira o bate-cundum da mudança chegou.
É na roça na cidade, na sociedade sou trabalhador.

Somos da história sujeitos e nossos direitos não podem acabar.
Os nossos sonhos de busca de paz e justiça vão continuar.

PAI-NOSSO DOS MÁRTIRES

Pai nosso,
Dos pobres marginalizados!
Pai nosso,
Dois mártires, dos torturados!

Teu nome é santificado
Naqueles que morrem, defendendo a vida.
Teu nome é glorificado
Quando a justiça é nossa medida.
Teu reino é de liberdade

De fraternidade, paz e comunhão.
Maldita toda violência,
Que devora a vida pela repressão. Ô, ô, ô

Queremos fazer tua vontade.
És o verdadeiro Deus libertador
Não vamos seguir as doutrinas
Corrompidas pelo poder opressor
Pedimos-te o pão da vida,
O pão da segurança, o pão das multidões,
O pão que traz humanidade
Que constrói a vida em vez de canhões. Ô, ô, ô

Perdoa-nos quando por medo,
Ficamos calados diante da morte!
Perdoa e destrói os reinos
Em que a corrupção é a lei mais forte.
Protege-nos da crueldade,
Do esquadrão da morte, dos prevaletidos.
Pai nosso revolucionário,
Parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos!

ME LEVA PRA LUTA

Com você eu sou mais eu
Juntos somos mais que dois
Pra este mundo ser melhor
É preciso dar as mãos
E caminhar, e caminhar
Me leva pra luta, me mostra o caminho,
Revela o segredo pra viver sem medo

Nossa cara, nossa voz
Nossa sede de amor,
Nosso jeito de viver,
Juntos vamos construir
E caminhar, e caminhar

MOMENTO NOVO

Deus chama a gente pra um momento novo
De caminhar junto com seu povo
É hora de transformar o que não dá mais
Sozinho, isolado, ninguém é capaz

Por isso vem!
Entra na roda com a gente também!
Você é muito importante! (2x)

Não é possível crer que tudo é fácil
Há muita força que produz a morte
Gerando dor, tristeza e desolação
É necessário unir o cordão

A força que hoje faz brotar a vida
Atua em nós pela sua graça
É Deus que nos convida pra trabalhar
O amor repartir e as forças juntar

ORDEM E PROGRESSO

Este é o nosso país esta é a nossa bandeira.
É por amor a essa pátria Brasil, que a gente segue em fileira

Queremos mais felicidade no céu deste olhar cor de anil, no verde esperança sem fogo,
bandeira que o povo assumiu
Amarelo são os campos floridos, as faces agora rosadas
Se o branco da paz se irradia, vitória das mãos calejadas

Queremos que abrace esta terra por ela quem sente paixão, quem põe com carinho a
semente, pra alimentar a nação
A ordem é ninguém passar fome, progresso é o povo feliz a reforma agrária é a volta
do agricultor à raiz

PRÁ NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não,
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não.
Quase todos perdidos, de arma na mão.
Nos quartéis lhes ensinam antigas lições
De morrer pela pátria e viver sem razão.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções.
Somos todos soldados, armados ou não.
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não.

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão.
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição.

SEM MEDO DE SER MULHER

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer
Participando sem medo de ser mulher.

Porque a luta não é só dos companheiros,
Participando, sem medo de ser mulher
Pisando firme sem pedir nenhum segredo
Participando sem medo de ser mulher

Sem a mulher a luta vai pela metade
Participando sem medo de ser mulher
Fortalecendo os movimentos populares,
Participando sem medo de ser mulher

Na aliança operária camponesa,
Participando sem medo de ser mulher,
Pois a vitória vai ser nossa com certeza
Participando sem medo de ser mulher

QUANDO O DIA DA PAZ RENASCER

Pe. Zezinho

Quando o dia da paz renascer,
Quando o sol da esperança brilhar,
Eu vou cantar
Quando os muros que cercam os jardins
Destruídos, então os jasmims,
Vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada, de novo,
No olhar da gente, a certeza do irmão
Reinado do povo

Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir,
Será enfim,
Tempo novo de eterna justiça,
Sem mais ódio nem sangue ou cobiça
Vai ser assim

Textos

MURALHAS DA LINGUAGEM

(Baseado na obra de Vito GIANNOTTI = Muralhas da Linguagem. Rio de Janeiro, Mauad, 2004) Resenha de Antonio Ozaí da Silva, disponível no site http://www.espacoacademico.com.br/039/39res_giannotti.htm

Vito GIANNOTTI é italiano, mas vive no Brasil há cerca de 40 anos. Militante no movimento operário e sindical, fundou o Núcleo Piratininga de Comunicação no Rio de Janeiro.

O autor conhece a linguagem dos trabalhadores. Sua tese central é que a posição econômica dos indivíduos e classes sociais condiciona o uso da linguagem. A estrutura econômica incide sobre a comunicação. O pertencimento a determinado grupo e classe social tem tudo a ver com as diferentes linguagens utilizadas no cotidiano, nos diversos espaços formais e informais da sociedade.

A desigualdade econômica instituiu muralhas intransponíveis entre a maioria da população e a elite brasileira. Reproduz-se, assim, a segregação histórica entre a Casa Grande e a Senzala. Este é o fundamento da análise do autor, isto é, a permanência de uma herança histórica ainda persistente economicamente e que se traduz na existência das muralhas da linguagem.

“A Casa Grande e a Senzala são a marca registrada no Brasil de hoje, de ontem, de anteontem. A chave para se entender a nossa história e presença obsessiva em todos os domínios da vida brasileira. Estes dois referenciais são a melhor imagem para explicar a vergonhosa distribuição de renda no país, que é a nossa principal característica.” (p.51)

A linguagem da Casa Grande é incompreensível à Senzala, e vice-versa. “São dois mundos incomunicáveis, duas maneiras de vidas, duas reações frente aos vários acontecimentos. Para o nosso caso, duas linguagens”.

Esta diferenciação é o legado que carregamos enquanto nação. O abismo que separa a elite da maioria populacional, em todos os sentidos, expressa a permanência da dicotomia Casa Grande x Senzala sob formas modernas. A superação das abissais diferenças econômicas é fundamental para superar a desigualdade lingüística. Neste sentido, a educação tem um papel de suma importância. O acesso à educação de qualidade, à universidade e aos recursos necessários para um bom desempenho educacional são essenciais.

A baixa escolaridade constitui um dos principais fatores que impedem a derrubada das muralhas econômicas e da linguagem. Paradoxalmente, exige-se dos desfavorecidos social e economicamente que dominem a linguagem culta. O saber formal adquirido nos bancos escolares, desde a infância, se funda na linguagem da Casa Grande. Um dos efeitos desta lógica perversa é a exclusão, por mecanismos não declarados, de enorme quantidade de crianças e jovens, alunos que não se adaptam à vida escolar e

cuja cultura e saber não formal são desconsiderados e desvalorizados. A escola transforma-se num território estranho, inimigo e, para muitos, uma muralha intransponível.

Na outra ponta, temos os que alcançam um alto nível de escolaridade. Outro paradoxo! Longe disso, favorecer a diminuição da desigualdade tende a perpetuá-la. A alta escolaridade cria o fenômeno definido por Giannotti como intelectualez, que também contribui para a exclusão. A pirâmide da sociedade desenvolve mecanismos para a garantia de privilégios e de manutenção de relações desiguais entre a Casa Grande e Senzala. Dessa forma, a Universidade interdita o acesso aos negros e pobres. E isso ocorre não por meios declarados de exclusão, mas através de um discurso e prática universalista e meritocráticos que, na essência, tornam-se garantia de reserva de mercado e de ocupação de posições privilegiadas.

O autor observa que a baixa escolaridade é uma forma de exclusão passiva. A pessoa é excluída por não conhecer o sentido das palavras. Ela é deixada à “margem”. O intelectualez, ou seja: a alta escolarização, é uma forma de exclusão ativa. “Quem a usa, a menos que esteja falando com seus pares, exclui milhões de outros que não pertencem ao seletivo grupo de quem sabe, de quem fala, ou de quem lê uma linguagem de poucos”.

É verdade que alguns indivíduos provenientes da Senzala conseguem romper a muralha e conquistam a inclusão. Contudo, é uma exceção que confirma a regra. A maioria continua a margem: a universidade, os programas de pós-graduação, os concursos públicos para a carreira docente, constituem gigantescas muralhas, terreno repleto de obstáculos à minoria que se aventura a fazer esta caminhada. O contrasenso é que dentre os poucos que conseguem superar estas muralhas, há muitos que se integram, isto é, negam suas origens e passam a defender privilégios como direitos inacessíveis aos demais. No aspecto lingüístico, esta passagem para o outro lado se expressa no intelectualês, na adoção de uma linguagem inacessível à maioria. O indivíduo intelectualês não consegue se comunicar com os simples mortais, considera mesmo que é perda de tempo.

Não se trata de negar a especialização. As carreiras universitárias, as áreas do conhecimento, desenvolvem uma linguagem própria, especializada, inteligível aos pares. Porém, o intelectualês não consegue se comunicar fora da sua especialidade, seu idioma, embora sendo o mesmo português brasileiro é outro idioma. Este fenômeno se reproduz até mesmo entre aqueles que se colocam em defesa da Senzala:

“Muitos intelectuais de esquerda têm dificuldade de admitir este fato. Como se admitir este fato fosse uma traição a não se sabe o quê. Fosse quase uma ofensa. Mas a realidade é simples. Quem estudou e tem uma vida intelectual mais dinâmica acaba aprendendo uma nova língua. Ótima coisa. É só admitir e saber administrar.”

O intelectualês tem outros irmãos siameses: o juridiquês, o economês, o informaticuês, o mediquês, o psicologuês, o sociologuês etc. São linguagens especializadas, incompreensíveis aos leigos, à senzala. Contudo, no campo em que atuam se justificam. O problema é quando os que usam estas linguagens específicas precisam interagir com os que não a dominam e não percebem a necessidade de traduzi-las – por exemplo: o discurso professoral que transforma coisas simples em coisas complexas e é pedagogicamente inoperante, ainda que muitos alunos se deliciem e considerem positivo o fato de não entenderem o que o professor fala.

A obra de Vito Giannotti não se presta a objetivos academicistas, mas sim àqueles referentes à transformação da realidade social. O que está em questão para ele é a necessidade e a possibilidade de disputar a hegemonia na sociedade. Isto pressupõe não apenas uma luta econômica, mas também uma disputa lingüística. Os que defendem outro modelo de sociedade precisam se comunicar, se fazerem compreendidos à maioria que fala a língua da Senzala e compreendem sua linguagem. Deste ponto de vista, entre as várias linguagens específicas, os linguês, as que causam mais prejuízo à disputa da hegemonia é o politiquês, o sindicalês e seus derivados. Estas linguagens constituem um crime porque resultam exatamente no oposto do pretendido. Giannotti explica que estas línguas:

“Ao criarem uma barreira, fazem exatamente o contrário do que a atividade política e sindical estaria exigindo. Política e sindicalismo exigem convencimento de centenas, milhares e milhões. Para quem atua na vida sindical, ou numa perspectiva político-popular, falar ou escrever numa linguagem excludente representa uma contradição total em relação ao seu objetivo que é, justamente, o de convencer o máximo de pessoas”.

O politiquês e o sindicalês são linguagens contaminadas pelo intelectualês. A interação dos dirigentes políticos e sindicais com o mundo acadêmico e intelectual leva-os a incorporarem palavras e expressões próprias dos que pertencem a esta realidade social. Ocorre um fenômeno interessante: o sindicalista oriundo do meio operário se intelectualiza, no sentido negativo do termo e, simultaneamente, se integra ao modo de vida específico da classe média e burguesa. No sindicato e no partido ele se aburguesa e se torna um estranho para os seus representados – estes não mais se reconhecem nele, no seu jeito de falar e nos seus costumes.

A rigor, este processo de contaminação não é, em si, negativo. A interação enriquece o conhecimento do sindicalista operário e produz uma nova síntese capaz de gerar propostas políticas para a transformação da sociedade. Em outras palavras, o operário se politiza – nos termos da esquerda tradicional, ele se transforma num quadro. Vito Giannotti alerta que, do ponto de vista da comunicação, esta síntese produz mudanças na linguagem, as quais “se não for bem administrada, gera uma grande distância entre o ativista sindical político e as pessoas que este quer atingir. Esta nova linguagem, se usada sem as preocupações devidas, gera a exclusão de quem não é ator direto, e sim simples ouvinte ou leitor.

(...) A preocupação do autor é que as classes populares e seus representantes saibam difundir o seu projeto; que considerem o aspecto lingüístico no sentido de se fazer entender e de gerar as condições para a disputa hegemônica. Os militantes envolvidos com a comunicação popular devem desempenhar um papel contra-hegemônico. Precisam, portanto, transpor as muralhas da linguagem.

É uma pedagogia ativa que possibilita a reflexão sobre o funcionamento da sociedade; uma pedagogia que comunica, que é capaz de tornar-se compreensível à Senzala: “Sem esta pedagogia ativa, não haverá milhões de pessoas dispostas a se comprometerem com uma ação transformadora. Só os fatos não levam, automaticamente, à ação,” conclui o autor.

A VIOLÊNCIA DE NÃO SER OUVIDO

Gisele Carneiro

Há muitos tipos de violência: as visíveis e as invisíveis. As primeiras deixam marcas físicas. As segundas, não.

Certa ocasião, fui visitar uma ocupação urbana, cujos moradores eram chamados de “povo da calçada”: um grupo que ocupou terreno urbano e sofreu a reintegração de posse, de forma violenta. Alguns moradores resistiram, recusaram-se a sair do espaço e organizaram um acampamento na calçada que circunda o terreno antes ocupado – agora com arames farpados e segurança privada.

Havia barracos com lonas pretas e também alguns barracos de palha. Foi construída uma cozinha comunitária em meio à calçada e grupos se revezavam para fazer a comida e cuidar da limpeza. Foi improvisada uma “ciranda”: espaço de recreação com adultos responsáveis pelo cuidado com as crianças. Também havia assembleias diárias com moradoras(es).

Mesmo com a ciranda, crianças de todas as idades corriam e brincavam sob risco de atropelamento, porque o “povo da calçada” se alojava em frente a uma rua de grande movimento de carros. Fazia muito calor. Debaixo da lona era abafado, mas debaixo do sol era escaldante. Se chovia, entrava água por cima dos barracos, pelos buracos da lona ou pelo chão.

Tudo isso é violência. Mas existe uma violência talvez maior do que todas essas juntas: é a violência sofrida por quem não tem chances de falar, de se defender. Paulo Freire dizia que isso é “roubar a palavra”.

Na rua da frente, que dava acesso ao “povo da calçada”, havia uma grande faixa de lona, de moradores agradecendo e aplaudindo a ação policial contra aqueles que eles chamavam de “oportunistas” e “desordeiros”.

No jornal da televisão, apareceu a passeata dos moradores em apoio à ação policial e contra o “povo da calçada”, além da fala contundente de um morador dizendo que a polícia fez um ótimo trabalho. Não apareceu nenhuma voz do “povo da calçada”. Para saber o que eles pensavam e diziam, era preciso ir lá pessoalmente

Algumas falas:

“Tenho quatro filhos pequenos. Dois estão aqui comigo e dois estão na casa da minha sobrinha porque aqui é difícil ficar com todos. Não temos para onde ir. Morávamos de aluguel, não conseguíamos mais pagar e estávamos sendo despejados. Viemos pra cá na esperança de ter onde morar. O que mais dói é o jeito como as pessoas nos tratam e nos enxergam. Dizem que somos bandidos. Os ricos são ruins. Quando digo rico, é quem mora numa casa daquela ali (apontando para uma casa comum). Eles são ruins porque nós estamos aqui, sofrendo, nessa situação que você está vendo, e eles além de não ajudarem, ficam no bem bom da casa deles dizendo que nós somos bandidos, mandando a polícia vir nos prender.”

“As crianças estão traumatizadas. Não podem ver policiais, nem cavalos e nem

cachorros, que começam a chorar". (referindo-se à violência ocorrida quando da reintegração de posse)

"Convidaram a gente para entrar nessa terra, dizendo que poderíamos derrubar as árvores, construir nossas casas e assim iríamos ter casa. Depois que está tudo limpinho, eles põem a polícia em cima da gente".

"Por causa de uns e outros, dizem que todos nós somos especuladores, que viemos aqui pra juntar terra. Nós queremos é um lugar pra morar".

Dialogando com o "povo da calçada", tivemos a ideia de escrever uma carta, fazer cópias e entregá-las nas casas próximas, conversando com moradores e moradoras sobre a situação vista e vivenciada sob outro olhar, o "outro lado da notícia".

Para as classes populares, dizer a sua palavra é difícil. Há dificuldades na escrita, há dificuldades na argumentação, no uso das palavras. Estes limites se tornam verdadeiras muralhas que separam os seres humanos, lembrando de Vito Gianotti. De um lado, há os que – estudados – utilizam um vocabulário incompreensível para quem não teve a oportunidade de frequentar a escola. Do outro, há os que, não compreendendo as palavras difíceis do primeiro grupo, se calam e se intimidam, se sentindo "menos". Para o primeiro grupo, há os meios de comunicação de massa, eles podem irradiar suas mensagens elaboradas em muitos canais de comunicação. O segundo grupo fica com a voz embargada, sufocada. As palavras não ditas, reprimidas habitualmente, vão se esvaziando até que chega um momento em que passam a assumir o discurso do primeiro grupo como se fora o seu discurso. Olham o mundo sob a ótica do dominador. É o oprimido hospedando o opressor, como diria Paulo Freire. A pressão é tão grande e as palavras são tão repetidamente ditas e convincentes que passam a ser tidas como verdade. A vítima passa, então, a se sentir culpada por sua própria situação.

Concordamos com Terezinha de Jesus Souza, da Rede Pinhão, quando num encontro de animadoras(es) disse que o ser humano não foi feito para armazenar palavras, sentimentos, ele precisa falar, pôr para fora o que está sentindo. No entanto, a ideia de visitar as casas vizinhas e conversar com moradores sobre a situação vivida se dissolveu. Algo muito arriscado e ousado, dizer a própria palavra.

Moradores e moradoras da calçada permaneceram ali por poucos meses. Houve nova reintegração de posse, decorrido algum tempo. O "povo da calçada" se foi, e a vizinhança festejou.

Viver em comunidade é uma experiência inesquecível e deixa marcas. Um novo grupo se organizou em outro espaço longe dali e deixou florescer as sementes da solidariedade aprendidas na calçada: a cozinha comunitária, a ciranda das crianças, as assembleias democráticas.

Como diz o poeta: "podem arrancar nossas folhas, nossos galhos, nossa raiz. Não importa! Renascemos mais fortes"

EDUCAÇÃO POPULAR FREIRIANA

21.01.2010 – PRIMEIRA CIRANDA DA RECID
Transcrição das falas de Maria Guadalupe e Antonio Gouvea

Educação popular: uma proposta metodológica.

Maria Guadalupe Menezes

Há diferentes perspectivas de educação popular, que partem de diferentes ideologias. A proposta é trabalharmos a partir da perspectiva freireana, que tem como intencionalidade clara o compromisso com as classes populares, buscando superar os mecanismos de opressão, visando a libertação.

Educação popular freiriana NÃO É: (a) meio de tornar a prática educativa mais interessante sem tocar os conflitos, nas contradições; (b) levar o máximo de conteúdo para que pessoas tenham ferramentas para galgar conhecimento; (c) limitar-se a suprir necessidades básicas dos sujeitos.

A pesquisa é fundamental na educação popular freireana. Pela pesquisa se chega à realidade, a partir da qual se desencadeia o processo dialógico. O diálogo acontece quando há duas visões de mundo que se chocam. Educadoras e educadores populares colocam dois saberes (científico e popular) para dialogarem, buscando superar limites explicativos da realidade, desvelando as verdadeiras causas da opressão.

O objetivo é que os sujeitos, organizados, alterem sua realidade por meio de uma ação concreta. Que sejam derrubados os limites que aprisionam. Que apareça um novo saber e uma transformação.

Neste processo, a amorosidade, a alegria e a solidariedade têm papel fundamental. Mas cuidado para que não sejam utilizados para mascarar conflitos, esconder a dor e acomodar os sujeitos na sua situação de desumanização. A amorosidade deve se expressar concretamente na relação, na metodologia.

Não fomos “formatadas e formatados” para ouvir, para conhecer a realidade, para desenvolver trabalho coletivo. Somos orientadas e orientados para o individualismo, para o consenso, e temos a tendência de ver o conflito como algo negativo. Por isso, é preciso um esforço constante para rever nossas práticas e posturas.

Tema gerador é uma fala significativa a qual não concordamos, porque há um limite explicativo. Não é discordar no nível da opinião, a discordância da fala está na perspectiva política da construção de uma nova sociedade. Tema gerador não parte da decisão do educador, mas sim da escuta, parte da fala do outro.

Fala significativa é a que impede que os sujeitos transformem a realidade que os cerca. Discordamos da explicação que imobiliza. Fala significativa explica a realidade. É diferente de constatar a realidade. “É a ponta do iceberg” (Gouvêa).

Educadoras e educadores populares devem procurar: buscar saídas coletivas, recusar mitos, ser “bons perguntadores”, praticar o diálogo, formular hipóteses explicativas, não sobrepor sua visão sobre a do outro, buscar desestruturar visão que imobiliza. É preciso, sobretudo, RESPEITO em todo este processo, nos colocando a serviço do

outro; não sermos mais um a oprimir.

Além disso, registrar muito, sistematizar muito, sendo LEITORES E LEITORAS DE MUNDO, ESCRITORES E ESCRITORAS DE MUNDO.

Antonio Fernando GOUVEA da Silva

A educação popular crítica busca a humanização. Humanizar é construir com o outro a transformação social. Criticidade é entender no campo histórico o todo na parte e a parte do todo. Criticidade exige uma prática que provoque o outro a pensar na realidade

Temos dificuldade em escutar. É preciso desenvolver esta capacidade. Conhecer a visão de mundo do outro, e não ouvir só o que se quer ouvir.

Problematizar é provocar, questionar, indagar, “cutucar”. Toda problematização é uma pergunta, mas nem toda pergunta é problematização. Por exemplo: nas épocas de enchente, os jornalistas fazem sempre a mesma pergunta às vítimas: “como está se sentindo por ter perdido sua casa...” O óbvio não é problematização. Perguntas problematizadoras são aquelas que explicitam limites explicativos.

Não podemos chegar dando respostas as perguntas que não foram feitas. É preciso perguntar para que os outros tenham dúvidas de suas certezas e consigam níveis mais amplos para leitura da realidade. Não posso denunciar o que para o outro ainda não é denúncia. Denúncia deve ser construída.

Desafio da problematização: levar pessoas a perceberem que o problema não pode ser explicado num campo pequeno, é preciso olhar a macro estrutura social.

Diálogo é planejado, não é espontaneista. É reflexão sobre um conteúdo para agir melhor, ou seja: transformar. É preciso lançar mão da ciência, que deve ser usada para libertar e não para oprimir. Paulo Freire nunca abandonou a ciência, ele a utiliza para libertação. Conhecimento é diferente de sabedoria. Conhecimento é a capacidade de articular informações. Sabedoria é como se utiliza o conhecimento para o bem comum.

Educação Popular visa transformação. Tomar consciência não é suficiente. É preciso agir. Plano da consciência é necessário, mas não é suficiente. É preciso conscientização.

O povo usa “manhas” para sobreviver, que são chamadas de “preguiça” (senso comum). Preguiça é uma forma de resistência à nossa coisificação. É resistência quando nos mandam fazer coisas que não queremos fazer. Enquanto oprimido usar a ideologia do opressor e culpar pela própria situação de opressão, a situação se reproduz.

.....

Após apresentação das problematizações e definições de conteúdos, pelos grupos, Gouvea alerta que é preciso muita atenção porque há um equívoco que povoa maior parte dos educadores: a dificuldade de retornar ao local, depois de se passar pelo macro. Evitar o “devaneio intelectual”, evitar pensar como a “burguesia intelectual”.

ESCATATÓRIA

Rubem Alves

Extraído do site <http://www.rubemalves.com.br/escutatorio.htm>

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular.

Escutar é complicado e sutil. Diz o Alberto Caeiro que “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma”. Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Aí a gente que não é cego abre os olhos. Diante de nós, fora da cabeça, nos campos e matas, estão as árvores e as flores. Ver é colocar dentro da cabeça aquilo que existe fora. O cego não vê porque as janelas dele estão fechadas. O que está fora não consegue entrar. A gente não é cego. As árvores e as flores entram. Mas - coitadinhas delas - entram e caem num mar de idéias. São misturadas nas palavras da filosofia que mora em nós. Perdem a sua simplicidade de existir. Ficam outras coisas. Então, o que vemos não são as árvores e as flores. Para se ver e preciso que a cabeça esteja vazia.

Faz muito tempo, nunca me esqueci. Eu ia de ônibus. Atrás, duas mulheres conversavam. Uma delas contava para a amiga os seus sofrimentos. (Contou-me uma amiga, nordestina, que o jogo que as mulheres do Nordeste gostam de fazer quando conversam umas com as outras é comparar sofrimentos. Quanto maior o sofrimento, mais bonitas são a mulher e a sua vida. Conversar é a arte de produzir-se literariamente como mulher de sofrimentos. Acho que foi lá que a ópera foi inventada. A alma é uma literatura. É nisso que se baseia a psicanálise...) Voltando ao ônibus. Falavam de sofrimentos. Uma delas contava do marido hospitalizado, dos médicos, dos exames complicados, das injeções na veia - a enfermeira nunca acertava -, dos vômitos e das urinas. Era um relato comovente de dor. Até que o relato chegou ao fim, esperando, evidentemente, o aplauso, a admiração, uma palavra de acolhimento na alma da outra que, supostamente, ouvia. Mas o que a sofredora ouviu foi o seguinte: “Mas isso não é nada...” A segunda iniciou, então, uma história de sofrimentos incomparavelmente mais terríveis e dignos de uma ópera que os sofrimentos da primeira.

Parafraseio o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma.” Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. No fundo somos todos iguais às duas mulheres do ônibus. Certo estava Lichtenberg - citado por Murilo Mendes: “Há quem não ouça até que lhe cortem as orelhas.” Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...

Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos, estimulado pela revolução de 64. Pastor protestante (não “evangélico”), foi trabalhar num programa educacional da Igreja Presbiteriana USA, voltado para minorias. Contou-me de sua experiência com os índios. As reuniões são estranhas. Reunidos os participantes,

ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. (Os pianistas, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio, como se estivessem orando. Não rezando. Reza é falatório para não ouvir. Orando. Abrindo vazios de silêncio. Expulsando todas as idéias estranhas. Também para se tocar piano é preciso não ter filosofia nenhuma). Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio. Falar logo em seguida seria um grande desrespeito. Pois o outro falou os seus pensamentos, pensamentos que julgava essenciais. Sendo dele, os pensamentos não são meus. São-me estranhos. Comida que é preciso digerir. Digerir leva tempo. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se falo logo a seguir são duas as possibilidades. Primeira: "Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava eu pensava nas coisas que eu iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado." Segunda: "Ouvi o que você falou. Mas isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou." Em ambos os casos estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada. O longo silêncio quer dizer: "Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou." E assim vai a reunião.

Há grupos religiosos cuja liturgia consiste de silêncio. Faz alguns anos passei uma semana num mosteiro na Suíça, Grand Champs. Eu e algumas outras pessoas ali estávamos para, juntos, escrever um livro. Era uma antiga fazenda. Velhas construções, não me esqueço da água no chafariz onde as pombas vinham beber. Havia uma disciplina de silêncio, não total, mas de uma fala mínima. O que me deu enorme prazer às refeições. Não tinha a obrigação de manter uma conversa com meus vizinhos de mesa. Podia comer pensando na comida. Também para comer é preciso não ter filosofia. Não ter obrigação de falar é uma felicidade. Mas logo fui informado de que parte da disciplina do mosteiro era participar da liturgia três vezes por dia: às 7 da manhã, ao meio-dia e às 6 da tarde. Estremeci de medo. Mas obedeci. O lugar sagrado era um velho celeiro, todo de madeira, teto muito alto. Escuro. Havia aberto buracos na madeira, ali colocando vidros de várias cores. Era uma atmosfera de luz mortíça, iluminado por algumas velas sobre o altar, uma mesa simples com um ícone oriental de Cristo. Uns poucos bancos arranjados em "U" definiam um amplo espaço vazio, no centro, onde quem quisesse podia se assentar numa almofada, sobre um tapete. Cheguei alguns minutos antes da hora marcada. Era um grande silêncio. Muito frio, nuvens escuras cobriam o céu e corriam, levadas por um vento impetuoso que descia dos Alpes. A força do vento era tanta que o velho celeiro torcia e rangia, como se fosse um navio de madeira num mar agitado. O vento batia nas macieiras nuas do pomar e o barulho era como o de ondas que se quebram. Estranhei. Os suíços são sempre pontuais. A liturgia não começava. E ninguém tomava providências. Todos continuavam do mesmo jeito, sem nada fazer. Ninguém que se levantasse para dizer: "Meus irmãos, vamos cantar o hino..." Cinco minutos, dez, quinze. Só depois de vinte minutos é que eu, estúpido, percebi que tudo já se iniciara vinte minutos antes. As pessoas estavam lá para se alimentar de silêncio. E eu comecei a me alimentar de silêncio também. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia. Eu comecei a ouvir. Fernando Pessoa conhecia a experiência, e se referia a algo que se ouve nos interstícios

das palavras, no lugar onde não há palavras. E música, melodia que não havia e que quando ouvida nos faz chorar. A música acontece no silêncio. É preciso que todos os ruídos cessem. No silêncio, abrem-se as portas de um mundo encantado que mora em nós - como no poema de Mallarmé, *A catedral submersa*, que Debussy musicou. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Me veio agora a idéia de que, talvez, essa seja a essência da experiência religiosa - quando ficamos mudos, sem fala. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar. Para mim Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto... (O amor que acende a lua, pág. 65.)

O DIREITO À PREGUIÇA

Paul Lafargue – Introdução de Marilena Chauí

Contribuição de Leandro Konder. site <http://www.culturabrasil.pro.br/konder.htm>

Paul Lafargue nasceu em Cuba, filho de um francês e de uma judia, neto de uma mulata. Estudou medicina na França e se tornou apaixonado militante socialista. Em 1868, casou-se com Laura, filha caçula de Marx.

Seu texto mais conhecido é, provavelmente, “O direito à Preguiça”, publicado em Paris, em 1880.

Na época, os trabalhadores nas oficinas parisienses ainda trabalhavam em média 12 ou 13 horas por dia e, às vezes, as jornadas de trabalho se estendiam a 15, 16 e até 17 horas. A essa situação monstruosa ainda se acrescentava a circunstância de muitos operários estarem convencidos de que o trabalho em si mesmo era uma atividade dignificante e benéfica.

Segundo Marilena Chauí, a denúncia do trabalho alienado e a crítica do trabalho assalariado sustentam o texto de Lafargue e o esclarecem. É porque se trata de mostrar aos trabalhadores que são eles os produtores do capital, que Lafargue insiste tanto naquilo que chama de superprodução, isto é, um excesso de mercadorias continuamente lançadas no mercado, que os burgueses, sozinhos, não têm como consumir e que o proletariado está proibido de consumir, porque seu salário e as horas de sua vida inteira gastas nesta produção não lhe dão direito a elas. E por ser esse o foco da crítica, que Lafargue insiste também no contrário à situação existente, isto é, no que poderia ser o uso racional das máquinas, pois com elas, a jornada de trabalho poderia ser reduzida a quase nada – pelos seus cálculos, a jornada de trabalho poderia ser de três horas diárias e o ano de trabalho poderia durar apenas seis meses. Se assim não acontece, escreve ele, é porque os proletários se deixaram dominar pela religião do trabalho e pelo dogma de uma burguesia ociosa e consumista que afirma o trabalho ser sacrossanto e fonte de todas as virtudes, quando, na realidade, é a causa de todas as misérias da classe operário, miséria que cresce na proporção direta do crescimento da riqueza por ela produzida. A riqueza é, pois, socialmente produzida, mas sua apropriação não é

social e sim privada, ficando nas mãos dos detentores dos meios de produção.

Por essa razão, podemos dizer que o centro de “O Direito à Preguiça” é o capítulo “O que vem após a superprodução”. A sociedade burguesa, escreve Lafargue, condena o proletariado à abstinência de todos os bens e prazeres e condena a burguesia ao superconsumo do que é produzido em quantidades cada vez maiores, tanto pela introdução das máquinas como pelo aumento da jornada de trabalho. Assim, o proletariado é um superprodutor faminto e miserável, doente, vivendo em condições que nem mesmo animais aceitariam, enquanto o burguês é o não-produtor superconsumidor, ocioso e farto, rodeado de uma “classe doméstica” cada vez mais numerosa, dedicada à satisfação de seus gostos e prazeres dispendiosos e fúteis (cozinheiros, faxineiros, servidores de mesa, aias e amas, mordomos e governantas, preceptores, cocheiros e motoristas, jardineiros, costureiras, bordadeiras, cabeleireiros, manicures, maquiadores, chapeleiros, livreiros, decoradores, luveiros etc.). Em suma, “ao apertar o cinto, a classe operária desenvolveu para além do normal o ventre da burguesia.”

Como esta e seu exército de servidores não são suficientes para consumir toda produção, passa-se a exportá-la para outros continentes, o que, por seu turno, exige duas ações: primeiro, a burguesia cria nos novos continentes necessidades fictícias de consumo, de maneira que crie o mercado consumidor; depois, para garantir o monopólio sobre tal mercado, realiza as guerras coloniais, com que afasta os competidores. No entanto, nem mesmo isso é suficiente, pois a produção não cessa de crescer. A solução encontrada é baixar a qualidade dos produtos e diminuir sua durabilidade, uma falsificação ou uma fraude necessária à lógica do capital.

Visto que os operários estão completamente dominados pelo vício do trabalho e que nada os convence a abandoná-lo, que solução intermediária lhes propor? A redução da jornada de trabalho para três horas diárias, durante seis meses por ano. Redução perfeitamente viável porque, de um lado, há abundância de matéria-prima e de produtos e, de outro, máquinas. Se isso for feito, não só haverá pleno emprego, pois todos terão trabalho e os operários não lutarão entre si por trabalho, mas sobretudo, “não estando esgotados do corpo e da mente, começarão a praticar as virtudes da preguiça.”

Pensamos ser este o momento decisivo de “O direito à Preguiça”. E por dois motivos principais: em primeiro lugar, pela inversão paradoxal que Lafargue impõe aos valores burgueses e operários, pois, agora, o trabalho é considerado um vício diabólico e a preguiça, mãe das virtudes. Em segundo lugar, pelo seu sentido pedagógico, ou seja, uma vez que não é possível, de um só lance, suprimir a convicção proletária do dever do trabalho assalariado, Lafargue propõe diminuir o tempo de trabalho para que os operários comecem a praticar “as virtudes da preguiça”. Que virtudes a preguiça engendra? O prazer da vida boa (a boa mesa, a boa casa, as boas roupas, festas, danças, música, sexo, ocupação com as crianças, lazer e descanso) e o tempo para pensar e fruir da cultura, das ciências e das artes. Disso resulta o desenvolvimento dos conhecimentos e da capacidade de reflexão que levará o proletariado a compreender as causas reais de sua situação e a necessidade histórica de superá-la numa sociedade nova. Por que virtude? Essa palavra vem do latim, *virtus*, e significa força, vigor. Ao proporcionar aos operários um tempo em que estão livres do controle do capital, livres do poderio da burguesia, a preguiça gera virtude, isto é, o fortalecimento do corpo e do

espírito da classe operária, preparando-a para a ação revolucionária da emancipação do gênero humano. A principal virtude da preguiça é ensinar a maldição do trabalho assalariado e a necessidade de aboli-lo.

Porém, como tornar a classe operária virtuosa, senhora de virtus? Como “pedir a um proletariado corrompido pela moral capitalista uma resolução viril?” Indaga o autor.

TRABALHO IMATERIAL

Hardt e Negri – Livro “Multidão”

“A cena contemporânea do trabalho e da produção, como explicaremos, está sendo transformada sob a hegemonia do trabalho imaterial, ou seja, trabalho que produz produtos imateriais, como a informação, o conhecimento, idéias, imagens, relacionamentos e afetos. Isto não significa que não exista mais uma classe operária industrial trabalhando em máquinas com suas mãos calejadas ou que não existam mais trabalhadores agrícolas cultivando o solo. Não quer dizer nem mesmo que tenha diminuído em caráter global a quantidade desses trabalhadores. Na realidade, os trabalhadores envolvidos basicamente na produção imaterial constituem uma pequena minoria do conjunto global. O que isto significa, na verdade, é que as qualidades e as características da produção imaterial tendem hoje a transformar as outras formas de trabalho e mesmo a sociedade como um todo. Algumas dessas novas características decididamente não são bem-vindas. Quando nossas idéias e nossos afetos, nossas emoções, são postos para trabalhar, por exemplo, sujeitando-se assim, de uma nova maneira, às ordens do patrão, frequentemente vivenciamos novas e intensas formas de violação ou alienação. Além disso, as condições contratuais e materiais do trabalho imaterial que tendem a se disseminar por todo o mercado de trabalho vêm tornando mais precária a posição do trabalho de maneira geral. Existe por exemplo a tendência, em várias formas de trabalho imaterial, para o obscurecimento da distinção entre horários de trabalho e de não trabalhar, estendendo o dia de trabalho indefinidamente até ocupar toda a vida, e uma outra tendência para o funcionamento do trabalho imaterial sem contratos estáveis de longo prazo, assumindo com isto a posição precária de se tornar flexível (realizar várias tarefas) e móvel (estar constantemente mudando de lugar). Certas características do trabalho imaterial, que tendem a transformar outras formas de trabalho, apresentam um enorme potencial para a transformação social positiva. (Paradoxalmente, essas características positivas são o lado dinâmico das consequências negativas). Em primeiro lugar, o trabalho imaterial tende a sair do mundo limitado do terreno estritamente econômico, envolvendo-se na produção e na reprodução geral da sociedade como um todo. A produção de idéias, conhecimentos e afetos, por exemplo, não cria apenas meios através dos quais a sociedade é formada e sustentada; esse trabalho imaterial também produz diretamente relações sociais. O trabalho imaterial é biopolítico na medida em que se orienta para a criação de formas de vida social; já não tende, portanto, a limitar-se ao econômico, tornando-se também imediatamente uma

força social, cultural e política. Em última análise, em termos filosóficos, a produção envolvida aqui é a produção de subjetividade, a criação e a reprodução de novas subjetividades na sociedade. Quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isto é criado através dessa produção biopolítica e social. Em segundo lugar, o trabalho imaterial tende a assumir a forma social de redes baseada na comunicação, na colaboração e nas relações afetivas. O trabalho imaterial só pode ser realizado em comum, e está cada vez mais inventando novas redes independentes de cooperação através das quais produzir. Se sua capacidade de investir e transformar todos os aspectos da sociedade e sua forma em redes colaborativas são duas características extraordinariamente poderosas que o trabalho imaterial vem disseminando para outras formas de trabalho. Essas características podem servir como um esboço preliminar da composição social da multidão que hoje anima os movimentos de resistência ao estado global permanente de guerra.”

O MUNDO ANTROPOCÊNTRICO FALHO

(Sobre a Carta da Terra)
Boletim Cepat Informa nº 118
LEONARDO BOFF

TRECHOS DA PALESTRA PROFERIDA NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DE 2005

“A Carta dos Direitos Humanos é antropocêntrica, só considera o ser humano, mas nós não somos os únicos filhos e filhas da Terra. Não somos só nós que usamos a biosfera. Todos os seres vivos, as plantas, os animais os micro-organismos, também são irmãos e irmãs nossos. Eles têm direitos. A Terra, como planeta, tem dignidade, então se trataria de completar essa visão de dignidade, que nós fazemos votos com essa divulgação.

Vamos lentamente incorporando essa visão, dando um salto no nosso estado de consciência, para o nosso cuidado, a nossa responsabilidade para o futuro comum: Terra e Humanidade.

(...)

Nós formamos uma comunidade com muitos irmãos e irmãs.

O documento também procura superar essa visão que fala de meio ambiente. O documento parte da convicção de que aquilo que de fato existe é comunidade de vida. Nós formamos uma comunidade com muitos irmãos e irmãs, primos, porque todos os seres vivos, outrora e hoje, têm o mesmo alfabeto genético. Temos os mesmos 20 aminoácidos e as mesmas 4 bases fosfatais. As formigas, as minhocas, os cavalos, os colibris, e nós, então somos irmãos e irmãs. Há um laço de parentesco, diz o documento, entre todos nós. Então, superada essa visão fechada sobre nós, abrimo-nos para a grande comunidade de vida, para uma democracia sócio-cósmica que envolve todos os seres vivos.

PAULO FREIRE

(...) De nada adianta ensinar a pescar, se quem pesca não pode comer o que pescou. Se pesca para que outro coma. Se pesca para que o fruto de sua pesca entre na circulação que conduz o lucro para as mãos de uns poucos. Sem dúvida, ensinar a pescar é muito mais pedagógico do que dar o peixe. Mas será uma pedagogia estéril e conivente com o sistema capitalista se este saber pescar não estiver inserido numa sociedade onde quem pesca possa comer o que pescou. E é esta a nova palavra de ordem da educação para a liberdade: QUEM PESCA, QUE POSSA COMER O QUE PESCOU... e repartir com seus irmãos e festejar com seus irmãos numa mesa farta. Mesa esta fruto do seu trabalho, onde comam todos os que produziram e não apenas se satisfaçam com as migalhas da mesa dos que nunca produzem o que comem.

TEXTO EXTRAÍDO A PARTIR DA FALA DE PAULO FREIRE
NO VÍDEO "PEDAGOGIA"

Os problemas relacionados com a educação não são somente problemas pedagógico, são políticos e éticos.

Pergunta: Qual é a nossa compreensão do ato de ensinar?
E qual é a nossa compreensão do ato de aprender?
Foi exatamente a partir daí que fiz a crítica ao que chamei de educação bancária.

Não podes ensinar a amar, teu tens que amar
A única forma que tu tens de ensinar a amar, é amando.
O amor é a transformação definitiva.

É preciso saber partir do universo de onde os educandos estão:
universo cultural, ideológico, político...

Educador tem que ser sensível, estético, tem que ter gosto porque a educação é uma obra de arte, o educador tem que ser ético, respeitar os limites das pessoas.

Eu não posso entrar em ti e desrespeitar-te
Eu devo respeitar seus sonhos
Devo respeitar seus medos,
Mas devo também tocar estes medos!
como faz o psicanalista, às vezes

Se trabalhas com um grupo metido no silêncio,
É preciso encontrar caminho para que se rompa o silêncio

Não há receitas para isso
É preciso encontrar
O caminho certo para se alcançar a essência do silêncio.

Se o grupo me quer escutar,
Não posso negar-lhe minha voz.
Em seguida, demonstro que também necessito de sua voz!
Minha voz não tem sentido sem a voz do grupo.

O ponto de partida da educação está no contexto cultural, ideológico,
político, social dos educandos.
Não importa que este contexto seja difícil.
Uma das tarefas do educador é reverter isso.
É neste sentido que o educador também é um artista.
Ele reacende o mundo,
Ele refaz o mundo,
Ele revela o mundo,
Ele reencanta o mundo!

(Paulo freire fala em espanhol, esta é uma tradução.
O vídeo está no site <http://www.Youtube.Com/watch?V=zwri7po8uhu>

CLUBE DE TROCA MÃOS UNIDAS CONTA COM APOIO DA PASTORAL DA AÇÃO SOCIAL DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO - CURITIBA

Leonídia Catarino

PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO PASTORAL DE AÇÃO SOCIAL E SOLIDARIEDADE HISTÓRICO AÇÃO SOCIAL

INÍCIO DA PASTORAL

A preocupação com os mais carentes é uma realidade no seio da Igreja. Podemos ver na página 06 o depoimento da Senhora Léa Pivova, que participou no início. Com a participação dos casais no Movimento Família Rumo a Cristo, novas lideranças se mobilizaram em unir a comunidade para atender aos necessitados da Paróquia.

Em 1998, estava colaborando na Pastoral da Criança, junto com Maria do Carmo, quando sentimos a necessidade de ampliar este trabalho para toda família, pois fazíamos visitas nas casas e víamos o sofrimento do pai desempregado, da mãe sem ter o que colocar nas panelas, crianças doentes, sem condições de higiene, algumas fora da escola; senhoras idosas precisando de curativos e cuidados especiais.

Sempre foram feitas campanhas na Paróquia, para atender necessidades urgentes, como a “Campanha do Agasalho”, porém, era pouco, precisávamos mais.

Em meados do ano de 1999, pegávamos o carro e saíamos fazer as visitas para algumas famílias. As doações deixadas na secretaria, colocávamos no carro e seguíamos em frente. Quando chegávamos nas casas, sempre éramos atendidas com um sorriso nos lábios e um olhar de esperança para amenizar suas dificuldades.

ABERTURA DA SEDE DA AÇÃO SOCIAL:

Neste mesmo ano foi fechado o Posto de Saúde Saza Lates, uma entidade de iniciativa particular, que ficava ao lado da secretaria paroquial, no qual trabalhou a Dr^a Zilda Arns Neumann. Era muito procurado e conhecido no bairro. A entidade fechou suas portas, por falta de condições financeiras para se manter.

Com a casa vazia, solicitamos ao Padre Willian que nos cedesse uma peça para que pudéssemos colocar ali as doações e separar as roupas e alimentos. Ele prontamente nos deu a chave. Começamos com uma peça e fomos ampliando conforme foram surgindo as necessidades, até a casa ficar como está atualmente.

Precisávamos nos capacitar. Fomos então fazer Cursos na Ação Social do Paraná, juntamente com Padre Clarence, para atender melhor as pessoas mais pobres, pois elas precisam ser tratadas com dignidade, respeito e carinho.

A mística de nosso trabalho é a do Bom Pastor, pois o Bom Pastor conhece as suas ovelhas. Acreditamos que poderíamos ser um instrumento de Transformação Social. Implantamos uma metodologia em processo de permanente construção, inspirados na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire incentivando a democracia, o diálogo, a consciência crítica, o exercício da escuta e da reflexão.

IMPLANTAÇÃO DO CLUBE DE TROCAS:

Os Clubes de Trocas tiveram origem simultaneamente no Canadá, Ilhas de Vancouver e Argentina em 1995, como uma alternativa de Economia Solidária.

No Paraná a experiência iniciou-se em 1999. E em Curitiba em 2001, a AEC Associação de Educação Católica promoveu um curso em 4 etapas, com o tema “Geração de Renda, Cooperativismo e Economia Solidária”, assessorado pelo CEFURIA Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, que são nossos parceiros até hoje.

Em nossa Paróquia iniciamos em 2007, foi um processo lento, um árduo período de construção/desconstrução de saberes, processo que envolve todo o movimento de crescimento, tanto individual como coletivo.

Nos Clubes de Trocas usamos a moeda social chamada “PINHÃO”. Esta moeda tem a função de facilitar as trocas. É uma moeda que não pode ser acumulada nem vendida, e os participantes a recebem sob a forma de empréstimo. O controle é feito pelo próprio grupo. A moeda social tem também a função de questionar o sistema capitalista que tem no lucro e no dinheiro, o seu “deus”. Em junho do ano passado foi realizada em nossa Paróquia, a 1ª Feira de Clubes de Trocas, da cidade de Curitiba. Vieram dezenas de pessoas de toda a cidade para vivenciar a nova experiência. Houve uma ótima divulgação, com a vinda de emissoras de TV e Rádio; inclusive a Canção Nova se fez presente para cobrir este evento.

Ano passado também fizemos uma nova parceria, muito importante com a FAS Fundação de Ação Social, onde iniciamos uma série de cursos para as consumidoras solidárias. Também foi facilitada a implantação do cadastro de Bolsa Família e o Armazém da Família.

O SONHO NÃO ACABOU

Iniciamos o trabalho com 5 famílias, hoje estamos com 34 famílias cadastradas.

Temos fé e certeza que ainda vamos tornar o nosso sonho em realidade de ver um mundo melhor, com mais dignidade, mais solidariedade, mais fraternidade.

RELATO DE UMA PARTICIPANTE DO CLUBE DE TROCAS

“- Aqui tem compreensão, solidariedade; respeito. Aqui não somos discriminados, tem lugar em

que a gente vai e olham atravessado. Aqui não importa sua classe, que seja rico ou pobre, preto ou branco. É uma pessoa. Isso me dá confiança, grande força! Tem lugares que nem te olham nos olhos, não te ouvem. E aqui isso não acontece, aqui todos sabem dos problemas de todos, todos ouvem, se interessam. Nós ajudamos e somos ajudados.”

OUTROS SERVIÇOS

Durante o ano inteiro tivemos a Terapia Comunitária na Ação Social aberta a qualquer pessoa que queira participar. Ministrada pela querida terapeuta formada pelo HC: Mery. Informamos que neste ano as terapias irão continuar. Dias e horários na secretaria paroquial.

PASTORAL DA AÇÃO SOCIAL NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA

Atualmente a Arquidiocese de Curitiba está organizada em Doze Comissões Pastorais, em seu XVI Plano da Ação Evangelizadora, em sintonia com as Diretrizes da CNBB

A Pastoral da Ação Social está inserida, na 3ª Comissão: a Dimensão Social.

O Objetivo proposto por este plano é:

**“EVANGELIZAR
A PARTIR DO ENCONTRO COM
JESUS CRISTO,
COMO DISCÍPULOS
MISSIONÁRIOS,
À LUZ DA EVANGÉLICA OPÇÃO
PREFERENCIAL
PELOS POBRES,
PROMOVENDO A DIGNIDADE
DA PESSOA,
RENOVANDO A COMUNIDADE,
PARTICIPANDO DA
CONSTRUÇÃO DE UMA
SOCIEDADE
JUSTA E SOLIDÁRIA
PARA QUE TODOS TENHAM
VIDA EM ABUNDÂNCIA”.**



AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela nossa vida e pela nossa família, pelo nosso trabalho, pela nossa saúde.

Agradeço também a todas as pessoas que neste período estiveram conosco neste trabalho, não vou citar nomes, pois foram muitas pessoas e não quero ser injusta com ninguém. Agradeço a atual equipe, sempre unida e perseverante tanto no sol quanto na chuva. a toda Comunidade que nos faz doações.

A todas as Pastorais que nos apoiam sempre se prontificando a nos ajudar em nossos eventos.

Ao Jornal “O Chamado” que nos brinda todos os meses com matérias maravilhosas e nos promove com a publicação de nossos demonstrativos de doações. Lembro que as doações também acontecem com a entrega do jornal O CHAMADO nas casas, pelas Mensageiras das Capelinhas, as “formiguinhas de Deus”.

UM PEDIDO

Queremos pedir que olhem com carinho para esta Pastoral, o prédio que estamos usando já existe a mais de meio século, foi a casa do saudoso Padre Júlio Saavedra. Precisamos com urgência, construir uma casa nova, com mais capacidade para receber pessoas com deficiência físicas, com infra-estrutura para atender mais pessoas. E que tenha também mais segurança.

Venha você também ser um voluntário, junte-se a nós.

Todas as terças e quintas-feiras das 14h as 17h.

Leonídia Catarino

CLUBES DE TROCA

Rompendo o silêncio, construindo outra história

Este livro apresenta a sistematização de uma prática de educação popular que vem sendo desenvolvida pelo CEFURIA desde 2001, na área da economia solidária.

O que significa economia solidária? Quais são os maiores desafios? Potencialidades? Como se dá o diálogo com a educação popular? O que aprendemos nos dez anos de existência dos clubes de troca da Rede Pinhão? Estamos avançando na construção do poder popular?

Estas e outras questões são refletidas por quem constrói os clubes de troca da Rede Pinhão: participantes dos grupos, assistentes sociais, estudantes, educadoras e educadores populares. O diálogo se faz com quem vivencia a economia solidária no seu cotidiano. São muitos rostos, vozes, práticas, idéias, lutas e saberes que têm o poder de construir outra história.

Busca-se, com este livro, contribuir para o fortalecimento dos clubes de troca da Rede Pinhão, do movimento de economia solidária e avançar na construção de uma economia a serviço da vida.

Apoio:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK